

Rev. 1325

SERÕES



JULHO

N.º 49

PARQUE VACCINOGENICO DE LISBOA

FUNDADO EM 1888

Vaccina animal contra as bexigas—Verdadeiro cow-pox

30, Avenida D. Amelia, 30

Proprietario e Director: **CARLOS MONIZ TAVARES**

Endereço telegraphico: **Vaccina**

Numero telephonic: **548**

Os animaes que servem á producção da vaccina, escrupulosamente escolhidos, só são inoculados depois de estarem uns dias em observação e adquirida a certeza do seu bom estado sanitario.

A vaccina, antes de ser posta á venda, em tubos ou placas, soffre exame bacteriologico e ensaios clinicos, de modo a poder assegurar-se a sua pureza e efficacia.

Tubos ou placas com vaccina para 1 a 5 pessoas	300 réis
Tubos ou placas com vaccina para 10 pessoas	800 »
Frascos com vaccina para 50 pessoas.	4\$000 »

A vaccina deve ser empregada tal como está nos tubos ou placas sem addeicionamento de substancia alguma.

A vaccina deve ser conservada ao abrigo da luz e da humidade e em local cuja temperatura não exceda 20° centigrados, sob pena de se attenuar a sua virulencia.

Vaccinações no Parque, em todos os dias uteis, das 2 ás 4 horas da tarde	1\$200 réis
A's quartas feiras, vaccinações com vaccina tirada da vitella, com o animal á vista.	2\$000 »

Preços especiaes para vaccinações em collegios

FORNECIMENTOS PARA CAMARAS MUNICIPAES

Para **Africa e Brazil**, acondicionamento especial de fórmula a assegurar a chegada da vaccina ao seu destino em perfeito estado de conservação e efficacia.

Todos os pedidos de vaccina feitos pelo correio ou por telegramma, são satisfeitos immediatamente, seja qual fôr a quantidade

SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

SEGUNDA SÉRIE — VOLUME IX



LISBOA

LIVRARIA FERREIRA — EDITORA

132 — RUA DO OURO — 138

Composto e impresso na Typographia do Anuario Commercial

Praça dos Restauradores, 27

1909

Summario

<u>MAGAZINE</u>	PAG.
ARVORE CURIOSA (Frontespicio)	2
A JOIA ARTISTICA (11 illustrações e 2 vinhetas) por F. DA SILVA PASSOS	3
A SÉ DA GUARDA (6 illustrações) por HIPPOLYTO RAPOSÓ	10
DOIS INFINITOS (<i>Versos</i>) de JULIO SEABRA	16
DIPLOMATA, MAS ARTISTA... (4 illustrações e 2 vinhetas) por SIL	17
A CANÇÃO DAS PERDIDAS (<i>Versos</i>) de AUGUSTO GIL	21
O AMOR MATERNAL DOS ANIMAES (9 illustrações e 1 vinheta) por VICTOR RIBEIRO	22
SCENAS DO CAMPO (<i>Versos</i>) de PEDRO PESSOA	28
A VOLTA D'HERCULES (<i>Versos</i>) de MARIO D'ALMEIDA	29
PENELOPE (1 illustração e 1 vinheta) por COSTA MACEDO	32
FÓRMA (<i>Versos</i>) de OSCAR BRISOLLA	39
MARINHA (<i>Versos</i>) de M. JOAQUIM DIAS	40
A ESCOLA DO LAR (1 vinheta) por F. ADOLPHO COELHO	42
AO RIBATEJO (<i>Versos</i>) de JAYME VICTOR	46
ALFREDO DE ANDRADE (1 vinheta) por BEL-CHIOR	47
O DEFUNTO (<i>Versos</i>) de JOÃO PENHA	48
UMA VIAGEM Á VOLTA DO ROCIO (5 illustrações e 1 vinheta) de RICARDO DE SOUZA	49
SONETO D'AMOR — O AMOR DOS HOMENS (<i>Versos</i>) de PEDROSO RODRIGUES	57
OS BASTIDORES DO NIHILISMO (<i>Conclusão</i>) (1 illustração e 1 vinheta) traducção do inglez por EDUARDO DE NORONHA	58
O CABELLO DA PRINCEZA ROSABELLA (<i>Conclusão</i>) (1 illustração)	67
ECCOS E REFLEXOS (33 illustrações)	71
<u>A MUSICA DOS SERÕES</u>	
POEMA D'AMOR pela VISCONDESSA DE FARIA PINHO	4 pag.

DIRECTOR LITTERARIO

Eduardo de Noronha

Serões

ADMINISTRADOR

Caldeira Pires

Propriedade da **LIVRARIA FERREIRA**

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

Praça dos Restauradores, 27

LISBOA

(PASSAGEM DO ANUARIO COMMERCIAL)

Telephone **805**

ANNUNCIOS

A administração dos *Serões*, revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos *Serões*, nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção

1 pagina	6\$000 réis
1/2 pagina	3\$500 »
1/4 pagina	2\$000 »

Por um anno, ou sejam, 12 inserções

1 pagina	70\$000 réis
1/2 pagina	40\$000 »
1/4 pagina	20\$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos *Serões* encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

Pequenos annuncios: 5 linhas, em columna de 1/3 da largura de pagina, 300 réis cada inserção.

Condições de assignatura

A assignatura dos *Serões*, é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha....	{ Anno	2\$200 réis
	{ Semestre	1\$200 »
	{ Trimestre	600 »
Para o Brazil (moeda fraca)	- Anno	12\$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro...	- Anno	15 fr.

NUMERO AVULSO, 200 RÉIS

ADMINISTRAÇÃO DOS *Serões*

Praça dos Restauradores (Passagem do Anuario Commercial) 27

Telephone **805**

LISBOA

Revista bibliographica universal

Tres capitaes, por José Augusto Corrêa. — Trata-se das duas grandes capitaes da America do Sul: o Rio de Janeiro e Buenos-Ayres, e de Montevideu, a capital do pequeno estado da Republica Oriental do Uruguay, que não deixa de ser picante comparar assim com os dois grandes emporios citadinos seus vizinhos do Brazil e da Argentina. A respeito das tres cidades sul-americanas, fornece o auctor interessantes noticias e informações historicas e estatísticas, além da respectiva parte descriptiva.

L'Amérique litteraire et ses écrivains. — E' um livro precioso para a historia da litteratura, escripto por George E. Woodberry, professor de litteratura comparada na Universidade de Columbia. Contém nove photogravuras e está traduzida em francês por Achilles Laurent.

A questão feminista. — E' uma bella dissertação de Jayme de Almeida, que trata da fórma levantada e sobre bases scientificas, a magna questão do feminismo. A leitura d'esse erudito esboço critico, facil, e attrahente, deixa-nos uma impressão agradabilissima e substanciosa. A parte material, constituida por um elegante volume de 134 paginas, é cuidada e artistica.

Le Talion — Romance de sensação de Victor Marguerite. O seu exito tem sido tão retumbante que já conta cincoenta edições. 320 paginas: Bibliothèque-Charpentier.

Les peintres illustres — Rembrandt. Com oito reproduções fac-simile a côres. Encadernação de luxo. Oitenta paginas de texto. Preço 1 fr. e 95 cent.

Le mariage de Mademoiselle Gimel dactylographe — Uma adoravel novela de René Bazin, da Academia Francêsa. Preço 3 fr. e 50 cent. 365 paginas — Calmann Levy.

Bob fils de Bataille — Soberbo romance de Alfredo Olivant, adaptado do inglês por Mademoiselle Dupin de Saint-André. 336 paginas. Preço 3 fr. e 50 cent. — Edição de Pierre Lafite, que pode, diz o editor, ser lido por toda a gente.

Echalote et ses amants — Romance de costumes de Montmartre, de Jeanne Landre, com illustrações e capa colorida de Widhopff. 300 paginas. Preço 3 fr. e 50 cent.

Le Japon moderne — Son evolution. Um bello livro de estudo e de impressões de Ludavio Nandeau, redactor da folha parisiense *Le Journal* e correspondente de guerra no Extremo Oriente durante a campanha russo-japonesa. 404 paginas. Preço 3 fr. e 50 cent.

Histoire de la création — Celebre obra de Ernest Horeck, illustrada com dezasete desenhos, vinte gravuras em madeira, vinte e uma arvores genealogicas e uma carta. 600 paginas. Preço 3 fr.

Les peintres illustres — Vigée Le Brun. Com oito reproduções fac-simile a côres. Encadernação de luxo. Oitenta paginas de texto. Preço 1 fr. e 95 cent.

La naissance de l'intelligence — Uma das mais elogiadas obras do dr. Georges Bohn, illustrada com quarenta desenhos de diversos tamanhos. 350 paginas. Preço 3 fr. e 50 cent.

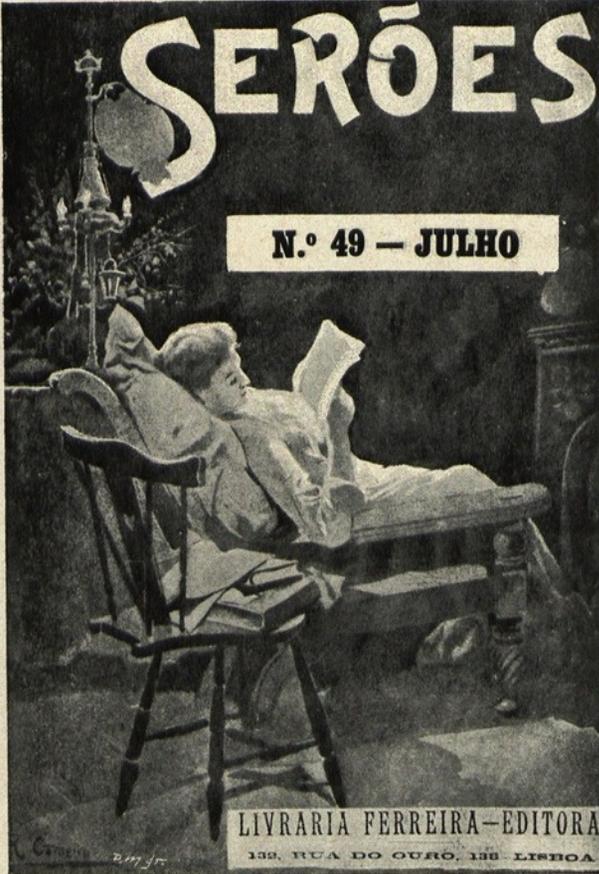
Por absoluta falta de espaço não publicamos neste numero as apreciações de bastantes livros, que amavelmente nos teem sido enviados. Desempenhar-nos-hemos gostosamente d'esta missão no proximo numero.

Todos estes livros se encontram á venda na Livraria Ferreira, Rua do Ouro, 132 a 138, Lisboa.

Avis. — Les titres de tous les ouvrages dont deux exemplaires auront été envoyés à la redaction des *SERÖES*, seront le sujet soit d'un compte-rendu, soit d'une mention spéciale, selon l'opportunité reconnue de la publication.

SERÕES

N.º 49 — JULHO



LIVRARIA FERREIRA—EDITORA

139, RUA DO OURO, 138 LISBOA



Árvore sem flôres,
Sem folhas, sem fructos
Que Outomno despiu
Que fructo d'amores,
De paternaes cultos,
Para ti subiu!

Estrella radiosa,
De pureza infinda,
Sobre ti descança:
Árvore ditosa!
Onde ha flôr tão linda
Como esta creança?

ARVORE CURIOSA



A JOIA ARTISTICA

I

A joia moderna em Portugal — René Lalique e a joalheria franceza — O que é a joia moderna

que seja a joia artistica não o poderiam dizer actualmente (e creio que nunca) as vitrines dos nossos joalheiros. Isso de resto não admira. Mesmo nos grandes centros d'arte o que no mercado corre não é de preferencia o objecto digno de museu. No nosso meio, entretanto, nem nas vitrines, nem nos museus, nem nas mãos de particulares, se encontra o que com propriedade se deve chamar — a joia artistica.

Bem ficaria aqui, em vez do artigo que começo a escrever, um complexo resumo da historia e da evolução da joia d'arte.

Não se compadece, porém, com a indole dos *Serões*, um *magazine*, o que sómente se pôde e deve tratar nas columnas hospitaleiras d'uma Revista d'arte.

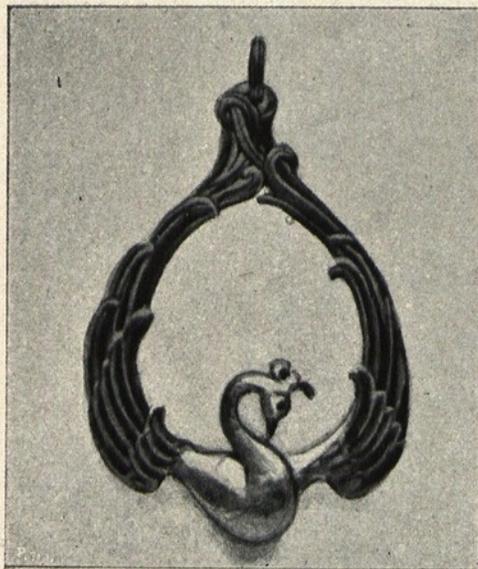
Nem para isso che-

gariam as noções inda mal seguras d'um estudioso, como eu, longe da auctoridade magestosa dos eruditos.

Procurarei portanto tocar levemente o assumpto, sob todos os aspectos intereressantes, pondo mais da minha entusiastica admiração do que da rigidez critica do meu espirito indisciplinado.

A joia que em Portugal teve, como em quasi todos os paizes, distintos cultores, seguindo o calvario amargo da obra d'arte em geral, entrou n'uma franca decadencia depois da invasão franceza, mais ou menos, para cá.

Mas, ao passo que os outros ramos d'arte, pouco a pouco, com as desigualdades proprias d'um meio em que a transição açambarca largos annos sem que systema apreciavel de politica consiga estabilisar



PENDENTE EM OIRO, ESMALTES E PEROLAS

Nas duas reproducções, que apresentamos, de trabalhos d'este artista nota-se bem o traço caracteristico que personalisa todas as suas obras.

De Marcel Bing

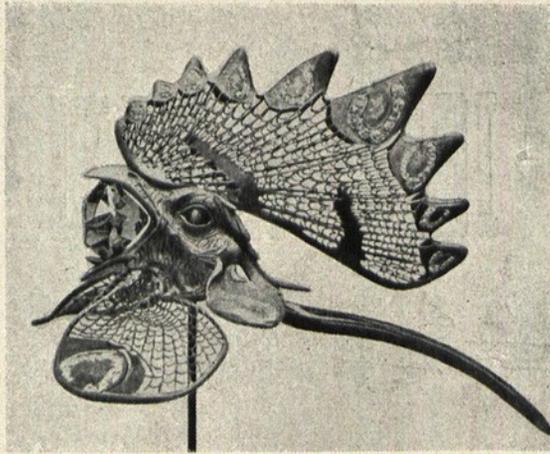
os costumes e ainda mais as orientações, definindo-as claramente, ao passo que as vulgarmente consideradas *bellas artes* têm conseguido, hoje mais, amanhã menos, mas sempre, embora intermitentemente, restabelecer-se e progredir — a arte de trabalhar o metal precioso e dispôr a pedra como detalhe valioso de côr, essa mais e mais tem vindo a decahir no nosso meio, tornando-se profundamente banal e inesthetica.

Já quando concluíra a ausencia completa de arte na moderna joalheria portugueza, fui desencantar n'uma ourivesaria da rua de Santo Antão um *pendente* e um broche, obra do Porto, com seus visos d'arte.

Mas que rudimentar factura! Era o broche um braço cravejado de brilhantes e o *pendente*, em ouro e suspendendo uma aguia cinzelada, tinha a marcar-lhe o preço elevado um pequeno brilhante, que nas garras a aguia segurava. Era já um muito pouco do que eu desejava encontrar. Mas era completamente defeituosa a cinzelagem!

Era como que um desenho primitivo dos troglodytas, comparado com um bom quadro de Watteau, se ao lado d'esses citados trabalhos pozessesmos uma qualquer joia das que figuram nas exposições francezas de arte decorativa.

A fallencia da arte na ourivesaria está absolu-



GANCHO DE CABELLO

Esta joia de Lalique é uma das mais celebres. O gallo segura no bico um enorme topazio. A cabeça é decorada com esmaltes e pequenos brilhantes.

De René Lalique

que a «ressurreição» da *joia d'arte*, hoje traçada sobre novos motivos, tentando fixar novas orientações estheticas.

A joia moderna tem em René Lalique o seu mais notavel cultor e mais complexo renovador.

Não, como em épocas passadas, se creou ainda um estylo preponderante, uma expressão nitida do sentimento artistico das sociedades d'hoje. Mas não se permite a ignorancia de que atravessamos a mais agitada época da Historia. Complicados systemas philosophicos se debatem sem que nenhum d'elles prepondere, novas descobertas nas sciencias abrem todos os dias variadas valvulas, logo sahidias vastas, por onde as intelligencias se perdem alucinadamente, á busca d'uma segura verdade;... muitos caminhos largos abertos ao nosso ancear, e qual d'elles o de mais certo fructo?... E é n'esta duvida, n'esta



PENDENTE

(OIRO, ESMALTES, MARFIM E PEROLAS)

De Marcel Bing

inconstante busca do Bello, fixo ideal de todas as gerações, que o nosso espirito se debate. Variadas são as estradas que trilhamos, variada tem de ser também a exteriorisação da nossa maneira de sentir. Esta é a razão, exposta succintamente em dois, simples traços, porque não deu ainda a nossa época uma estylisação geral e complexa do nosso sentimento.

E, sobre o que fica dito, não é na propria época que se encontra o seu estylo preponderante. Apenas, quando um novo tempo surge, os que depois d'ella vieram, fóra, pois, das suas aspirações e influencias, é que poderão, na fria contemplação das suas obras, encontrar os traços communs que as ligam num estylo definido.

Mas só uma idéa que se universalise pode ter força para inspirar simultaneamente todos os artistas na criação dum traço a todos commum.

Na joalheria, que é o assumpto ora tratado, o estylo, a maneira de René Lalique foi a que mais se impoz até agora. Mas, fatal resultante do cahotico avançar das sociedades de hoje, embora seja o mais cotado artista, não é elle um verdadeiro *mestre*. Porque, simplesmente, não tem discipulos.

O artista d'hoje não se contenta em ter a sua *maneira*. Quer mais: quer crear um estylo seu.

E' a mais completa indisciplina, reflexo das

luctas sociaes, dando a confusão, não permitindo mesmo o estabelecimento duma unica e definitiva formula d'arte.

Cada artista tem a sua fórmula; e a estreia da originalidade arrasta-o a systematicamente se affastar de tudo o que já foi estabelecido, embora esse affastamento o leve por vezes ao disparate que é no que se resume o *nephlibatismo*.

Isto é um facto lamentavel, mas é um facto. Cumpre-nos pois, e apenas, registal-o.

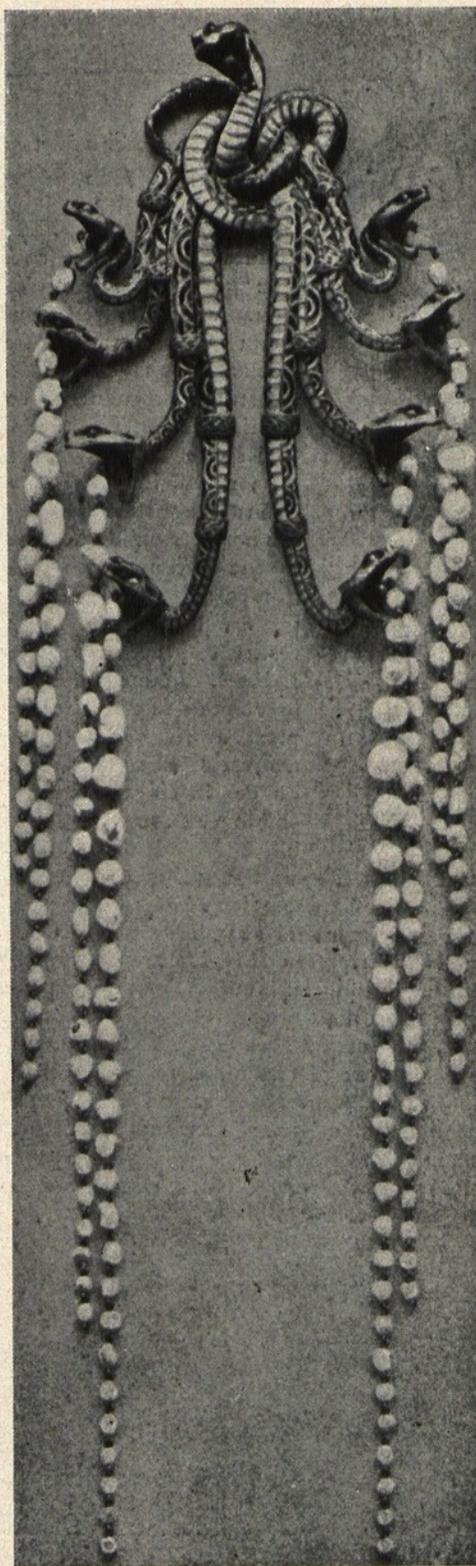
René Lalique, porém, é o artista que melhor pôde servir para fornecer dados para o estudo da joia moderna, revivescencia da joia d'arte.

A joia moderna busca seguir de perto a antiga joalheria artistica, a que forneceu o intenso colorido ás paginas luminosas da *Salamnbô* de Flaubert.

E' Pol Neveux que assim se exprime:

«... Sonha-se com as joias d'Homero, com os adereços usados pelas damas altivas das *memorias* de Cellini e dos *discursos* de Brantôme. E, instinctivamente, s'evoca *Salamnbô*...

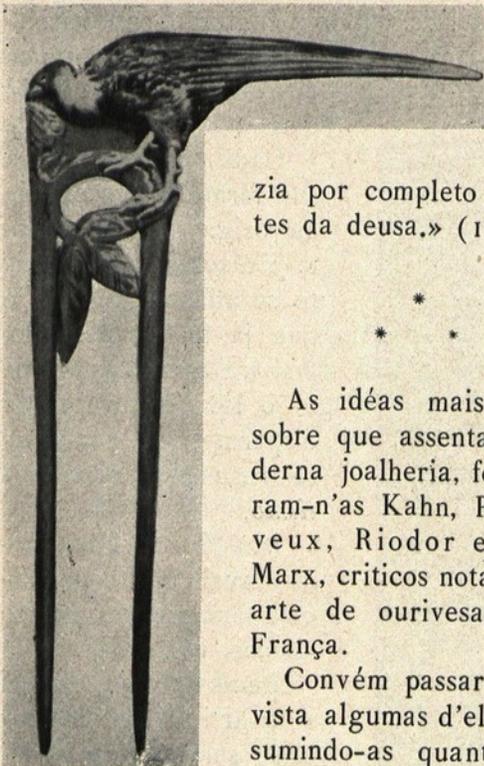
«Perolas de côres variadas desciam em compridos cachos das orelhas, por sobre os hombros, até lhe roçarem os cotovélos Ella trazia, em volta do pescoço, pequenas placas d'ouro quadrangulares representando uma mulher entre dois leões encabritados e o seu vestido reprodu-



PENDENTE, HYDRA
(OIRO, ESMALTE E PEROLAS)

D'um nó de serpentes torcidas sahem nove cabeças que se dispõem em leque, cuspindo perolas irregulares.

De René Lalique



GANCHO DE CABELLO (OIRO E ESMALTES).

Esta deliciosa joia é duma delicadeza atrahente na combinação discreta e saborosa dos esmaltes opalicos cinzelados.

De René Lalique

zia por completo as vestes da deusa.» (1)

* * *

As idéas mais claras sobre que assenta a moderna joalheria, formularam-n'as Kahn, Pol Neveux, Riodor e Roger Marx, criticos notaveis da arte de ourivesaria em França.

Convém passar em revista algumas d'ellas, resumindo-as quanto possível, sem lhes alterar de fórma alguma o sentido.

E' o que passamos a fazer.

«A joia deve existir por si mesma; tem o direito de se aproveitar de certas apresentações felizes, mas é preciso que conserve o seu sabor proprio, usada pela morena ou pela loira, pela feia ou pela joven, ostentada por

entre rendas preciosas ou fixa na vitrine d'um colleccionador. — Neveux.»

«As joias, diz Kahn, serão tão variadas quão diferentes e numerosos podem ser os aspectos da belleza e da elegancia.

«O papel do artista será, então, procurar e escolher entre as linhas e as côres que lhe offerece a Natureza as que podem convir-lhe para esse fim determinado; e é sobre estes elementos que a

sua arte deverá fazer correr o seu arabesco.»

E acrescenta: «A joia pôde, pois, ser concebida segundo a maneira de ser d'uma pessoa, e reflectil-a.»

Um adereço por seus detalhes, suas harmonias, curvas, elementos, pelo seu effeito geral, transcreve uma visão e uma esthetica pessoas.

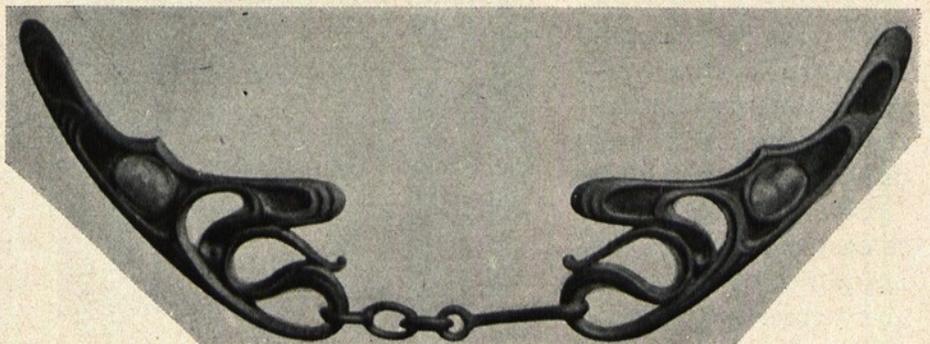
O ourives hodierno, deve ser a mais complexa personificação do *artista-artifice*. Deve conceber a sua obra e sabê-la executar.

Assim, o joalheiro deve ser esculptor, pintor, cinzelador, esmaltador, vidreiro... E' com uma amplitude infinita de talento que elle deve realizar a sua formula d'arte.

Assim Lalique — que, para o estudo dos seus trabalhos, executa télas e esculpturas que serão as *maquettes* das suas miudas obras e que são outras tantas obras d'arte. Não são em pequeno numero, no seu atelier, as estatuas de nymphas, d'attitudes de sonho, as esculpturas representando grupos equestres, as télas com paysagens evocadoras, grandes baixos relevos com scenas completas da Fabula, que mais não foram do que as *maquettes* de ganchos de cabelo, alfinetes de manta, pendants, *devant-le-corsages*, pulseiras, e brincos d'orelha...

E' porque a joia d'arte, a unica verdadeira joia, é um conjuncto de todas as artes; é um pequeno resumo de todas as suas bellezas, de que o homem se serve para seu mais intimo e constante enlevamento e de-leite.

E a joia moderna, na figuração multipla dos aspectos da Natureza, sua directa inspiradora, de todos os ramos d'arte lança mão para a expressão clara dos sentimentos que a idearam.



PRISÃO DE COLCHETE (OIRO, ESMALTE E PEROLAS)

De Colonna

(1) *Tanit*, a quem Salmambô se votára.

E' assim que o joalheiro moderno vae encontrar na flora, na fauna, nas meditações paradas das paisagens, os motivos para as suas obras. E, como toda a obra d'arte segundo Zola, a joia tambem pode ser *a natureza vista atravez d'um temperamento.*

Na joia moderna, a preciosidade da materia não mais se torna indispensavel. Isto não quer dizer que os metaes e as pedras preciosas não concorram esplendida e superiormente na factura da joia d'arte. Apenas se pretende exprimir que, dado que certo metal ou qualquer pedra encerra *um momento de belleza* já se tornam aptos para a confecção do

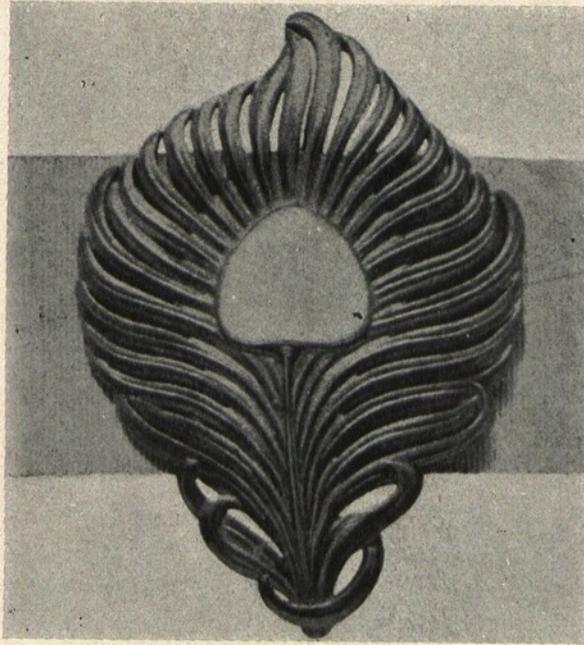
objecto artistico, de que se trata, embora o seu valor commercial seja inferior.

«O artista associa aos rubis, aos topazios, ás agathas, ás esmeraldas, ás turquezas, aos brilhantes, ás saphiras, o silex que se encontra á beira do caminhos e cujo polido acaricia como um olhar de creança...» Qual o brilhante que, por bem lapidado e limpido que seja, eguala em belleza evocadora, em sonho, em mysterio, *em saudade*, essa esplendida *pedra da lua*, tão desprezada e desconhecida, tão inferior em preço e tão grande em variedade de serenos coloridos?

Pois ella será, d'hoje em diante, com sua irmã a opála, a suavissima opála, uma das mais empregadas para o *avivar* da joia, visto que ella tanta belleza encerra.

«Depois, o artista alliará aos metaes preciosos, em ha-beis combinações, a platina, o

aço, o cobre, o estanho... E lançará mão até dos tecidos, cuja fragilidade não temerá irmanar ás placas cingeladas doiro e de prata.»



FIVELLA
De Colonna

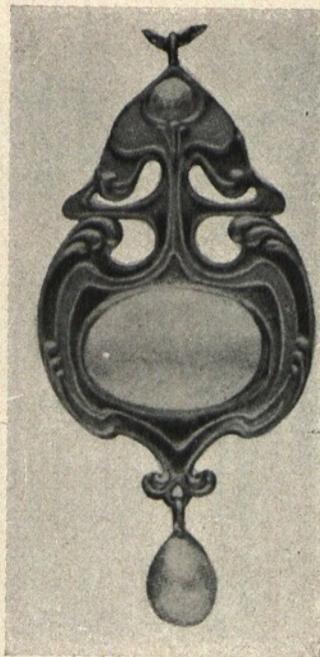
não é radicalmente affastada da nova joia.

Disseram os *parnasianos* para exprimir o que deveria ser o seu verso:

— *pas de sanglots humains
dans le chant des poètes!* —

e, entretanto, qual o bom parnasiano que não encheu as suas paginas dos estremecimentos da dôr dos homens? Assim a *formula* (sic) dos joalheiros modernos é — «fundar a joia sobre um principio d'arte, jamais sobre um principio de riqueza!» (Kahn) — Mas, aparte o valor esthetico da joia, qual o artista que a não recamou de valores nas pedras com que a decorou e no metal em que escreveu o seu poema corporisado!

Não tremam, pois, os que buscam na joia um titulo bancario! A joia moderna, além da arte, inda lança mão do oiro e do brilhante...



PENDENTE
(OIRO, CORNALINA E PEROLAS)
De Colonna

A joia moderna, tenta ainda ser o resumo e o complemento do vestuário. Essa é a idéa de Lalique, o mestre e o iniciador do movimento que revolucionou a joalheria em França.

Mas não serão as modas d'hoje, disparatadas e grosseiramente desarmônicas, os seus mais fieis auxiliares n'esse intento...

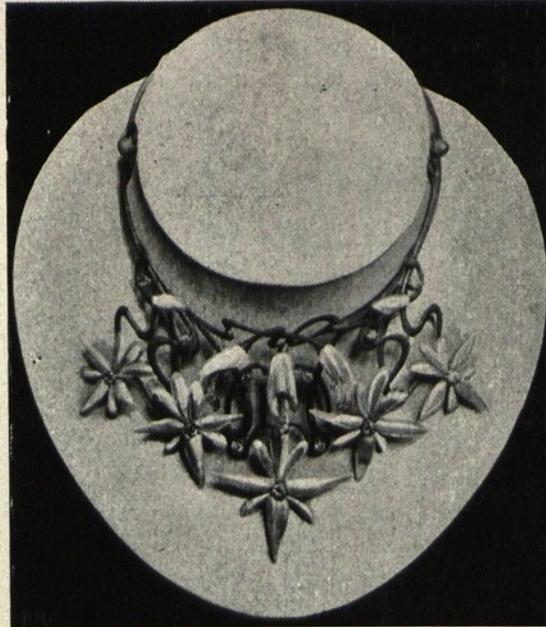
Realmente, que disparatado resultaria o conjunto d'um grande Lalique sobre um vestido á grega, na sombra d'um chapéo de metro e meio, especie de feltro da idade media que um pezadello exaggerasse!...

Mas a idéa persiste e, sómente pezando-a, se pôde honestamente criticar esse esforço e o seu resultado.

Lalique, se é bem certo que já proclamou a joia como uma obra d'arte independente do meio em que apparece, pretende hoje que a joia deve ser por assim dizer o resumo psicologico de quem a usa.

A joia pessoal deverá ser uma especie de retrato do seu possuidor; mas um retrato no genero do de Anthero do Quental pintado por Columbano.

E ahi temos pois uma nova orientação...



COLLAR (OIRO E PEROLAS)

E' uma das joias do auctor mais apreciadas. A delicadeza das flores é superiormente interpretada.

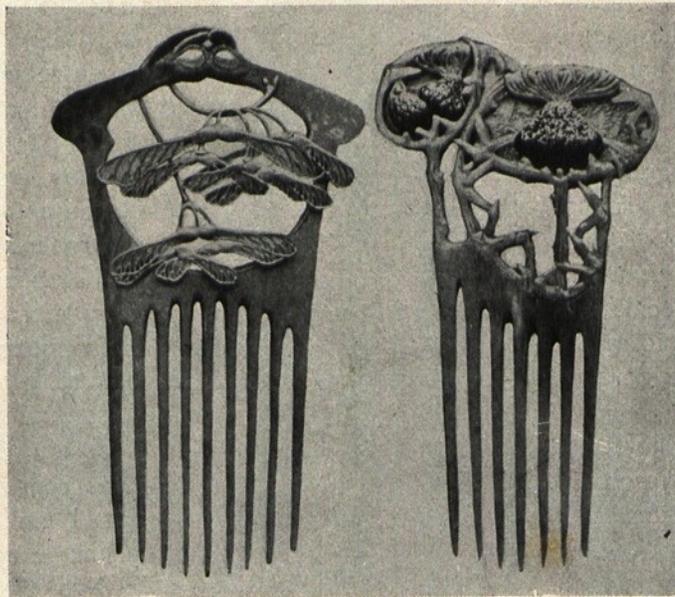
De Colonna

com nenhuma obra d'outro auctor.

Entretanto, será interessante conhecer de que fórma de exprimem os auctores de que falei.

Roger Marx, n'um dizer muito simples e pittoresco, acha que bem se pôde resumir toda a *função* da joia moderna na seguinte phrase: «é a reabilitação dos silex mal apreciados».

Kahn entende que a joia moderna é «o augmento e a libertação do vocabulario, para o estylo da joalheria, effectuando uma revolução semelhante á que fizeram rebentar os românticos para a lingua franceza, quando apagaram a



PENTES EM OSSO, OIRO E ESMALTES

O primeiro é ornamentado com perolas; tem por motivo a semente da Tilia.

De René Lalique

diferença entre palavras nobres e vulgares».

A phrase lapidar, que ha de ser a clara expressão do que é a joia moderna, inda está por dizer; e razão tem Kahn para affirmar que «a arte é multipla e absorve todas as fórmãs, como todas as fórmãs, engenhosamente empregadas, pódem applicar-se a todo e qualquer objecto d'arte. As elegancias da linha pura, schématica, interessam por si mesmas, e o arabesco pódé não ser mais do que um traço engenhosamente contornado: mas tambem bom será que nas suas volutas arraste, na pureza da sua linha, as bellezas dos relevos, a doçura dos reflexos, e a evocação na graça de tudo o que é a natureza».

Quizeramos dar nitidamente a noção do que deve entender-se por joia moderna, no mais puro sentido da expressão.

(Continúa.)

— Que joia moderna é tambem esse detestavel amontoamento de pedras, formando broches e *marquiães*, em que a suprema «belleza» reside na combinação banal do brilhante e do rubi, brilhante e saphira, brilhante e esmeralda: motivos de côr apenas; expressão de preciosidade, nada mais!

Mas queremos falar da *joia moderna artistica*. A verdadeira joia; o resto é uma especie de cofres-fortes portateis. Esses aneis, esses adereços, sem arte mas com muita riqueza, não me interessam n'este estudo. Valem muito, sem duvida, mas nada teem que ver com a Arte.

N'este artigo, como nos mais que se seguirão, tento, portanto, occupar-me da

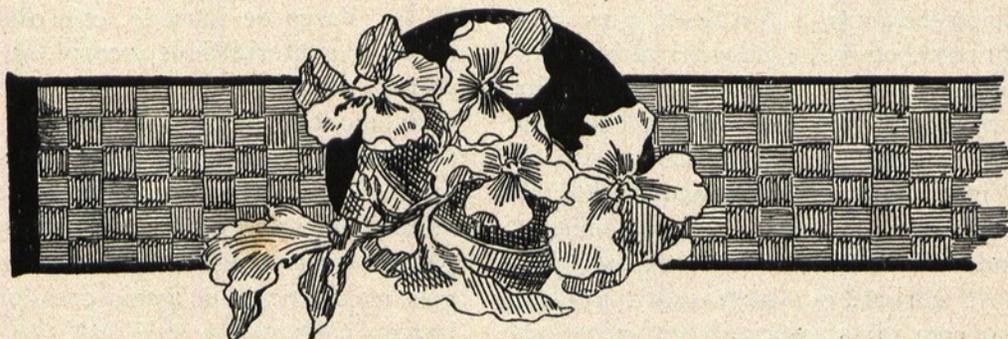
joia moderna, unicamente como objecto d'arte, preocupando-me apenas com o seu traço estético. Darei a seguir as minhas impressões sobre a obra dos artistas portuguezes que trabalham a joia segundo as modernas idéas estheticas, os quaes, sendo em pequeno numero, são, entretanto, bem dignos de figurar ao lado dos artistas estrangeiros.

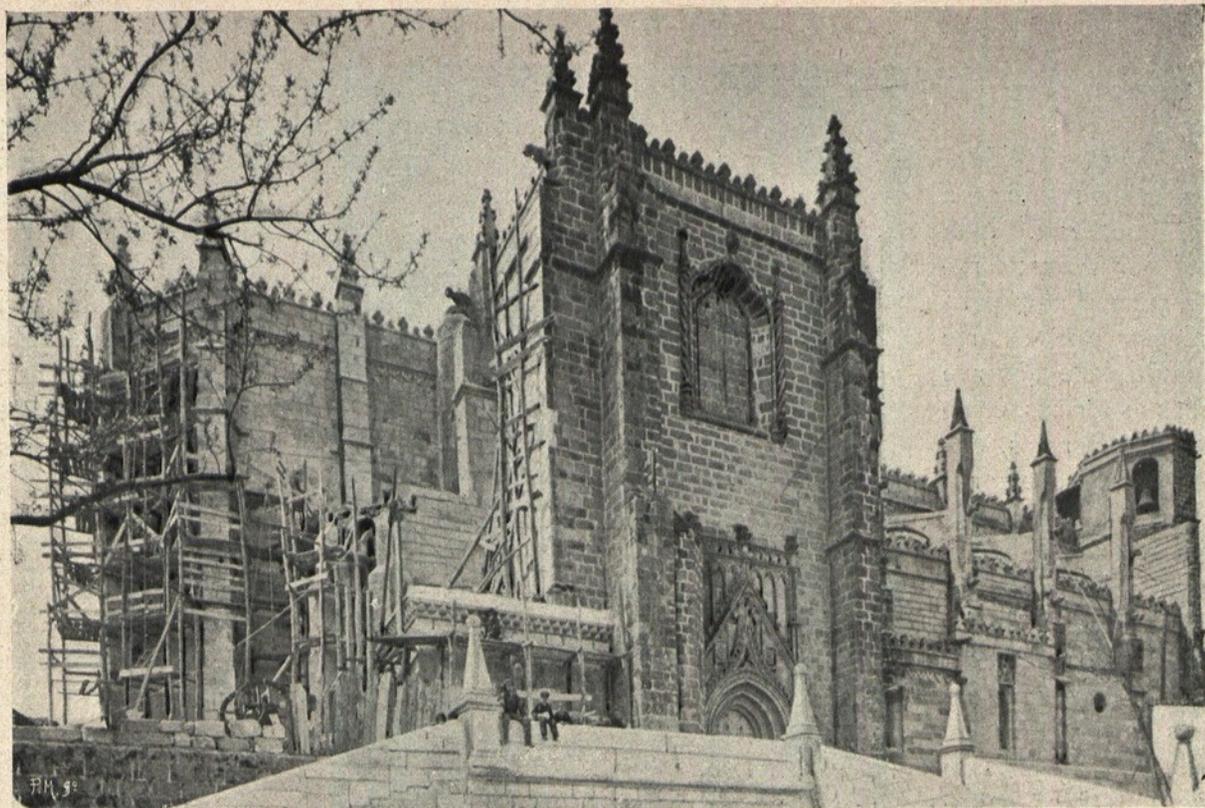
F. DA SILVA PASSOS.



CAVALLEIRO

Estudo em gesso para uma prisão de colchete
De Renè Lalique





FACHADA NORTE

A Sé da Guarda



ALMANÇOR, rei de Cordova, destruiu o celebre castello que Affonso Magno das Asturias erguera em Tintinholho, cingido de tres ordens de muralhas, para atalaiar a fronteira e resistir aos mouros de Alcantara e Egítania.

E quando Sancho I quiz povoar o reino, determinou levantar a fortaleza n'um planalto (1197), em volta da qual se iria edificando a cidade a que daria o nome o fim da construcção — *guardar* os mal-seguros dominios da nacionalidade nascente.

E a igreja que o Rei-Povoador edificara ao lado da nova fortaleza, dizia aos mouros rechaçados no campo, os limites geographicos da fé christã, a dilatar-se á custa das armas e com ellas associada em protectora alliança.

Por natural ruina ou demolida por alguma incursão mourisca, já não existia a

primitiva igreja, quando Sancho II erigiu outra no mesmo local, que tinha de ser sacrificada por D. Fernando para evitar que se fortificassem n'ella para o ataque, os castelhanos que invadiam o reino por aquellas partes.

De sorte que a Sé actual só pôde vir a ser começada com o reino tranquillo, em fins do seculo XIV, a instancias do Bispo D. Fr. Vasco de Lamego, com o forte prestigio da auctoridade episcopal, já com dois seculos de existencia.

Sabido que o gothico terciario era o estylo usado n'aquella época e não sendo elle originario da peninsula, occorre procurar a filiação historica d'essa arte famosa em que parece terem-se esgotado e fundido as energias mais intimas do genio creador da civilização medieval.

Os seculos XII, XIII e XIV marcam um renascimento prodigioso da piedade christã.

Extinguira-se havia muito o terror mille-

nario e os templos romanicos, pesados e hirtos, parecem a cristalização em pedra d'esse sentimento occulto que dominava as almas e enlutava os corações dos crentes e tinham alguma coisa de mysterioso e lugubre em seu aspecto scismador.

Os frescos e mosaicos eram visões apocalypticas, do interior insondado das cryptas parecia desprender-se o lamento do «de profundis» e nas misulas das arcadas era frequente ver insculpido o proprio demonio, a rir malevolmente.

Aos crentes terrificava-os a lembrança de que Deus deixara de ser misericordioso para ser severamente justo.

Na velha alliança da religião e da arte nunca esta a interpretou tão fielmente: as cathedraes eram lamentações.

As almas sempre torturadas pelo desejo de decifrar o mysterio da morte, encontra-

vam na obra d'arte um conforto provisório e por elle o esquecimento d'esse pesadelo tenebroso e louco.

As raças servas viam no christianismo um sonho de soffrimento e uma piedosa mentira, na construcção interminavel de templos a um Deus, pae de homens tão desirmannados...

O desafogo d'aquella oppressão de seculos chegou depois do anno 1000, em que a humanidade reconheceu ter escapado do prometido exterminio, e os templos deviam tor-

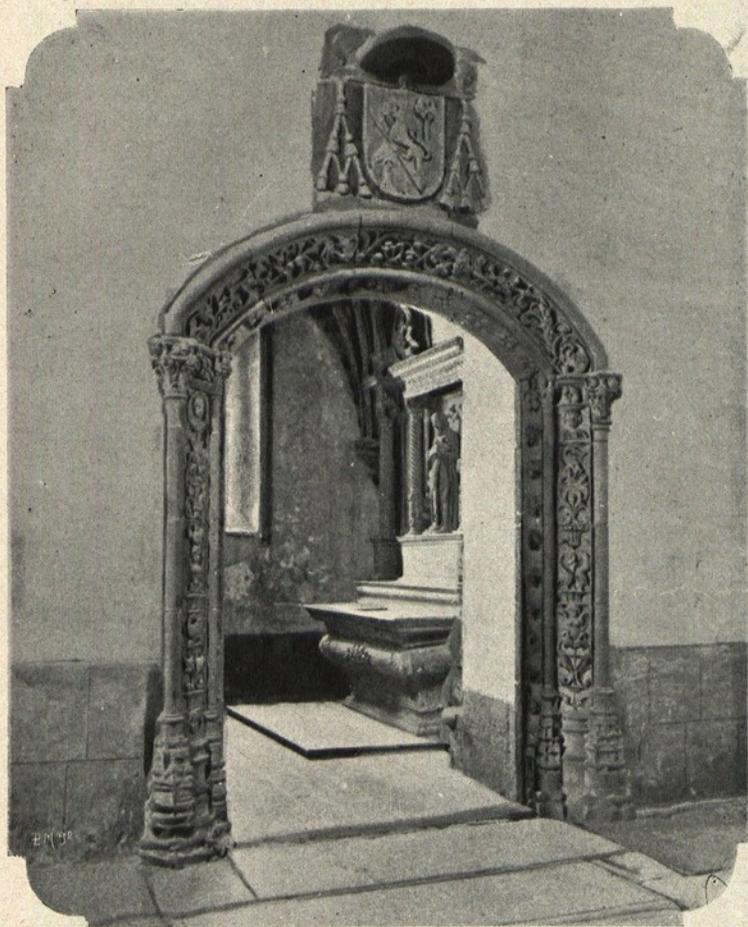
nar-se agora hymnos de amor glorificando a Deus em sua misericordia e bondade.

Torreões e flechas varavam as nuvens e as curvas da ogiva uniam-se amorosamente. «lembrando duas mãos erguidas ao ceu na anciancia eterna de tocar o infinito».

O sentimento d'essa libertação, favorecido por causas naturaes nos paizes nivosos e pela necessidade de ampliar os templos do christianismo-catholico, originaria talvez a ar-

chitectura gothica que pelo exagero deslumbrante dos ornatos no periodo decorativo e pela delicadeza das linhas, é um producto morbido de imaginações sobreexcitadas.

Mal cuidando da segurança na obsessão ornamental, lá ficavam depois escolas de artistas a conservar a rendilhada pedra das cathedraes que parecem a cada momento desprender-se da terra...



UMA DAS CAPELLAS LATERAES

Na phase terciaria ou flamante, deve o gothico ter sido trazido a Portugal pelos mestres das associações maçonicas, mandados vir por D. João I, provavelmente de Inglaterra, para cumprimento do voto á Virgem da Victoria.

Depois dos ultimos trabalhos criticos, ninguém ousará chamar á Batalha uma obra nacional, porque, em rigor, ella foi uma obra de encomenda que artistas inglezes vieram executar.

Se ella é um grito de liberdade, esse

grito foi erguido por estrangeiros, junto ao campo em que foi o mais illustre feito d'armas portuguezas. . .

Entre as numerosas construcções gothicas anteriores — castellos, igrejas e conventos

ria pensar-se que ellas fôsem dignos precedentes d'aquelle.

E' licito suppór, portanto, como é natural, que a Batalha fôsse o centro d'onde irradiaram para a provincia os constructores já educados no gosto da nova phase de estylo (1).

A Sé da Guarda, por esse tempo principiada sob a egide auspiciosa de el-rei D. João I, deve pois derivar da Batalha e como ella havia de ser de construcção demorada e irregular pelo espaço de cerca de 150 annos.

E, se o confronto simples não justifica tal afinidade, deixa manter aquella conclusão a dureza do granito que impediu a estatuaría decorativa que falta no exterior e que motivou a ausencia de ornatos no periodo em que elles predominavam, dando á Sé o falso aspecto de uma construcção *secundaria*.

De resto, se os obreiros, alguns, fôsem inglezes, deveriam encontrar o meio proprio para a edificação n'aquella



PORTA PRINCIPAL E TORRES

— que cobriram o paiz sob o governo fecundo e auspicioso do Rei-Lavrador, na segunda metade do seculo XIV, e o mosteiro da Batalha, é tal a differença constructiva e ornamental que muito difficilmente pode-

altitude onde as neves poisam em grande parte do anno e onde ficariam melhor que

(1) Joaquim de Vasconcellos — *Arte e Natureza em Portugal*, vol. VIII.

na Batalha as altíssimas flechas e declives que alliviassem as abobadas do peso da agua congelada...

A Sé, erguida agora, foi impedida pela natureza de estylizar convenientemente a sua época e representa simplesmente uma obra de piedade ou uma exigencia tradicional, perdido já o motivo politico de Sancho I.

E a evolução seguida pela arte ogival no decurso da construção, através do seculo xv, obsteu ainda a que se respeitasse a traça ou plano primitivo, se alguma vez o houve; a coherencia e uniformidade ficavam á mercê talvez do capricho dos architectos que mal poderiam pensar no tragico destino reservado á sua obra nos seculos do nosso barbarismo artistico.

Quando os artistas abandonavam o cinzel e partiam para a conquista, traziam-lhe depois novos motivos ornamentaes e allegorizavam a odysseia dos nossos galeões no cordame das velas e na esphera armillar, emquanto outros, por esse tempo, trazendo gravada na retina a paisagem d'além-mar, vinham lapidificar e ornamentar com essa mesma paisagem, os troncos esca-

mosos das palmeiras nos columnellos do claustro de Santa Cruz de Coimbra!

E' para notar ainda que a Sé, começada para Deus, era tambem e muito mais obra para homens: os braços e emblemas heral-dicos, insculpidos por toda ella, sellando-a, mostram os bispos bem apegados a este mundo



NAVE CENTRAL E CAPELLA MÓR

para darem a um templo divino o cunho accentuadamente profano de uma obra que era por assim dizer particular.

E d'estes, é principalmente ao illustre prelado D. Pedro Vaz Gavião (D. Pedro de Menezes) que se deve a maior parte da construção que, sem o seu impulso, teria talvez

ficado eternamente incompleta como as obras de Santa Engracia...

E, sendo o seu periodo o mais curto, (1504-1507), foi o mais fecundo, revelando n'ella a larga iniciativa que continuou a afirmar-se simultaneamente na construcção dos tumulos dos nossos primeiros reis, depois que foi elevado á dignidade de Prior-Mór de Santa Cruz (1).

A cathedral, até ha pouco deformada por edificios annexos, apresenta a configuração cruciforme e mostra no arco da porta principal, nas grandes janellas da frontaria, no retabulo da capella-mór e em diversas capellas lateraes, vestigios abundantes de restaurações e accrescentamentos, alguns bem infelizes.

O retabulo renascença, alto relevo, disposto em arco de circulo, comprehende mais de cem figuras, algumas em tamanho natural, representando apóstolos, evangelistas e passos da vida e paixão de Christo. A pedra de Ançã em que é lavrado, evidencia indirectamente a razão da ausencia do elemento decorativo por todo o edificio, e deixa presumir que elle fôsse trabalhado na escola de esculptura franceza, então existente em Coimbra, a notavel semelhança que apresenta com a capella do Sacramento da Sé Velha (2).

As torres macissas que afogam de sombra a entrada principal, descaracterizariam o estylo e desconceituariam o architecto com a severidade minaz das ameias, se estas não fôsses o remate natural da pretendida fortaleza joanina...

E' preciso saber comprehender a Sé: antes de mais nada, é uma expressão flagrantissima do character regional da nossa triste Beira. E' rude e aspera, desataviada e forte, sobria como as nossas moradas, altiva como os serranos que pisam os gelos, á lei da natureza. Se não tem absoluta regularidade e coherencia na estrutura architectonica, ella é, para os que o saibam ler, um longo capitulo de historia nacional, o mais glorioso e fecundo.

(1) «tambem acabou inteiramente a capella mór, e o mais que faltava da nova Sé, que ornou com grandezza». Vid. Catalogo dos Bispos da Idanha e Guarda, composto pelo dr. Manuel Pereyra da Sylva Leal.

(2) Assim o faz notar o distincto architecto e restaurador da Sé, sr. Rozendo Carvalheira, de cuja *Memoria* outras indicações aqui se aproveitaram.

Adivinha-se n'ella o vago aneio da alma do beirão que quer voar para a aventura e sente a magua simultanea de deixar a terra-mãe, o sangue heroico a impellil-a e o coração a prendel-a á choupana que os frios açoitam e onde se ouve de noite o chocalhar do gado.

Era preciso erguel-a, era forçoso: por entre verdes giestaes mostrava a natureza ali perto a sua ossatura. Offerecia o que tinha, generosamente, sem cancela de transportes, porque bastava que a cunha talhasse os blocos, para elles irem rolando até bater nos alicerces.

A natureza era prodiga e boa. Se por seculos innumerados havia de enfurecer-se contra a construcção, dar-lhe-hia solidez de flancos para que não haveria hontem nem amanhã.

Não zombaria da obra do homem, porque elle não a criaria a seu capricho e pertenceria mais á natureza.

Não permitiria que o artista rendilhasse para que ao futuro não entristescessem os despojos...

A natureza queria, emfim, a Sé forte, sem lhe negar esbelteza; queria sem perigo cobril-a de neve como aos montes vizinhos, para depois a verem sahir rediviva e faiscante, sob a incidencia do sol, transformando em crystal o degêlo que as gargulas vomitam eternamente.

Se a Sé precisou restaurada, aos homens o deve: a natureza manteve o pacto, o homem não soube cumpril-o, esquecido de que recebera a solidez em troca da graça. Quiz adornal-a e afeiou-a com excrescencias em seculos de mau gosto, afogou-a de cabanas e construcções superfluas. Lançou barrotes sobre os arcobotantes e estendeu telhas a abrigar abobadas de granito!

Entaipou janellas, annullou a distribuição da luz, emendou para errar miseravelmente, ultrajando a pureza da cathedral, tal como se um vil pintor puzesse aos hombros do S. Pedro, de Grão Vasco, um grosseiro manteu!

E é esse *manteu* que uma feliz restauração vae despedaçando para nos restituir a Sé, firme e robusta como os troncos dos velhos castanheiros, aggressiva como a paisagem dos montes que o temporal flagela. Poderá já hoje ver-se livre como uma rocha que emergisse do seio da terra, mostrando a aspereza das arestas e vigor das linhas.

As agulhas não se alongam porque a nevoa as esconderia, não seriam floreteadas, porque n'aquella atormentada desolação da serra quasi não havia arvores nem flôres — a vegetação fugia para os valles ou torcia-se ao longe pelos visos das collinas, a desdobrarem-se no horisonte azulado.

Aspecto calmo e triste como os olhos das nossas camponesas, nutrindo avaramente herbaceas desterradas que o vento arrastou para ali, a velha Sé, como uma pyramide pharaonica, foi consumindo na construcção, pouco a pouco, as rendas que lhe traziam os contribuintes das comendas por aquelle dilatado alfoz.

Dentro, o seu aspecto é dominador de imponencia magestosa. As columnas das naves retorcem-se n'um abraço longo a terminar

tarem a mole granitica que sobre ellas descança. Aos lados, escuras capellas mal tratadas onde dormem fundadores ou bispos

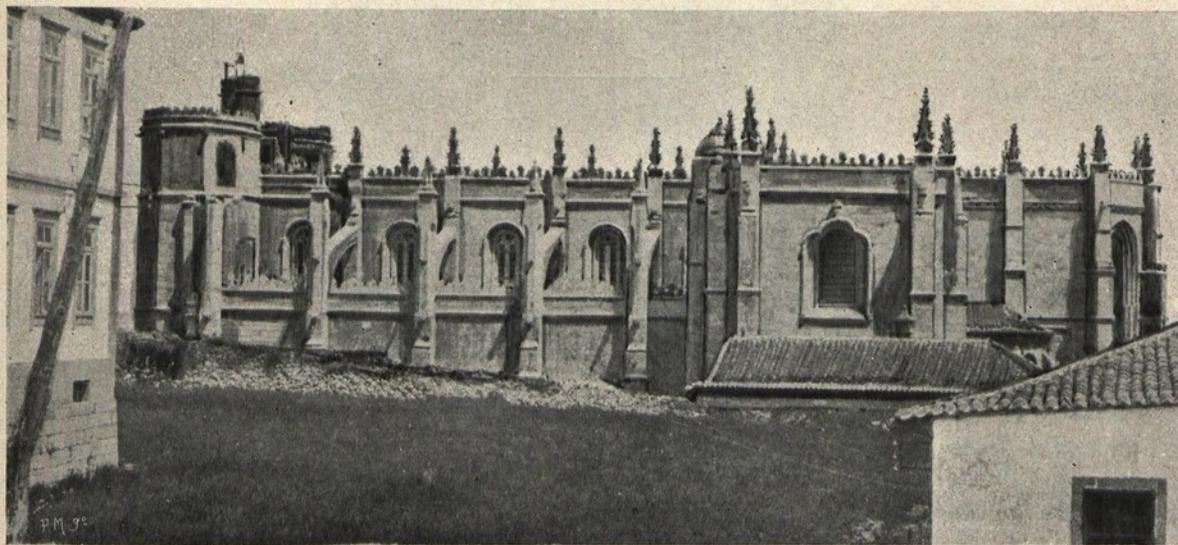
benemeritos, a vaidade piedosa que em vida os absorveu, perpetuada nos braços e esmagada ao peso de fria estatua jacente.

Adeante corre o transepto, altivo e desafojado, para onde se abrem as absides, a do evangelho, simples altar, indicando a permanencia da lampada na da epistola, a sua consagração ao culto do Sacramento.

N'um dos vãos da nave cruzeira, suspende-se o orgão monumental, seculo XVIII, abundante de ornatos em talha, archanjos soprando tubas, satyros e figuras phantasticas que perturbam os sonhos dos meninos de côro e os levam a crêr em prodigios de lenda ma-



NAVE CENTRAL E CÔRO DE BAIXO



LADO SUL RESTAURADO

nas abobadas artozoadas que abrigam cheias de veneração o culto religioso.

Enlaçam-se para mais facilmente suppor-

ravilhosa de que o orgão resoava por tres leguas em redor...

Ali perto, pendentes das columnas da nave

os pulpitos do mesmo tempo, em fundo, no topo da capella-mór, o precioso retabulo já referido, e, revestindo as paredes de ambos os lados, o cadeirado do côro com duas ordens de assentos (provavelmente contemporaneo do orgão), a correr até á nave cruzeira e cortando barbaramente as columnatas do elegante arco e ameaçando a segurança da abobada.

A restauração tem proseguido para honras que a promoveram, entre os quaes merecem ser destacados, o prelado fallecido D. Thomaz d'Almeida e o sr. dr. Osorio da Gama e Castro, a cuja benemerita iniciativa se deve a protecção que os poderes publicos teem dispensado á Sé, no interesse do culto religioso e no da arte em que aquelle se renova e perpetua.

Seria para desejar que a restauração fôsse completa, que não se limitasse já a recom-

pôr coruchéus e a remoçar o corpo gigantesco da cathedral.

Devia entaipar as desgraçadas janellas da frontaria e substituil-as pelas primitivas, emendar o portal, derrubar a *forca do sino*, na phrase pittoresca de um mestre da arte portugueza, e restituir a Sé, ao estado em que o seculo XVI a deixou.

A Sé da Guarda ficará bella assim e com as honras do mais notavel monumento de architectura religiosa em toda a Beira.

Então, aquelle que souber amar a sua terra, ha-de ler com respeito o epitaphio de D. Pedro de Menezes que jaz occulto nas sombras do *claustro do silencio*, em Santa Cruz de Coimbra, e venerar n'elle o prelado insigne «*de muito boas obras com que se enobreceu*», mais certamente que com os cinco gaviões do escudo, armados d'ouro, postos em aspa...

HIPPOLYTO RAPOSO.



DOIS INFINITOS

Serpeia o rio em curva e alaga o verde prado,
Atraz da cordilheira o Sol se esvae tristonho,
E a Terra desfallece, ouvindo o seu amado
Cantar a doce estrophe altsiona do sonho!

Trevosa vem a noite ao mundo enregelado!
Treme de frio a Terra; o Univero é enfadonho,
E o corpo dessa pobre, assim abandonado,
Espera que o Sól volte alligero e risonho...

Mal vem rompendo a aurora, Ella estremece e acorda
Ao halito do Sol, que do infinito esplende
Como um sonho de amor, que a ventura recorda.

E, alfim, o homem contempla esses astros fecundos,
Sem saber qual dos dois mais se avulta e se estende
Nesse giro eterno através de outros mundos!

Niteroy.

Julio Seabra.

Diplomata, mas artista...

— Henrique O'Connor Martins!

E a pachorrenta Burocracia, limpando os olhos e montando-os no nariz, passou a lê o registo do ministerio dos negocios estrangeiros, enumerando seccamente:

— Nomeado addido de legação, para Berne, em 4 de setembro de 1890; nomeado 2.º secretario, em Bruxellas, na data de 28 de novembro de 1898, donde passou em 1905, para a embaixada de Roma, acompanhando o conselheiro Miguel Martins d'Antas; em Roma foi promovido a 1.º secretario em 24 de dezembro de 1901; em 20 de agosto de 1906 recebeu as honras de conselheiro de legação. Continúa a servir em Roma.

— Mais nada?

E a Burocracia, aquilatando de impertinente a pergunta e fechando pausadamente o livro das nomeações, respondeu:

— Mais nada!

— E não lhe parece que O'Connor Martins, tem outro prestimo sem ser o de

escrever officios e redigir notas diplomaticas?

— O que lhe disse é o que consta n'este ministerio.

E a Burocracia inclinou-se, desdenhosa, dando por finda a visita.

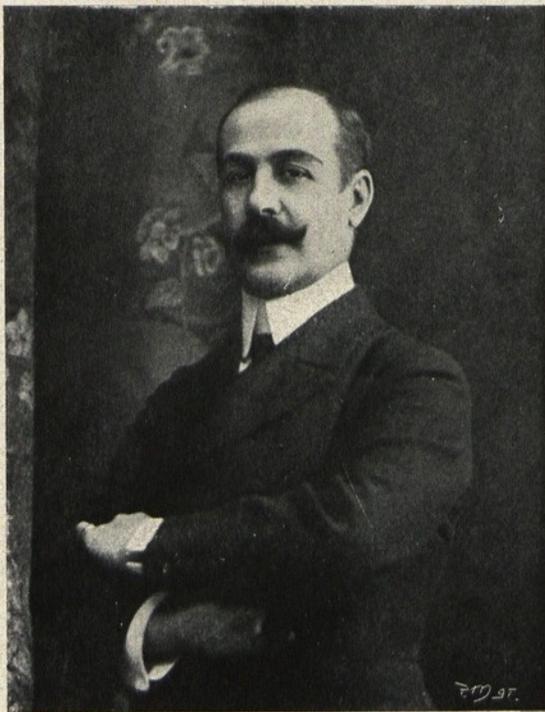
Pois então saibam todos os burocratas

da velha e moderna geração que Henrique O'Connor Martins depois de se achar na patria da Arte, na Italia, sentiu que Deus lhe tinha dado outras faculdades mais altas do que redigir descarnados instrumentos diplomaticos. A pintura mormente seduzia-o, e um dia começou a pintar, por vocação e por gôsto. Os elogios dos competentes vieram

logo animal-o; e elle que se suppunha apenas um amator cujas producções não deveriam uítropassar as fronteiras da intimidade, quasi foi compellido a expôr trabalhos seus em diversas exposições italianas, sendo que o simples facto da acceitação dos quadros lhes dava já fóros de cidade. Na pintura do retrato, sobre tudo, o pincel ia-se pondo mais á vontade, de geito que o notavel hespanhol Barbudo, em cujo *atelier* Henrique Martins trabalhou alguns tempos, lhe disse um dia com a mais sincera expressão de incitamento:

— Se V. se dedicasse á pintura de retratos asseguro-lhe que faria uma fortuna!

Henrique Martins, no fundo um modesto e o meños convencido dos seus meritos, continuou pintando, não para ganhar dinheiro, e sim para satisfazer uma necessidade do seu



HENRIQUE O'CONNOR MARTINS

*Conselheiro de legação e secretario
da embaixada Portugueza junto do Papa*

temperamento de artista. Como espirito sedento de arte, corre a Italia de norte a sul, quando lh'o permittem os seus lazeres, mas é especialmente em Veneza que o nosso compatriota se faz penetrar de uma grande illusão ou sonho do Bello. Se lhes parece que ali ha pobreza de motivos para esse de-

hentissimo e pela sua situação conquistou, n'uma medida que poucos se gabam de ter enchido. Porque O'Connor Martins, como o sr. Soveral em Inglaterra, é estimadissimo nos salões, nos serões, nas partidas campestres, e, quasi que se não considera completa a festa que não contar a presença do sym-

pathico conselheiro de legação no seu programma.

Das facilidades e amizades que tem sabido ganhar no Vaticano, já deu encomiastico testemunho o sr. Ramalho Ortigão n'um artigo seu publicado na *Ilustração Portuguesa*. Quando obter uma audiencia do pontifice Leão XIII era considerado fortuna só a raros concedida, o premio gordo da loteria hespanhola, O'Connor Martins, com extraordinaria surpresa do auctor das *Farpas*, facultou-lhe aquella visita, de arte que o Papa recebeu o escriptor portuguez com uma affabilidade encantadora.

E a proposito: aquelle escriptor possui um quadro, sob a rubrica *Nobre veneziano* que

foi pintado e lhe foi offerecido por O'Connor Martins, e é um dos mais apreciaveis do nosso *diplomata-artista*.

O presente artigo faz-se acompanhar da reproducção photographica do retrato do dr. Lambertini Pinto, actual secretario da nossa legação no Quirinal, do pincel do seu collega diplomata, quadro que figurou n'uma



RETRATO DE PESCADOR NAPOLITANO

licioso sonho?! Telas, pedras, agonias do sol despedindo-se dos maravilhosos palacios nas lagunas, rostos de mulheres que parece sahiam momentaneamente dos quadros de Veroneso e do Ticiano para perpetuar a belleza das italianas — tudo ali o abysma a ponto de se furtar ás banalidades das relações sociaes que elle, pelo seu trato attra-

exposição em Roma, e ainda ultimamente na exposição nacional de Bellas-Artes, em Lisboa.

E' um retrato de corpo inteiro representando, sentado, o dr. Lambertini Pinto. No tempo em que o seu collega diplomata o reproduziu na tela, o secretario da legação de Portugal, junto do Quirinal, estava sensivelmente de carnes menos delgadas no rosto: isso explica a divergencia que o visitante da exposição pode encontrar entre o original e o quadro, tanto mais que o sr. dr. Lambertini Pinto se encontra n'este momento em Lisboa. D'essas repentinas transformações da materia não têm os pintores a culpa. Certo é, porém, que no quadro do sr. O Connor Martins, ora exposto n'uma das salas da Academia das Bellas Artes de Lisboa, encontram-se qualidades de amador e outras de artista. A expressão physionomica em que domina uma myopia, por assim dizer sorridente, é exacta. Ha tons traduzidos na tela com segurança experiente.

Assim o reconheceu o jury admitindo a pintura aos suffragios do publico.

Acompanha o artigo em que nos referimos aos trabalhos do sr. O'Connor Martins, a reproducção de um outro quadro representando certo pescador, napolitano, crêmos nós. E' talvez uma das pinturas mais felizes do nosso compatriota-diplomata. E' um typo de maritimo bem observado. Beila cabeça de

velho acostumado ás lides do mar; os olhos um tanto sumidos, avergastados pelas soa-lheiras e marezias de muitos annos de luctas com o implacavel oceano que, de quando em quando, sepulta nos seus abysmos os audazes trabalhadores que vão procurar n'elle o fructo das suas canceiras. Na physionomia



TYPO DE VELHO ITALIANO

do pescador está traduzido o cansaço de porfiadas investidas contra as ondas; seria talvez tempo de repousar n'um lar tranquillo, relativamente feliz, contentando-se com vêr os filhos mostrarem coragem indomita, semelhante á do pae, nas fainas do seu arriscado ganha-pão; mas o pobre pescador não pode capitalizar cousa alguma para a

velhice: só arriará quando as forças desampararem de todo o seu arcaboço.

A outra reproducção que acompanha o presente artigo, é a de um quadro representativo de um ancião italiano. Excellente modelação, exacta expressão. O nosso artista-amador nas suas peregrinações pela Italia, que elle adora sem esquecer jámais o seu querido Portugal, cujo céu pede meças ao do formosissimo paiz onde agora reside, estuda os typos de todas as camadas sociaes com um singular escrupulo na observação, com uma consciencia que elle, na sua grande modestia, receia vêr trahida por qualquer defeito da visão. Mas entenda-se que O'Connor Martins não trabalha para disputar competencias nem proventos aos profissionaes: tal não passa pela sua idéa.

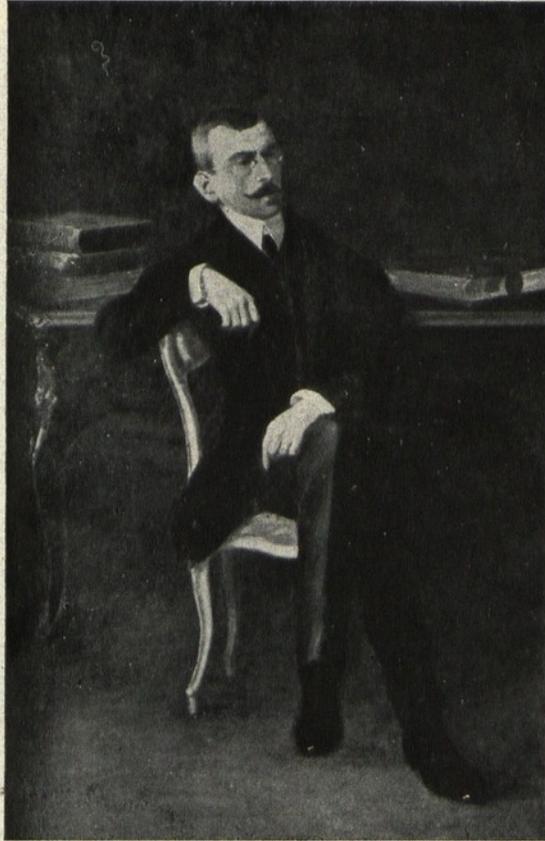
O seu caso é o de um homem que, ha bons vinte annos, andava por Lisboa, levando a vida de muitos rapazes que nos prazeres a final faceis encontram a razão de ser da sua existencia — touradas, ceias galantes, batidas em carruagens particulares ou alugadas, intimidades com as Lais de importação, Lais de que se não podia dizer, como outr'ora na Grecia — *non licet omnibus adire Corinthum*. Um dia, porém,

O'Connor Martins sentiu o vacuo, a inaniidade d'esse mundanismo insignificante. Resolve-se a fazer alguma coisa, a ser uma personalidade; e, enfiando pela carreira diplomatica, diz adeus ao Chiado e vae exercer a sua actividade nas chancellarias. A Italia

seduziu-o e acordou n'elle instinctos estheticos, que evidentemente jaziam adormecidos na sua sensibilidade. Com esse natural desejo de os traduzir por uma forma objectiva, escolheu aquella que por toda a parte, na Italia, namóra as almas artistas. Eis a razão porque ensaiou a pintura, animado a breve trecho por os competentes na materia. Fal-o, porém, para obedecer unicamente a uma necessidade do seu temperamente, e não acicatado por instinctos de vaidade.

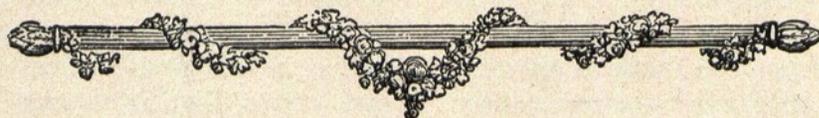
Convinha frisar este ponto para que se não veja em O'Connor Martins a audacia de quem se julga

de força a conquistar a opinião, couraçado com reclamos: antes se veja no factio o esforço sympathico de um rapaz, que julga honrar a Arte servindo-a com a modestia de um iniciado, sem o menor intuito de especulação. Cultor apaixonado do *Bello*: — não pretende conquistar outro titulo que não seja esse.



RETRATO DO DR. LAMBERTINI PINTO

SIL.



A canção das perdidas

I

Quem por amor se perdeu,
Não chore, não tenha pena.
Uma das santas do ceu
— E' Maria Magdalena.

II

Minha mãe foi o que eu sou.
Eu sou o que tantas são.
Que triste herança te dou
Filha do meu coração!

III

Meu pae foi para o degredo
Era eu inda pequena.
Se não morresse tão cedo,
Morria agora — de pena...

IV

E ha no mundo quem afronte
Uma mulher quando cae!
Nasce agua limpa na fonte.
Quem a suja é quem lá vae...

V

A'quelle que me roubou
A virtude de donzella
Se outra honra lhe não dou,
— E' porque só tive aquella!...

VI

Nós temos o mesmo fado
Oh fonte de agua cantante.
Quem te quer, pára um bocado.
Quem não quer, passa adeante...

VII

O meu amor, por amal-o,
Poç-me o peito n'uma chaga:
Deu-me facadas. Deixal-o.
Mas ao menos não me paga!

VIII

Nem toda a agua do mar
Por estes olhos chorada
Daria bem a mostrar
O que eu sou de desgraçada!

IX

Como querem ver contente
Este paiç desgraçado
Se dão só livros á gente
Nas escolas do peccado!...

X

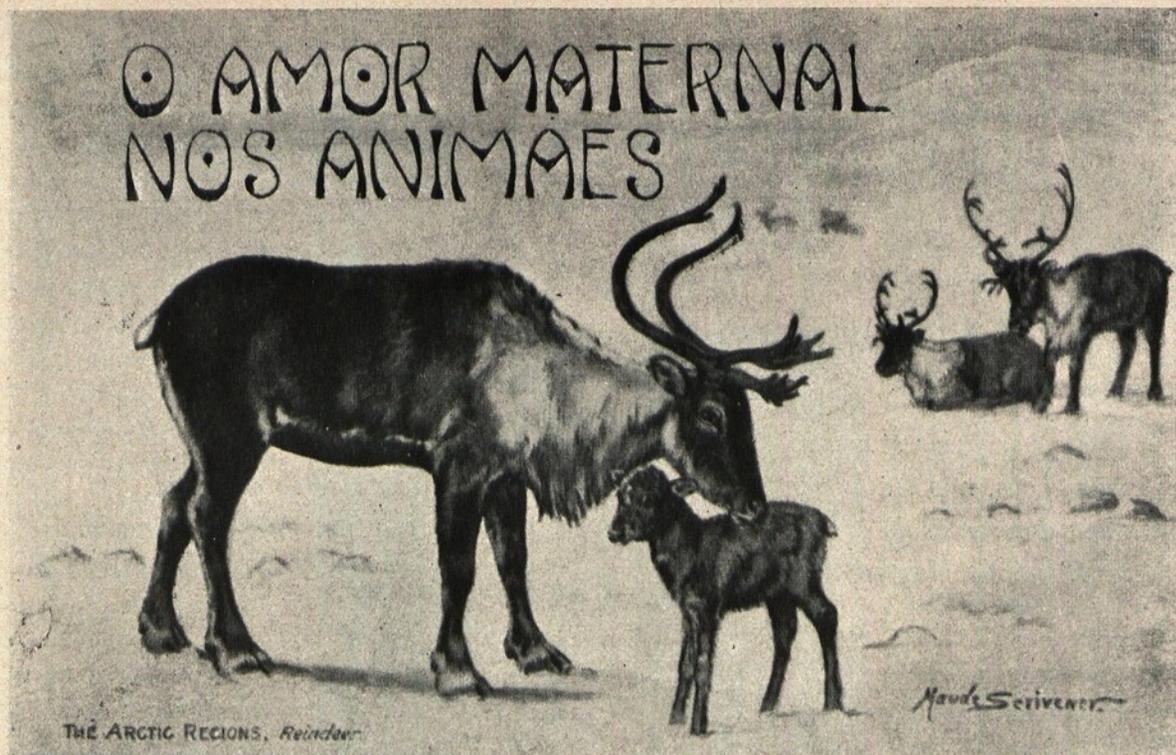
Dormia o meu coração
Cançado de fingimento.
Batesle-me, e vae então
Acordou n'esse momento.

XI

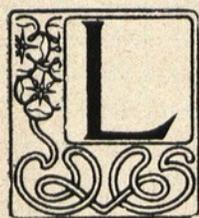
Se aquillo que a gente sente,
Cá dentro, tivesse voz,
Muita gente... toda a gente
Teria pena de nós.

Augusto Gil.

O AMOR MATERNAL NOS ANIMAES



O RANGIFERO DAS REGIÕES POLARES, E SUAS CRIAS

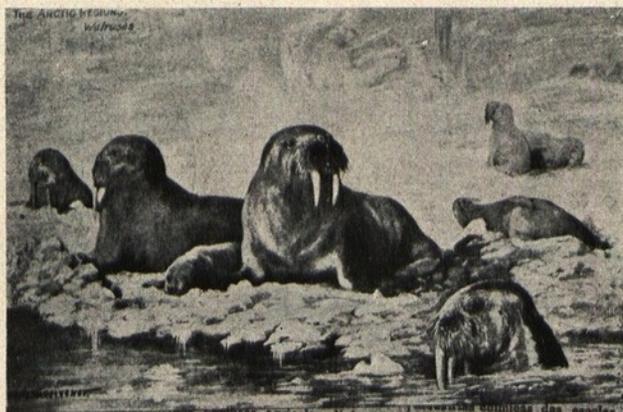


LONGE a idéa, de uma dissertação fastidiosa e longa sobre o amor maternal dos animaes, sentimento que em toda a escala zoologica constitue por assim dizer a base e fim da existencia, e que só pode comparar-se com o instincto da conservação individual. De facto, sem profundos estudos da historia natural dos animaes, quem observar e reflectir um pouco nos mil variados quadros de amor maternal, que em torno de nós se desenrolam a todos os momentos, não poderá deixar de reconhecer, com profundo sentimento de admiração, que este amor pela conservação da especie, pela criação da prole, representa para toda a animalidade um impulso intimo, extraordinariamente forte, que provoca mil variadissimas manifestações da intelligencia d'esses sêres, muitos dos quaes reputamos inferiores.

E' certo que, em alguns casos, o *instincto maternal*, como antigamente lhe chamavam, é vencido por outros instinctos de ferocidade, ou pelas duras exigencias da conservação individual. E' certo que alguns animaes, movidos pela fome ou ameaçados de crua morte, não hesitam em immolar os filhos á salvação propria.

Outros ha, como os pintarróxos, que barbaramente lançam os filhinhos fóra do ninho, e até dos jardins onde vivem, mal os vêem nascidos.

Não colhem estes factos como argumento em desabono da intelligencia dos animaes, ou da intensidade do seu amor maternal, pois que todos os dias se estão presenciando exemplos de mulheres, que, verdadeiras fêras, abstraindo de todo o sentimento racional, de todo o alto sentimento humano, não hesitam em assassinar brutalmente os filhos recém-nascidos, para salvar preconceitos de honra perdida,



O CAVALLO MARINHO, NOS CAMPOS DE GELO

praticando o mais hediondo crime. São excepçoes anomalias que não fazem regra. Facilmente d'isto se convence todo aquelle

que se entrega a contemplar, com assombro, em todas as classes da animalidade, o quadro verdadeiramente admiravel

do amor matrnal produzindo esses maravilhosos prodigios: — a feitura dos ninhos, os cuidados com a prole, e os actos heroicos

das mães quando, em face de um perigo, se debatem na defesa dos filhinhos inexperientes e fracos. E' vêr a ave a ensinar a implume avesita a comer, a voar; as

habilidosas invenções a que recorre para precaver o ninho e a prole contra ataques de impiedosos inimigos; o jubilo com que a macaca aperta aos seios o macaquinho esperto e vivo; a ternura commovedora da gata e da cadella domesticas, reconhecidas quando lhes acariciamos a ninhada!

Que serie de interessantes narrativas, poderia acompanhar a estampa em que se reproduzem alguns d'estes quadros tocantes da maternidade dos animaes!

E' sempre encantador o espectáculo da mãe creando e amparando os filhos. Até mesmo n'um nauseante chiqueiro nos agrada e seduz o quadro da porca grunhindo sollicita aos seus nove ou

dez leitões. Nas feras mais perigosas e odiadas, os cachorros inspiram o interesse commovido dos homens; e como que, em

correspondencia a esta concessão sentimentalista da humanidade, não são muito raros os casos, que andam narrados nos li-

vros, de feras femeas que se mostram apiedadas por creanças, e muito mais vulgares são os exemplos de animaes domesticos, como

as cabras, as corças e as burras, se affeioarem de véras ás criancinhas a quem directamente offerecem o leite, que lhes escorre dos uberes.

Anda nas paginas lendarias da historia épica da velha Roma a tradição, que o povo-rei immortalizou no bronze, da loba do Capitolio amamentando com carinho os dois pequenos Romulo e Remo, tronco primeiro do reino de Roma, fundadores da cidade dos Cesares.

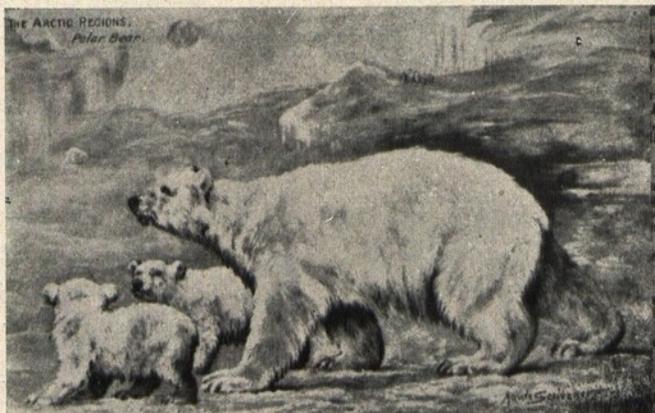
A cabrinha e a corça tornam-se frequentes vezes amas de leite das creanças, ás quaes se affeioam a ponto de as seguir e de sentirem a sua ausencia, como a dos filhos proprios.

Relanceemos os olhos em torno de nós, e quer nos campos, quer nas

herdades, quer nos zoos, observemos rapidamente alguns quadros frisantes do amor maternal:



A CEGONHA ALIMENTANDO OS FILHOS NO NINHO



A URSA BRANCA DOS POLOS, COM AS DUAS CRIAS

Eis o coelho do monte, esquivo, veloz, sempre receioso. Tem um inimigo temível — que não perdôa — a fuinha, que perseguindo-o lhe ganha terreno a cada passo, até que o coelho, vendo-se alcançado, pára, immobilisa-se, e como que preso pelo hypnotismo fica esperando, resignadamente agachado, a morte implacável. Mas se é uma coelha com filhos, ameaçada igualmente pela fuinha, faz-lhe face, e com tão audaz heroísmo, que muitas vezes a intimida e afugenta.

A ave, no ninho, receia o rato que ligeiro vae roubar-lhe os ovos. Um tórdo fema, a percebendo-se do rato, que surrateiro vem subindo pelo tronco em direcção ao ninho, esvoaça rapidamente sobre elle, e no auge do desespero, centuplicadas as forças, repelle-o do ramo, e com o bico, enfurecida, rasga-o d'alto a baixo, dando a morte immediata ao astucioso e atrevido inimigo.

As gatas, exemplar domestico facil de observar, revelam-nos quanto podem nos felinos: — gatos, leopardos, tigres, pantheras e leões — os impulsos admiráveis do amor materno. As gatas são mães exemplares, inexcedíveis de dedicação. Vigiam os filhos, limpam-os, amamentam-os com carinho, ensinam-os e brincam com elles, como o pode fazer a mais estremosa mãe da especie humana.

E' factó curioso, que já n'outro artigo — *Féras, jaulas e domadores* (n.º 32 dos *Serões*, fevereiro de 1908) — registámos: que

os animaes ferozes enjaulados, perdem estes sentimentos de amor pela prole, a ponto de matarem os filhos e de os devorarem, como o fazia a leôa do *Jardim Zoologico* de Lisboa e o hippopotamo do *Jardim das Plantas* de Paris.

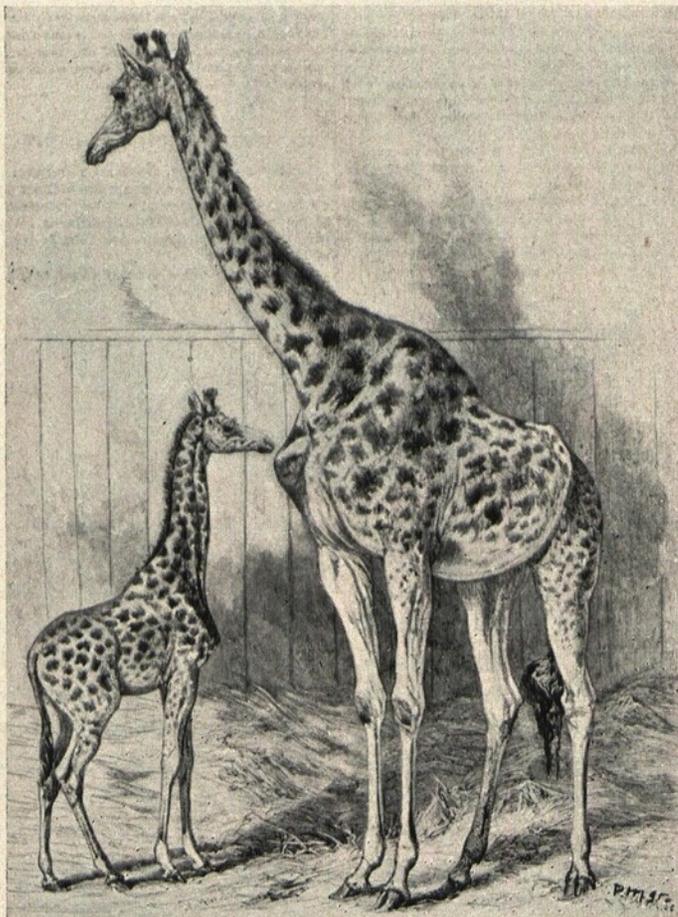
A vacca, animal que bem póde denominar-se a *ama* de genero humano, é uma excellente mãe.

Vêde-a com o vitellino, olhando-o ternamente, lambendo-o para o vêr bem limpo, até que um dia o dono implacável, na feira ou na fazenda, vende a pequena cria para o matadouro. Impressionam fundamentalmente os lancinantes lamentos da mãe, que então solta mugidos de dôr.

Nas manadas de gado bravo os paes collocam os novilhos no centro, e cercam-os em attitude de defesa á menor ameaça de perigo. As vaccas bravas escondem os vitellos nas brenhas e moitas mais fechadas, a fim de os occultar á vista dos

campinos. Ai do caçador, que inesperadamente depara com uma d'essas moitas onde a vacca zelosamente acaricia o filho!

Na guerra franco-prussiana uma vacca foi á força arrancada do estabulo, onde lhe deixaram o vitello. Resistiu quanto poudo ao rapto; durante alguns dias mugiu de maneira desoladora, até que, aproveitando um descuido, fugiu, errou pelos campos até por fim atinar com o estabulo, triste, magra, fatigada, e alli precipitou-se para junto do vitello abandonado.



A GIRAFA DO EGYPTO NO JARDIM DAS PLANTAS DE PARIS, E O FILHO NASCIDO ALLI EM 1853

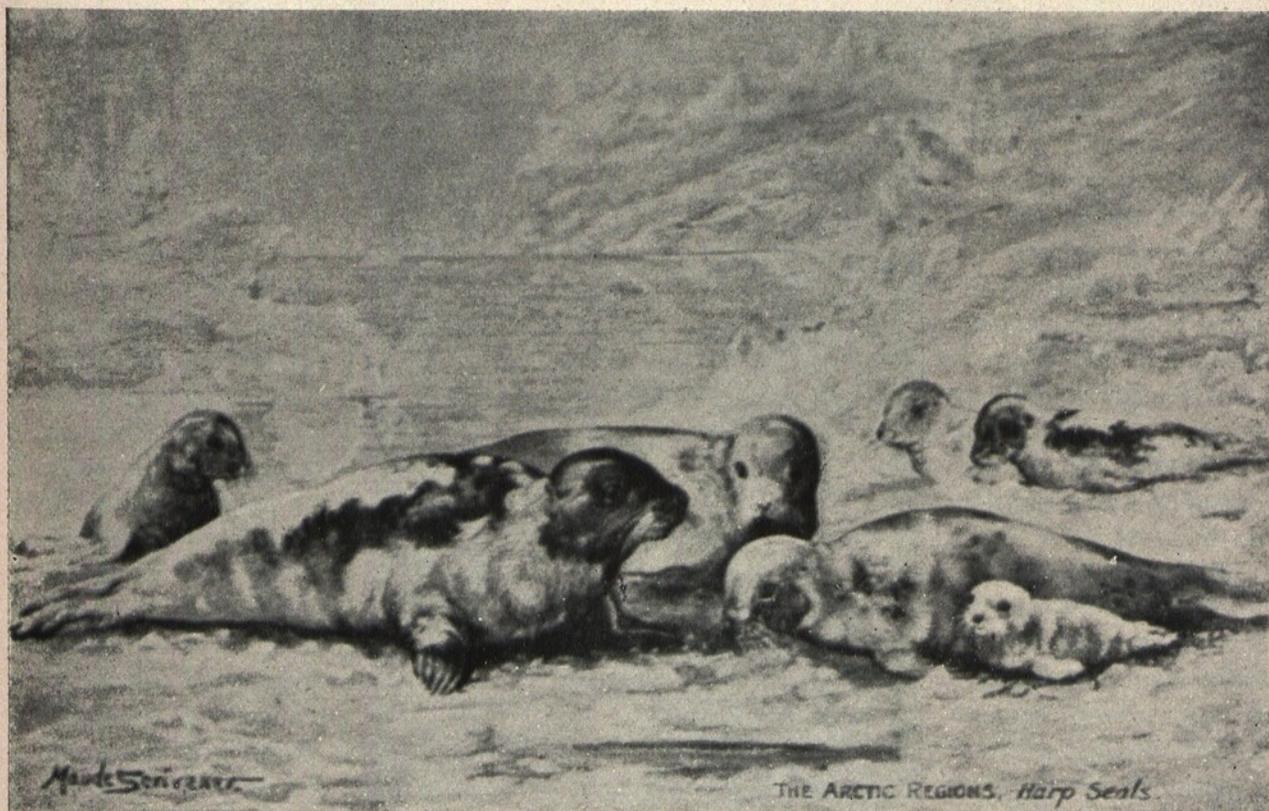
Os vead s, mesmo reclusos nos parques zoológicos, réproduzem-se, creando os filhos com ternura maternal. No Jardim Zoológico de Lisboa ha muitos gamos pequenos, alli nascidos, e que se offerecem á facil observação de quantos se interessam por estes curiosos quadros do amor maternal dos animaes.

A leõa, a gata, a cadella, e outros mamíferos transportam os filhos na bocca, aferrando-os pelas pelles do cachaço e do lombo, e assim nadam denodadamente. Muitos outros

ram, aferrando-se com a bocca e ajudando-se com as azas. A mãe foi lá descobri-los no dia seguinte e levou-os logo outra vez comsigo.

E' muito vulgar este parasitismo dos filhos, identico ao que não raras vezes se observa na especie humana. A maioria dos animaes são assim directamente encaminhados, alimentados e ensinados pelas mães. Este ensino, esta tutela materna constitue um dos mais bellos quadros da vida animal.

São devéras espectaculos interessantissimos



AS PHOCAS, DAS REGIÕES POLARES, COM OS FILHOS

animaes carregam com os filhos ás costas; algumas aves trazem-os debaixo das azas, encostados e apertados contra as coxas, como fazem as gallinholas do matto.

Os morcegos voam com os filhos aconchegados ao corpo. D'esta maneira comem, bebem e passeiam. N'uma viagem pelo La Plata o naturalista Hudson, apanhou uma morcega, com os dois filhos agarrados a si. Apartou-os da mãe, e os pobres animaesitos, como não pudessem voar, rastejaram pelo chão até que o naturalista condoído os levantou e foi collocar cuidadosamente nas ramadas do arvoredado, por onde elles trepa-

e commoventes o da cegonha ou o da tuintegra, que anda pressurosa a dar na bocca o alimento aos filhinhos, que dentro do ninho encantador, extendem para a mãe os bicos abertos, soltando gritos de fome e de satisfação; o dos pombos, revesando-se pae e mãe a dar de comer aos tenros e implumes borrachos; o da gallinha, aconchegando os pintos debaixo das azas rastejantes, e ensinando a ninhada a picar no solo e a escolher alimento. A andorinha vae igualmente, n'um rodopio constante, levar o alimento aos filhos, que a espreitam á porta dos seus formosos ninhos, feitos com tão extremoso ca-

rinho, de terra amassada, ao abrigo dos beiraes.

A andorinha, mensageira do bom tempo da primavera, é o encanto dos campos e das cidades; e os seus ninhos, construcções delicadas d'aquelles pedreiros alados, são o mais formoso ornamento das nossas pesadas e simples casas ruraes, com os beiraes vermelhos, destacando-se do branco alvissimo das paredes caiadas.

Nos mammiferos da curiosa ordem dos marsupiaes as femeas são providas de uma bolsa, no abdomen, onde orgulhosas agasalham os filhos, que nascem muito fracos e em tal estado de debilidade, que morreriam se a mãe lhes não abrisse aquella bolsa protectora, onde os cobre e abriga, sob as dobras cutaneas, amamentando-os até que elles possam sair sem perigo, em busca de alimento. Tal é o exemplo interessante do kanguru.

A lontra, com o rigoroso methodo d'um professor, ensina pacientemente os filhos a nadar, assim como a raposa adextra os raposinhos a correr velozmente pelos matos e pelas devezas. Nascidos em março, logo ao fim de mez e meio ou dois mezes correm e saltam sob a direcção protectora e carinhosa da mãe.

Os ursos, esses animaes ferozes e bravios das montanhas e das regiões aridas dos polos, mantem no mais vivo grau o sentimento forte do amor maternal. A tripulação do navio *Carcasse*, preso pelos gelos, viu approximar-se, attrahida pela fome, uma enorme urso, com duas crias. A marinhagem deitava-lhe carne de phoca, aos pedaços, e a urso branca, apanhava-os e ia collocal-os ufana diante dos filhos. Por fim os marinheiros desfecharam sobre o grupo, matando os ursitos e deixando a mãe mal ferida. Assim mesmo

arrastou-se, a custo, até ao ultimo pedaço de carne e levou-o para junto das suas crias, que jaziam inermes; soltava depois lamentosos urros ao perceber que os filhos não se mechiam, e acariciava-os com todas as demonstrações de ternura e de apaixonada dôr.

Nas regiões arcticas do polo, as phocas e os cavallos marinhos manifestam pelos filhos a mais desvelada ternura, já brincando com elles, já defendendo-os contra os mais perigosos inimigos, já pranteando-lhes a morte com terriveis rugidos, ou vingando-os com desusada ferocidade.

Não deve estranhar-se a affirmação que vamos fazer de que nos quadrumanos é que se encontra mais facilmente o espectáculo de familias felicissimas.

Os chimpanzés da Africa equatorial constroem para as suas familias uma especie de ninhos, no alto dos arvoredos; alli pernoita a femea com os filhos, emquanto que o chefe da familia fica em baixo, de sentinella á arvore. Os gorillas que, de ordinario formam tambem pequenas familias, fazem igualmente residencia no topo de frondosas arvores, e ca-



O KANGURU FEMEA,
COM OS FILHOS NA BOLSA ABDOMINAL

minham nas suas constantes viagens, sempre agrupados, indo os paes á frente, seguidos pelos filhos. Emquanto estes e a mãe dormem profundamente em pleno socego, no ninho elevado, o gorilla pae, permanece como o chimpanzé, na base da arvore que os abriga, vigiando attento, em guarda contra os leopardos, com os quaes não raras vezes investe furioso. Chega até mesmo em alguns casos a inutilizar estes temerosos inimigos, mas, como não é carnivoro, mata-os sem os devorar. Como é sabido, os quadrumanos alimentam-se especialmente de fructas silvestres, tendo aberta predilecção pe-

las bananas. Apenas os filhos terminam o periodo do aleitamento materno, começam logo a mostrar-se fructivos vorazes.

Em toda a longa escala da macacaria se nota sempre a mesma boa organização da familia, a afeição maternal, e os cuidados pela prole. Os paes são ciosos pelos filhos; o seu maior deleite é mostral-os. Assim os orangos que abundam em Bornéo, percorrem os sertões da ilha em pequenas familias, procurando fructas ou bambús summarentos, de que se alimentam, viajando de dia em compridas jornadas, e pernoitando em sitios que mudam de tres em tres, ou de quatro em quatro noites. Fazem o ninho a 5 ou 10 metros de altura do solo, em arvores não muito grandes, abrigadas por outras de maiores dimensões. Os orangos pequenos, antes de um mez, mal se firmam ainda em pé, exigindo portanto os cuidados maternos, e gritam desesperadamente quando os paes os deixam sósinhos. Ao fim de um ou dois mezes já sabem procurar alimentos nas arvores.

Aqui mesmo, na nossa Europa, n'aquellas agrestes e curiosas penedias que formam o môrro de Gibraltar, os macacos da Berberia, trepam pelos rochedos. Conta-nos um viajante quanto o maravilhou o curioso quadro, que elle alli observou, do amor que estes animaes nutrem pela prole.

Eram duas macacas, trepadas nas rochas,

sentadas ambas com os filhos ao collo, como duas mulheres, examinando e comparando com grande interesse cada uma d'ellas o filhinho da outra.

O macaco, pae dos macaquinhos, estava sentado perto d'ellas, e fazia côro de admirações e trejeitos perante as gracinhas dos pequenos. Durante todo o verão, muitos curiosos observaram aquelle macaco, excellente pae, trazendo ao côllo, ora um ora outro dos filhos.

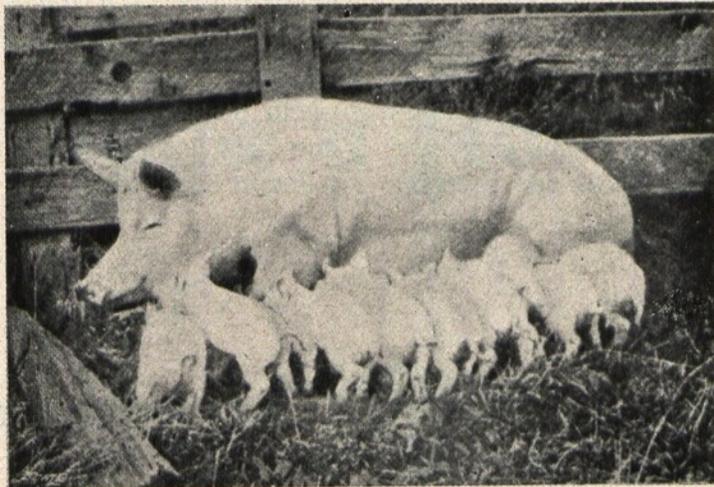
Pena é que nem sempre seja dado ao homem, pelo menos com facilidade, admirar o espectáculo da ternura maternal de grandes e intelligentes animaes.

Assim os elephantesinhos, tão interessantes, os camelos pequeninos, o feio e pesado hippopotamo, o avestruz saído dos grandes ovos chocados pelo sol, a girafa, o ursinho, e tantos outros animaes que vivem no estado bravio, e de que só raros exemplares se obteem nos 700s de todo o mundo, são raridades da vida animal que ficam desconhecidas da grande maioria da humanidade.

No Jardim Zoologico de Lisboa tivemos os leõesitos, que a mãe ferozmente trucidava; em Paris houve em 1853 um casal de girafas do Egypto, que se reproduziu, nascendo a primeira girafa parisiense, que logo nos primeiros dias era

de altura tal que mammava nas tétas da mãe, mantendo-se esta de pé!

Do pequeno hippopotamo *Marius* contei



ATÉ MESMO UMA PORCA CERCADA DE NOVE OU DEZ LEITÕES CONSTITUE UM QUADRO ENGANTADOR



A MACACA DA BERBERIA, COM O FILHO NOS BRAÇOS

tambem n'outro artigo já citado, a curiosa historia.

Mas, se não nos é dado admirar directamente estes quadros da vida dos grandes animaes do deserto, em compensação, a toda a hora, nas nossas casas, nos jardins que as cercam, á beira das estradas, nas ruas e nas praças publicas, nos arvoredos, nos campos, nos rios e nos regatos, temos presentes mil espectaculos curiosissimos, que revelam

ao observador estudioso, a generalidade d'este grande sentimento que impera e domina em toda a escala animal, desde os infimos vermes e insectos até aos collossos da animalidade: — o *amôr maternal*, o *amôr pela prole*, base essencialissima, mysteriosa, cheia de encantos e de maravilhas, do instincto superior da *conservação da especie*, que anima consciante ou inconscientemente todos os sêres vivos.

VICTOR RIBEIRO.



Scenas do campo

R. M. V.

Como são bellos os campos,
As verdoengas campinas,
Os mímosos pyrílamos,
As resplendentes boninas.

Os bonitos gaturamos,
E o colibrí que seduz,
Saltitam em todos os ramos,
Annunciam a grande luz.

Sím, a luz do bello dia
Que começa a despontar,
E n'uma terna alegria,
Começam então a cantar.

Lá cantam árias inteiras,
Em seus cantos maviosos,
Nos galhos das pitangueiras,
Ou sobre os ramos frondosos.

N'uma casinha de palha,
No fim do campo sombrio,
Uma mulher agasalha
O seu filhinho do frio.

O marido, que sentado
A uma mesa descança,
Toma o filho idolatrado,
Beija convulso a criança.

Esses tres entes sosinhos
Olham em torno, esta belleza,
Ouvem os ternos passarinhos
Dando vida á natureza.

A criança sorridente
Contempla o campo tão bello,
O paí, alegre e contente,
Dá-lhe a benção com desvello.

No meio desta harmonia
Diz a mulher com languôr,
«No campo existe alegria,
E em nosso lar reina o amor.»

A volta d'Hercules

Ao Bento Mantua

I

Ao lado de Theseu vai caminhando
O Hercules potente, o semi-deus...
Regressa á doce patria e pela estrada
Vai deslumbrando os pòvos reunidos
Que em chusma acorrem para o vêr passar.
A fama já chegára e fôra tanta
Que desde Abyla e Calpe até á Scynthia,
As multidões pasmadas, com respeito,
Saudavam nesse genio a força ingente,
A auréola de justiça e de virtude
Que Jupiter dos céus lhe concedêra.
Proseguem appressados e de noite
Entregam a Morpheu os membros lassos
Afim de refazer da caminhada
Os còrpos já cançados da viagem...
Depois, quando Tithão accorda a Aurora
E surge no vermelho do oriente
O carro aonde impêra Apollo Delpho,
Levantam-se e caminham mais ainda
Atravessando as sérras da Iberia,
Pousando o largo pé nos Apeninos
Até á meiga Aihenas que parece
Sahir do mar azul do vasto mar
Que deu heroes e deuses aos mortaes...
E quando uma trirème os transportou
A' Argolida que expande productiva
O fructo lusidio da oliveira
E a uva saborosa de Pompêna,
Num suspirar alegre e satisfeito

Porque sente já perto a terra amada,
O deus pousou emfim o seu cajado
E olhando docemente o céu azul
Sentou-se numa pedra do caminho.

II

Era o tempo suave da vindima
Que aloura os cachos brancos com tons d'ouro
E faz dos que são negros doce vinho.
Ha perfumes no ar e ha canções,
Off'rendas ao altar de Baccho e Pan.
Na paz silenciosa da campina,
Colhendo p'ra fazer doce ambrosia
Os fructos que Printéneas deu ao mundo,
Vão-se beijando os pares nos caminhos
E ao sabor subtil que a uva dá
Misturam o sabor de meigos beijos...

III

E Hercules pensou como era simples
Passar a vida ali, n'aquelle canto...
No verão offertando á loura Cêres
A messe que se estende pelo valle,
Colhendo no pomar os fructos sãos
E, adornando o busto do deus Pan,
Leval-os a Vertumno e a Pomona.
Tarde, no frio inverno, entre geadas,
Tirar o alimento á negra oliva,
Trazel-a pró logar e entre cantos,

Depois de ter guardado o branco trigo
 Arrecadar tambem util azeite.
 Nas meigas primavéras, nas auróras,
 Nas tardes suavissimas d'Abril
 Levar pelo atalho a bem-amada
 E offertando a Venus Aphrodita
 Os beijos, as paixões que ateiã fôgos,
 Colhêr a virgindade das donzellas,
 Amar sob a frescura d'um carvalho
 Os côrpos juvenis, frescos tambem...
 Assim, elle corrêra pelo mundo
 A perseguir o odio, a injustiça...
 E derramando o sangue dos tyrannos,
 Prostrando inanimado algum dragão,
 Nunca tivêra a paz que ambicionava,
 A segurança doce d'um cantinho,
 Um sorriso sereno de creança...

IV

Por fim não poude mais e levantou-se...
 Encaminhou os passos para o bando
 E suspendendo alegres libações,
 Suspiros, confidencias, narrativas,
 Falou para o mais velho dos do grupo:
 «Sou Hercules, o deus aqui gerado.
 «Errei por todo o orbe e vagabundo
 «Não encontrei senão atrôz perfidia
 «Nos homens e nos monstros que venci...
 «Cancei... agora estou desilludido
 «A suspirar apenas por um canto.
 «Deixai que eu, como vós, revolva a terra,
 «Que corra pelo valle e pelo monte
 «Guiando uma charrua e lentos bois,
 «Cavando pelo sólo largos sulcos
 «Em que depois floresça a seára loira...
 «Permitti que nas tardes transparentes,
 «Levando p'ra o aprisco o meu rebanho,
 «Não tenha na minha alma um pensamento
 «Que seja de rancôr ou de cançasso...
 «Deixai que eu leve, lento, nos caminhos
 «A boiada que volta p'rô curral
 «Soprando por tráz d'ella em doce frauta
 «Os cantos dos Lares e dos Penates...
 «Deixai-me partilhar aqui, comvosco

«A meiga, a clara paz do campo vasto...
 «E que eu tambem ceifando nas seáras,
 «Bebendo como vós do cangirão,
 «A vôz eleve grata aos deuses grandes
 «Em bacchicas canções, na seroada
 «Depois de um largo dia de trabalho...
 «Emfim, nas longas horas de repouso
 «Quero dançar comvosco na floresta,
 «Levar pelo meu braço as raparigas,
 «Gosar sob o carvalho consagrado
 «A fria sombra que refresca o estio...
 «Deixai-me respirar todo fremente
 «O perfumado amor que vem de Venus...
 «Levado toda a vida a coisas grandes,
 «A luctas cuja fama immorredoura
 «Jámais se apagará do mundo inteiro,
 «Eu nunca fui amado e nunca amei...
 «Deixai-me procurar a meiga amante,
 «Deixai-me abrir a flôr da juventude...
 «Aos deuses eu darei no templo proximo
 «O ramo d'oliveira e o centeio,
 «Construirei a casa agasalhada
 «Em que se abrigará a cara esposa...
 «Depois de ter servido a loura Cêres
 «Eu baixarei mais tarde até Hecâte
 «Pedindo o meu logar no vasto Averno
 «Quando a Parca cortar o meu vivêr...
 «Deixai-me aqui ficar junto de vós...
 «Errei por todo o orbe e vagabundo
 «Não encontrei senão atrôz perfidia
 «Nos homens e nos monstros que venci...»

V

Assim falou o deus. Em derrêdor
 Correu um pasmo intenso, um mêdo grande
 E o velho levantou-se e respondeu:
 «E's Hercules, bem sei... de negra fama.
 «Tu derramaste o sangue pelo mundo.
 «E's Hercules, bem sei... de negra fama.
 «Mas vê, eu sou bem fraco e bem pequeno
 «E tu nos vencerias n'um momento
 «Se quizesse erguêr o braço forte...
 «Mas nós não têmos mêdo e com horror
 «Não q'rêmos macular a nossa terra

«Com o teu corpo atròz, sujo de sangue...
 «Queres trocar a lança fratricida
 «No cabo d'uma enxada util e boa,
 «Escondes sobre a lã que abriga o corpo
 «O ferro traiçoeiro e envenenado...
 «Não q'remos, deus, não q'remos... vai matar
 «Para longe d'aqui, vai aspergir
 «De sangue uma outra terra que não ésta...
 «Temos horror de ti, temos horror!
 «Queres guiar no val, lenta boiada,
 «Trazer para o aprisco o branco vello
 «E ousas suspirar por um amor?...
 «Desejas tu, ó deus, a companheira
 «P'ra quem construirás a casa forte?!...
 «Mataste tantas, derrubaste tantas
 «E vens agora aqui, arrependido
 «Fingindo submissão e humildade,
 «Tentando semear por entre nós
 «Discordias e paixões de toda a especie...
 «Não q'remos, deus, não q'remos, vai matar...
 «Para longe d'aqui, para bem longe...»

VI

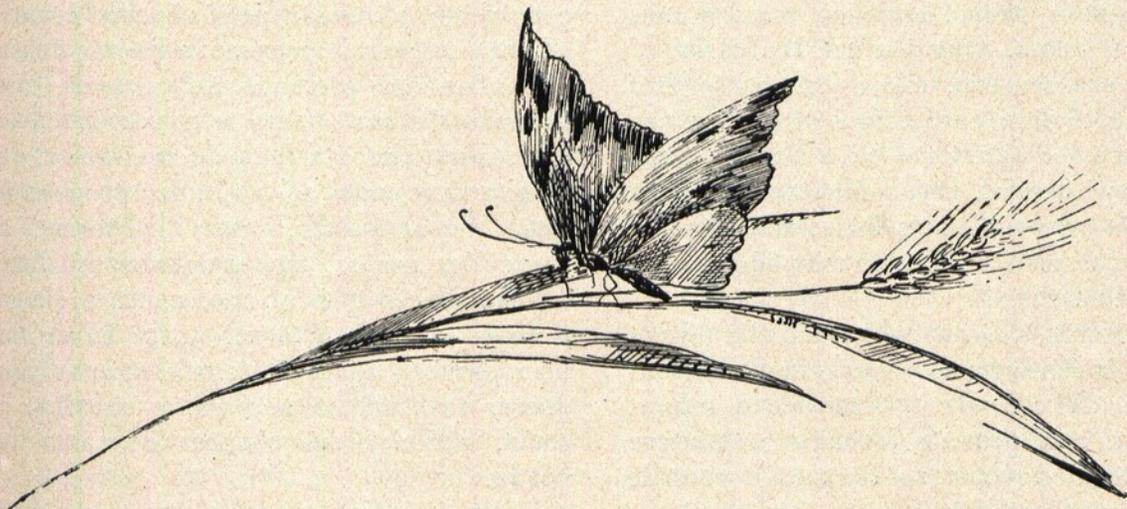
De que servia então sêr grande e forte,
 Têr morto, ter vencido os proprios deuses,
 Encadear feróz monstros horriveis,
 Luctar sem ter de sêr aniquilado,
 Para chegar ali, trememente, humilde
 E entre gargalhadas argentinas

Não encontrar nos rostos animados
 Signaes de compaixão ou de doçura!...
 De que servia então!... Se não podia
 Dobrar uma vontade, uma velhice,
 Fazer cahir num peito de mulher
 Um pouco do amor que o abrasava...
 Nem desespêro teve. Olhou em volta
 E ao fitar Apollo agonisante
 Que foge, envolto em purpura, no espaço
 Depois de ter reinado um dia inteiro,
 Sorriu das ironias do destino
 E comparou calado a sua sorte
 Com a do magestoso Phahétonte
 Que morre por ter ido muito alto...

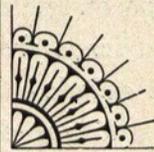
VII

Pegou no seu bordão de caminheiro
 E sem olhar p'ra trás, amargurado,
 Seguiu pelo caminho vicejante
 Fugiu á doce patria que o não q'ria...
 O vento a palpilar no arvorédo
 Parece o suspirar d'harpas eolias,
 Desce serena a paz crepuscular...
 Na placidez do céu, ao longe, brilha
 A Vesper, gôtta d'oiro rutilante
 Cravada n'um docel immenso, azul...
 Vão-se beijando os pares nos caminhos
 E ao sabor subtil que a uva dá,
 Misturam o sabor de meigos beijos...

MARIO D'ALMEIDA.



PENELOPE



POR

Costa Macedo



GUILHERME Arronches creara-se, a bem dizer, um vibrante lunatico da Grandeza. Inda destruia calçotes fendidos atraz, e já papagueava vastidões, cousas de entontecerem os fedelhos

apoucados d'intelligencia, E, ávante, pelo periodo escolar, não havia condiscipulo que lhe chegasse aos calcanhares n'essa balda: o seu delirio, inflado como ódre cheio, é megalomania esbrazeada.

O estudantelho, em vez de dizer que é filho d'um modesto, senão arruinado ourives, diz que seu pae é a pessoa mais rica do lugar. — Caramba, só de uma pancada havia comprado no Porto, com estupefacção de patrões e caixeiros, todas as barras d'oiro que topara nas ourivesarias! Que se quizesse estrearia todas as semanas um fato de magnifico panno, trajando como o mais apurado janota. Que seu pae lhe daria... — isto era segredo, não o fóssem espalhar — um dote de alguns contos de réis quando elle casasse: mormente se o fizesse, como eram seus desejos, com a filha do fidalgo da Ponte, a rapariga mais linda, mais frunida d'heranças, mais anciada de toda aquella immensa comarca...

As boccas dos ouvintes, mal elle virava costas, cachoeiravam a gargalhada estrondejante da caçoada e atacavam a seguir, algumas com pena, a facundia jactanciosa do collega, punham ao léo toda a verdade sobre a sua condição.

Todos o sabiam, o seu lar estava em miseria desde a noite de ha 14 annos, em que o pae, indo a dormir, fôra roubado no comboio de Braga para o Porto. Levava todo o seu pequeno capital em obra de contas e arrecadas para vender, n'esta cidade, ao seu freguez Rosas e ficara, coitado, n'essa malfadada hora sem nada e com uma derreante carga de filhos e dividas.

Valera então de muito ao pobre homem o ter alguns filhos em apresto de poderem ganhar a brôa. De contrario, estava no arroxto da fome.

Os collegas sabiam de tudo; menos, aliás, quando havia nascido Guilherme: se antes, se depois do roubo.

Nascera antes, dois annos. Era o mais novo, não estava em caso de suar tão cedo pela codea. Viera ao mundo, ouvi, duros chasqueadores, por uma madrugada outonal, com vento a rondar pelo olivedo, como a chamar a invernía proxima, e fileiras densas de andorinhas passando defronte da casa, caminho da casa, facto a querer balbuciar aos supersticiosos a fuga de bem-estar, que d'ahi a dois annos se daria, ao recém-nado. Fuga de bem-estar, visto Guilherme, ao envez dos irmãos, que espigaram sob todas as mimalhices e tafularias, nunca o chegar a fruir na casa paterna, nunca haver tido uma pequena aspiração satisfeita, um exiguo querer realisado, começando a trabalhar no sotão, d'official, mal soubera de cór a taboada.

E quiçá devido a isso, a essa aspereza do

berço, a asse esbater continuo, aniquilador, dos seus votos — elle concebesse, lento a lento, particula hoje, particula amanhã, a phantasia de se julgar, entre estranhos, filho de um ricoço. Mas, mais tarde, essa phantasia riscou-se-lhe da memoria e elle, então, forte telhudo, ambiciona o solio de potentado do Dinheiro.

O pae, quando os seus beijos vasavam com farfalhice alguma nota d'este fraco, chamava-o a contas de juizo, apontava-lhe, por entre dentes aperrados, o seu humillimo dever: — Trata mas é d'embutir, ou de tocar, escutas, ó idiota? e dá ao diabo essas tuas idéas!

E Guilherme, promptamente, sem pestanejar, atacava com ardencia o embutimento dos cascaveis de contas ou perpassava febril o oiro bruto sobre a heraclia. Mas, d'ahi por deante, não se furtava a idealisar, a ancianar.

Até que, desenvolvido e vigoroso, opimo aos olhos das mulheres, teve um dos seus desejos consummado: casou com uma rapariga que jungia á Belleza e á Virtude um dote bem pesado em moeda.

Essa rapariga é Delfina, voz d'ave melodiosa, olhos de serenar pantheras enraivadas, camelia extravagante de um casal de depravados: o marido, beijos froixos da Sensualidade, a enganar agora a mulher; a mulher, rebolices de gata ciosa, a enganar logo o marido: os quaes, fugindo da Cidade, mumificados, nauseantes, septicos, — cahiram n'aquella clara terra silvestre e lá acabaram, um após outro, roidos pela gangrena syphilitica e execrados de todos.

Deixaram, os miserandos, alguma coisa á filha, e ella, assim, teve com que viver.

Como era um anjo, boa e lyrical, teve tambem gasalhado e protecção de uns lavradores escorreitos de alma e carne. Puzera a esse tempo o seu affecto vibratil a trabalhar pelos doentes necessitados: casinhoto em que faltassem um caldo para uma bocca esfomeada ou mãos para o penso de uma perna chaguenta, lá estava Delfina com a sua esmola e a sua dedicação.

O povo, grato e crente, tratava-a de Santa. E ella era assim, feliz: feliz no sacrificio intergiversavel pelo proximo.

Por teimosia da mãe, tinha sido educada nas Irmãs Dorotheas de Villa do Conde; e lá, onde não havia o materialismo, nem tão pouco mortificações dos cenobios me-

dievos, dera lustre ao espirito e castidade á alma.

Depois, cá fóra, se se não fundia em recatos extraordinarios, espirituaes, sustinha-se comtudo no bello traço da decencia, por modo a fazer mozza a um mr. Figuiet e aparvalhar os rudes, aos quaes parecia sobrenatural o nascimento d'aquella açucena em tão lamacento jardim.

E floriu impolluta, sem o mais evaporante gracejo do rapazio, até chegar o amór. Guilherme, posto de condições minguadas, agradeo-lhe absolutamente, prendeu-a com a arcaria potente do seu torax, a sua face erguida, torrada como a de um vulcano, com todo o seu ser lavado e forte, intelligente e utopista. A gente que a gasalhava, por certa questiuncula que tivera havia bons annos com os Arronches, deu-lhe d'opinião que não devia casar com Guilherme, espelhou com scentelhas de o enterrar, a pobreza e a doidice d'elle. Mas, Delfina, sob toda a sua brandura de grande indulgente, insistiu e, por um dia verenal, casou.

Ao findar de alguns mezes o velho Arronches, vendo o filho senhor do dinheiro de Delfina, quiz que elle lhe emprestasse o bastante para mercadejar como em antes de ser roubado, em grosso, por sua conta. Porém Guilherme negou-lh'o, disse que não era seu. O pae então deu a entender que se mudasse mais a mulher, e elle, que n'aquelles dias havia comprado uma quintaloria perto da pre-historica Citania, lá se foi a cultivar-a com bombasticos ideaes de progresso e resolvido a deixar para sempre o lar que lhe dera o berço.

Durante quatro annos, gastos, aliás, em holocaustos ao Engrandecimento, houve riso no tecto de Guilherme. Nada mais natural: além de verdejar sempre com suavidade o galho da Paz, se gizaram, ao calor dos beijos dos paes, as feições a um filho, um rapazinho bello e edenico como o poderia ter desejado mestre Solon.

De subito centuplicam em Guilherme as ancias de se tornar homem de fortuna.

E estas se acaloram enfrenemente, tomam a fervura de caldeiras, quando elle vê, haurida a mór parte da herança de Delfina pelas terras bravias da sua herdade, que, debaixo da risota arreliante dos calejados lavradores, queria transformar em searas feracissimas, em jardins maravilhosos. De-

balde a esposa, meiga e esclarecida, quer arrefecer-lh'as: elle, ao contrario, quando ouve os conselhos de moderação e modestia, mais se enthusiasma.

De sorte que parece ter no intimo, ridente e viçosa, a esperança de ser millionario em época não tardia.

E um dia, com olhar rutilo e firme, diz á esposa que partirá breve para a America.

— Delfina, acrescenta, á guisa de balmamo. Precisamos de ser ricos, muito ricos, donos de todos aquelles sitios que abrangem os nossos olhos.

E chegando á bocca da porta, um pouco vergado sobre as espaduas de Delfina, aponta, com o braço d'ella, para a aldeia que fica á frente, em uma allegoria graciosa, a escalar uma riba de giestaes nos rebordos. Aponta para as varzeas ondulantes, fartas de luz e fructo. Aponta para as tapadas serradas, fulgurantes, como aço brunido, ao cahir do sol sobre as ramadas. Aponta para os valles risonhos com as suas papoilas e amargurados, espaço a espaço, com as flôres roxas das suas olaias. Aponta para as montanhas longiquas, quasi intangiveis da retina, que occultam terras d'além.

A esposa, como em sonho fulgente, olhava para o quadro vasto, sem termo tal se fosse o céo. Olhava . . . Mas depois, em si, molhou de lagrimas as mãos de Guilherme, implorou, com alma dorida e seios em onda apaixonada, que não partisse, não os deixasse a ella e ao filho.

Elle, para lhe soffrear a dôr, prometteu que não iria . . . Porém, d'ahi a uma semana, preparou esconsamente a partida, dispoz tudo de maneira a, na sua ausencia, nada faltar no tecto que abandonava por pouco tempo; e logo, em uma madrugada de abrir desalentado, sem rosa no horisonte, accordou resolutamente Delfina para se despedir.

O aventureiro queria ir para a America do Cabral. Mas, em Lisboa, dias antes de embarcar, relacionou-se com um açoriano, rico negociante de Boston: e, desviado por elle com o informe de que Boston era a Summa Terra da Riqueza, preferiu a America de tio Sam. De resto, o açoriano, magnanimo e patriota, dera-lhe uma carta de recommendação valente; «Embora homem d'annos e sem pratica, — ordenava, no fecho da carta, o chefe do negocio aos seus subordinados, — empreguem-no ahi em nossa

casa». O que equivalia a dizer-se collocado logo que botasse pé em terra.

Com tal arrimo, ia esperançado, — certo, é melhor, de que em periodo não serodio, acugularia de dinheiro o seu bahu de sequioso, como o seu compatriocio das lindas ilhas esmeraldinas do Atlantico, que, pouco depois de largar com lagrimas de parvulo a sua pobre costa . . . apenas rica de penedos, e musgos, e algas — recolhia ás mancheias as tão almejadas «aguias» ao seu sacco bostelento d'imigrante.

E o que se segue, é que meia duzia de annos em Massachussettes foi o bastante para que Guilherme se tornasse um regular negociante de Boston, o seu credito de burguez remediado nas casas fornecedoras, o seu posto de coripheu conselheiral na *honest* Colonia. E isso sem o auxilio de ninguem, da propria casa do açoriano, cujos socios lhe disseram ála! ao cabo de poucos mezes de lide.

E' verdade que até ascender a esse sócco mourejou muito, derreou todo o seu vigor, mesurou bastas vezes como reles vendilhão, esqueceu conforto, sopitou descanso.

E ao de mais, nos primeiros tempos, custara-lhe golpes na alma o aguentar as saudades pela esposa e pelo filho, sempre em crecença de amarguras quando chegavam cartas de Delfina, todas a lhe supplicarem com lagrimas e gemidos, o regresso.

Cartas que elle lia aos golpões; e no fim, abalado, impetuoso, tracejava regressar immediatamente, na mesma hora, se houvesse paquete. Entrementes, vinha a sêde febrênta do Dinheiro, escaldava-se o violaceo da saudade, e se esbatia em um apice o bosquejo da partida, como, outr'ora, a côr sagúinea dos seus dedos ao ser queimada pela agua-forte escorrida dos toques.

Em uma semana, porém, de optimos lucros em titulos d'especulação de petroleo, elle assenta partir definitivamente, «nem que estoirassem todos os diabos», no proximo vapor.

N'isto, antes de correar as malas, recebe esta carta satanica . . . engendrada naturalmente por todos os diabos que, furiosos, estoiraram á sua jura:

«Guilherme.

Tua mulher, que, diga-se de raspão, cada vez está mais bella, devido talvez áquelle

ventre harmonioso ter gerado apenas um filho, — tua mulher, ó mortal! engana-te quasi desde que partiste.

E's um candido e por isso cuidas que ella é a Penelope do epopaico Homero, a cisterna de todas as virtudes conjugaes. Como te enganas!

O ditoso que surripiou o coração da tua Venus é um ex-estudantinho do beatifico Espirito Santo, bem amoedado, heraldica terça, ares de grande estheta, mas que, a dizer a verdade, bem merece ser rolado de uma Tarpeia abaixo, visto a sua espremdida, incompleta figura. Veio para cá em pratica de resumido sueto. Mas sorveu tamanha ventura durante essa folga, que, finalmente, resolveu estical-a *tempus in omne*.

Eu nada devia dizer-te, porém, por amizade ou inveja, não resisti.

Esta informação — verdadeira, a ponto de poderes confial-a ao mais puro Baccarat — esta informação quiçá te não agrade. . . Entanto, meu caro, soffre. . . soffre ovantemente, com desprezo! e não desças á pateticidade de vir agora até cá, para lapidares judaicamente a adultera e derrubares, com dois murros d'athleta, o malhão da tua encantadora mulher. Porque, não ha que fugir, perderias o teu caro tempo, tão necessario para a tuas formidandas operações mercantes, pois nem por isso deixarias de ser o que Sgnarelle de Molière se julgava.

E em tal ponto, continúa a atulhar os bolsos por ahi, por esse celebrado «Hub of Universe», ninho da aguia da Liberdade americana, berço ditoso do pantheista Emerson e, mais do que tudo isso, para esta depauperada e fallida Europa, — terra do atreviço Dollar. E gosa. E represalia com alguma miss de cabellos de amarello tostado, lidima tempera Yankee, — pomposa e arrojada, que salte com agilidade caprina, ou como quem salta portellos, dos mais altos ribanços e pule a sorrir aos mais cavados pegos.

Teu

Guarda.»

Atordoado, Guilherme, ao principio julga que essas linhas lhe não dizem respeito. Depois porém de as lêr calmamente; d'examinar o sobrescripto carimbado na villa onde elle havia deixado a mulher, o filho, a pro-

priedade, e de considerar sobre a volubildade feminina, acha-as suas, vê-as a escorrerem as falhas da Peccadora, sente-as, emfim, a despejarem-lhe na alma, devagar, com escarneo, todo o travor ruborizado no cadinho do Ciume.

E soliloga, de mistura com suspiros:

— Por isso ella me não escreve ha tanto tempo! . . . Emtanto. . . resignemo-nos e esperemos a mala de amanhã.

A mala chegou, Guilherme não teve carta. Era, pois, verdade que ella se enlaçava, em compressão de serpente, ao tranco delgado do ex-candidato a leis canonicas.

Guilherme medita então vingança terrivel, bravia. Mas, philosopha de repente, não o pratica: segue, em pontos, os conselhos do denunciador, não parte; acceita, indifferente, abandonando pieguices passionaes, a catastrophe do lar e limita-se a soluçar alguns dias a perda do seu Raul, o filho que iria ocupar, ao cabo de poucos annos, uma carteira na sua casa de mercieiro atacadista.

Por fim, passaram, em corrente de solda, mais alguns annos, e o coração de Guilherme fechava-se hermeticamente para Delфина e escancarava-se, com todos os tecidos, para o negocio.

O negociante quiz fazer-se grande, especie de sobre-homem nietzscheano. E, aos poucos, adaptou-se ao methodo tenaz de trabalho dos nacionaes. Quiz guindar-se a empresas fabulosas, audazes. E sonhou competir com Henry Havemeyer no mercado assucareiro, imitar-lhe simiescamente a rapidez gelida, o egoismo monstruoso de syndicateiro formidavel. Quiz o monopolio das mercearias. E desejou fechar nos punhos, ao cantarolar de sarcasmo, toda a multidão de modestos, classificados ou importantes negociantes do seu ramo. Quiz subjugar aos pés todos aquelles que lidassem para sustentar milhares de familias. E desejou arruinal-os virtualmente, com inflexibilidade de carrasco, ser, em uma palavra, Havemeyer!

Mas tudo isso, para felicidade dos collegas, não avançou da sua deliciosa imaginativa.

Todavia trabalhava sem treguas, alucinadamente, os olhos rebrilhando-se-lhe no monticulo crescente dos seus ganhos.

E em pequeno praso possuia capital para comprar uma villota portugueza.

De subito o despresado lembra um asceta, quasi que abdica de todos os bens terrenos: apenas, d'oito em oito dias, visitava sem demora, ás escondidas, uma bem talhada peccadora, toda linhas severas, academicas.

Conhecidos, que não sabem da vida intima, perguntam-lhe se elle não tenciona ir breve á Patria, correr mundo, gosar.

E elle soergue os hombros, já em corcova pelo excesso da pugna, e machina:

— Por ora não penso n'isso, preciso de lutar mais. Goso mesmo por aqui com a minha occupação. Emtanto é bem possivel que um dia me não importe de correr terras...

— Principiando pela sua, não?

Guilherme quebra a passividade, dá vasas ao sentimentalismo meridional:

— Essa não tornarei a pisar! Nunca mais olharei aquelle céu eternamente azul, aquelle sol d'amôr, aquelle luar claro como patenas sacras, aquelles almargeaes floridos, aquelles toques suaves dos montes pelas vesperas primaveris.

Mas o commerciante não é de ferro, não tarda muitos mezes a ficar esfalfado, entediado, dyspeptico, dôres de cabeça todos os dias. E, homem precavido, faz testamento, distribue solememente metade dos seus haveres por seu filho Raul e outra metade por a pessoa que o amparar á hora da morte.

Nem de proposito: augmenta a sua doença. E os asclepios, para se verem livres d'elle, do tremendo massador, mandam-n'o passar uma época d'aguas na Europa. Um, até, — aquelle em quem tinha maior confiança, — sabedor da sua naturalidade, aconselha, como hiera, as aguas de Portugal.

O doente renite, feito capro, e troca-as pelas da Bohemia e Altos Pyreneos.

Agora, Karlsbad, com a sua fervida Sprudel e Cauterets, com as suas thermas de alta fama desde periodos romanos, de nada lhe valem. E um dia, desesperado por melhorar, — fósse aqui ou no inferno! sempre se resolve a recorrer ás aguas da Patria.

Mal havia avançado meio da época nas Caldas do Gerez e já Guilherme era outro: abriu-se-lhe o appetite, empinou-se-lhe a carcassa, desapertou-se-lhe o riso. Depois, com maravilha de todos aquelles que o viram chegar amarfanhado e esqualido, arrastando como um madeiro os sapatos america-

nos, espalhou os seus desejos d'ir a pé, qual teso andarilho, até á Portella d'Homem, para gosar aquelle assombro florestal, os rios que rolam a fervilhar pelo fundo das ravinas, a matta de Leonte formando abobadas de carvalhas priscas, os gorgolhões de prata do despenhadeiro do rio Homem descendo pela sua escadaria granitica, a Geira com os seus grupos milliarios, d'inscrições remotas, prestes a serem de todo lambidas pelos tempos d'eras em fóra. E, finda a estação, elle acreditou-se curado, pôz-se a correr o seio da terra lusa.

Mas, ao fim, farto de andar, de vêr, escolheu uma villasinha ridente do Alto Minho para descançar, para passar um anno, dois...

Hospedou-se no hotel de um senhor atarracado — grandes bochechas escarlates servindo umas barbas de Hades, ventre fals-taffeano — cuja maior occupação era perguntar aos senhores hospedes de fóra, se já haviam visto as faladas preciosidades historicas da terra: o castello, ainda sobranceiro nos seus revelins desafiantes, a servir hoje de cadeia e quartel; a matriz, com as suas reliquias de duplo valor, por serem offerendas de monarchas, e os seus caprichos architectonicos em talha e pedra; a casa da Camara, mais a sua fachada carancuda, um pouco suavizada todavia pelas graceis caryatides que carregam docemente as architraves dos flancos, e cujo projecto era attribuido a um Vignola compatricio.

E se alguns dos senhores hospedes dizia que não, não tinha visto nenhuma d'essas maravilhas, elle, sapientissimo sr. Domingos, varava de tamanha ignorancia e offerencia logo a sua fraca companhia para o ignaro as ir vêr.

Guilherme, só dois dias depois de chegar, soffrera essa pergunta.

E, de resto, Sua Ex.^a já tinha visto, conhecia toda a historica villa desde o dia em que abicara! Mas o hospedeiro fóra logo illuminado.

— O que lhe posso afirmar, emtanto, é que V. Ex.^a ainda não viu certo quadro ri-beirinho... Valeu irmos lá um dia?

O atacado só o procedeu d'ahi a alguns mezes.

Realmente, a tela valia a longura do caminho. Passaram a ponte affonsina e fincaram-se na borda opposta do rio. Pouco

abaixo, em nesgas de terra bem cultivada, corriam, de cada lado, longos renques de amieiro e choupos, corriam a levar as aguas até longe, até se sumirem, tingidas da luz immaterial do crepusculo, nos ilhaes ericados d'escarpados longiquos. E, pouco antes, as aguas folhadas de uma levada batiam nas pedras corredias do leito, estrondeando, roncando. Em volta, a correr das duas margens, o verdor dos campos, a symphonia bronzeada dos montados galgando para as cordilheiras.

E, como d'encommenda, para remate do motivo, em um recanto de tapada, sob olmeiros, um grupo de raparigas e creanças, quedava-se em mansuetude d'extasi a ouvir os rouxinoes cantarem perto, occultos, em gloria e affecto ao seu Amór, que, por entre os ramusculos dos sarçaes, e com um veio d'agua a correr-lhe aos pés, acalenta e cria a pequenina prole.

Sua Ex.^a deleitou-se, envoltou a alma durante largos minutos, de todo aquelle hymno de pastorela arcadica.

Ao voltar, o sr. Domingos apresentou-o ao sr. Ramires da Cruz, o melhor boticario d'aquelles sitios, uma das almas mais puras que conhecia.

Guilherme ia tendo as suas relações, já não passava, como ao principio, horas monotonas, já não era, n'aquella terreola de bisbilhotices, um ser exotico, face glabra brilhando sempre sobre fatos de flanela, já não era um viajante de arredar, cujas malas chapejadas de rotulos mortecôres d'hoteis e caminhos de ferro de toda a parte, parecia denunciarem algum falcratueiro fugido das mãos inhabeis da policia de meio orbe.

A's tardes ia sempre para a botica.

Até que uma vez o sr. Ramires lhe desfechou:

— Desculpe a curiosidade. O senhor é estrangeiro, inglez?

— Não. Porquê?

— E' que, pela sua pronuncia, pelo seu trajar, pelo seu rosto... me parecia.

Então Guilherme, em phrase concisa, esclareceu:

— Sou portuguez, de Bertianos. Fui para os Estados Unidos ha desoito annos. Tenho casa de negocio em Boston.

O boticario estarreceu ás primeiras palavras e ergueu-se insensivelmente da cadeira, os olhos a quererem pular das orbitas, como

em ancia de sugarem o resto da informaçãõ.

— Guilherme... Ou o senhor é a pessoa que penso, que por signal, a estas alturas de tempo, já deveria estar desfeita pela terra, sem as tibias sequer por pulverisar, ou o diabo por ella!

Guilherme vibra deante de uma recordação remota; vê de chapa um seu antigo conhecido, o Ramires Fortuna, como o tratavam, a quem, em solteiro, acompanhara pela noite alquebrada, a logares escusos, á procura de amores faceis; que estudara, no Porto, o seu bocado e que, ao fim de correr terras e terras do céo luso, sempre atraz da Fortuna esquiva, mercara uma botica na terra onde ficou aquella cujo nome não pronunciaria mais.

Dá-se a conhecer. E logo, meio perplexo:

— Mas como veio o senhor parar aqui?

— Ora. Sonhos. Sonhos por dinheiro: o senhor lembrou-se d'enriquecer indo para o estrangeiro, eu, aventureiro nativista, vindo para aqui. A terra onde eu estava não rendia nada, os doentes eram raros, lá de lua a lua um com umas quartãs, outro com algum braço partido ao podar. E como me dissessem que aqui só havia uma pharmacia, e muito fraca, — a frascaria quasi sempre vasia, vim. Até hoje não me arrependi.

Ramires põe de parte a fama do millionario, passa a tratá-lo no seu tom de velho parceiro de noitadas:

— E dize-me, Guilherme, como vieste tu, por teu lado, parar aqui? Sabes que és tido como morto. Es; logo que constou, todos acreditaram. Eu não. Presenti enorme meada de arranjos... Mas convenci-me, depois, porque a sr.^a D. Delfina m'o garantiu com uma carta que havia recebido da America.

Guilherme, attonito, não responde. Entretanto, minutos logo, pergunta — com esforço, anciando:

— Que carta era essa?... Desculpe. Eu não percebi bem. Estou nos meus dias de bronquite.

— Uma, carimbada em Boston, que participava o teu fallecimento repentino, sem deixares haveres de monta, apenas objectos d'importe mediocre, d'uso. Mas queres saber em que me baseava para sentir enorme meada de arranjos? Escuta. Quando partiste, a sr.^a D. Delfina era a Formosura espraçando-se em toda a sua onda alterosa de

viço e contornos, sem duvida, a mais bella senhora que trilhava a nossa parochia. Raro sahia: e isso era, as mais das vezes, para ir á missa do domingo. Mas n'essas occasiões, meu caro, é que se lhe alteava a belleza!... De preto — desde que te ausentaste nunca vestiu de outra fórma — o seu pendor de summa elegancia espargia a admiração d'entontecer, o desejo soffreado a custo. De preto, a sua brancura triumphava, obscurecia os marfins do templo. De preto, era a Seducção do essenio, do abjurador da Carne.

D'ahi, amigo, o accender de muitos corações, a ancia louca de muitos a requestarem, de muitos desejarem possuil-a.

E d'aqui... a necessidade de tu desapareceres d'entre os vivos: desapareceres simplesmente para a esposa e enquanto houvesse conveniencia... Como? Com uma carta n'aquelle sentido. Mas falemos do que se deu antes. A sr.^a D. Delfina chorava muito a tua ausencia. E de repente teve de chorar tambem a do Raul: como estava crescido, muito virado para o estudo, mandou internal-o no Campolide. Vivia portanto só, em uma desolação continua. Valiam-lhe, é verdade, um tanto as tuas cartas, no principio a encorajal-a com a esperanza da tua volta em dia perto, no fim, apipadaç de enthusiasmo, a convencel-a da tua riqueza, dos teus milhões no banco... Mas os ousados não arrefeciam e ella pedia-te, para vêr se se livrava d'elles, que viesses. Como lhe custava ouvir os galanteios de certo deputado, o mais tenaz de todos!... Genero chibante, barbas plutonicas, muito dinheiro, muita essencia franceza; delicioso esgrimista da phrase que enleia a mulher: é o physico d'elle. A sua ousadia é meligena, sente-se envencilhada aos liames da graça de Panurgio ao dizer um conto tentador; porém, subitamente, como encontra defenza d'honra immaculada, é feroz, põe em campo toda uma matilha de grande influente de circulo: de pretendentes esquelidos a empregos burocraticos: d'enculca-deiras azevieiras: de servos venaes, finorios. E ella, já se sabe! sempre com decencia, fugindo, soffrendo. Mas o seu penadouro era d'enlouquecer, já se furtava, imagina, a ir ouvir a sua consoladora missa, a vêr, entre outros lucilantes, o santo do seu fervor! Pois os da matilha, fragmentando-se, surgiam de todos os cantos das ruelas que le-

vavam á igreja e eram ditos assucarados de uma bocarra, segredos gorgeantes de outra, recados humildes de mais outra. Um inferno! De resto, passa meio anno sem receber cartas tuas. E ao cabo — avalia a dôr — recebe a famigerada carta participando a tua morte!

Ramires, cala-se. Mas, logo, resplendente de prespicacia ao palmar com força a testa bem entrada:

— Achei! O auctor d'aquelle carta foi de certo o deputado: elle tinha um primo em Boston e naturalmente o incumbiu de a botar, lá, á caixa postal.

— Oh! Por quem é. Ramires, não fale mais! diz Guilherme, n'um grito rouquenho, de coração a sangrar.

E levando a mão concava á bocca do boticario, insistiu no pedido até rolarem, em fios, as lagrimas pela sua face congestionada.

Estava ao facto de tudo. Aquella urdidura de super-infame se lhe abrira, como por um saccão de bruxo, ás primeiras palavras do amigo. E vira então falsidade na carta que denunciava a esposa. E vira então que as cartas d'ella para elle e d'elle para ella eram abafadas lá na terra, de conchavo com o da posta, fóra de duvida algum malsim do senhor deputado. E via em tudo o mesmo auctor.

Ramires quer retalhar mais aquella alma:

— E, de resto, queres saber o que praticou o figurão?

Guilherme immovel, tem os olhos vidrados, não responde.

— Sabedor que a sr.^a D. Delfina já havia recebido a carta, procurou-a logo para lhe dar os pesames... pela tua morte. Os pesames!... Elle o que desejava era ter occasião de a vêr, de lhe falar. E vê-a toda em crépe, abatida e dolorosa, e o corvo fala-lhe de amôr. Fala-lhe de tal modo — aos seus pés, — em genufluxão tão piegas, que mette nôjo. Emtanto, ella, em passividade de espirito apagado por grandes desgraças, deixa-o rastejar, deixa-o jurar falsidades, e não lhe aponta a soleira para sahir. Vale á pobre a entrada subita de uma vizinha, que ia cumpungida consolal-a pela má nova; e só assim se livra d'elle.

Desde esse dia nunca mais tua esposa desceu á villa, nunca mais gosou, nunca mais teve um vislumbre de jubilo... nem mesmo ao receber cartas do Raul. Por fim,

para que ninguém cubiçasse a sua esbelta mão de viuva joven, deu em arruinar-se com trabalhos brutaes, de jornaleiros; em despresar-se do atavio — leembras-te, como era requintado n'ella antes de partires? —; em comer mal; em como deformar o corpo, aplanando-lhe as curvas, amarellecendo-lhe a pelle; em conjurar a fulguração dos olhos... E, para nimbar todo esse desmornamento, vieram em pouco os cabellos brancos, brancos...

De repente o corpo de Guilherme tomba da cadeira com uma apoplexia. O pharmaceutico, ao procurar amparal-o, pareceu ou-

vir da sua bocca arroxeadada, da sua bocca em resfolego ruidoso: «Levem-me a Delfina!»

E, por mandado de Ramires, quatro pulsos fortes, sahidos do magote de pax-vobis que estacionavam á porta, o arrebatam e conduzem, com rapidez d'engenho de magica, á presença de Delfina, cuja casa é agora ali, n'aquella villasinha ridente do Alto Minho, ali perto, muito só e muito triste no seu esconderijo de faias d'alto porte e cylindrico com ramaria sedosa a murmurejar enigmaticamente para o rio que passa ao lume em ronco eternal.

Rio de Janeiro.



FÓRMA

Ao Dr. Osorio de Sousa

Quero o verso a cantar em magico transporte,
como enorme fragor de uma enorme cascata,
para sempre elevar o pensamento forte
n'uma ideia qualquer, em divinal sonata!

Sereno, a deslisar a esplendida cohorte
de ideias que se vão em gondolas de prata,
quero o verso tambem de altivo e nobre porte,
já cheio, a transbordar o fumo que arreбата!...

Quero ao verso prender uma rima sonora,
para mais encantar a Deusa do Parnaso,
para aos ventos contar a dôr que me devóra!

Quero vel-o ehorar como um violino ehora!
A uma ideia feliz o verso forte eu caso,
e dou á Fôrma então o resplendor da Aurora!

Oscar Brisolla.

Marinha

A HENRIQUE DAS NEVES

*A immensidade do oceano !
A immensidade do espaço !
Que monstruoso compasso
Riscou um circulo tal ?
O sol, fanal assombroso
Suspenso na profundeza . . .
Que vertigem de grandeza !
Que assombro de colossal !*

*As ilhas são esmeraldas
No immenso manto das aguas ;
A luz brilha como fragoas
Nas palpitações do mar.
No horisonte um continente
Formado por nuvem leve
Fulge, na crista de neve,
Ao sol suspenso no ar.*

*Um rolo de fumo denso
Sobe no claro horisonte,
Antes que o vapor aponte
A's linhas horisontaes.
Extendem rastos de espuma
Velas de leves goletas,
Como brancas borboletas
No mar azul dos canaes.*

*Depois, nas horas do occaso.
O sol, como bomba enorme,
Caindo no mar, que dorme,
Rebenta, e, em borbotões,
Fulmina raios ardentes,
Como luminosas fitas,
E nas regiões infinitas
Accende as constellações.*

*E a noite estende solemne
O véo de sóes luminosos,
Hydras, leões caprichosos,
Feitos de oiro sobre azul ;
A's vezes um se desprende
E na excentrica carreira
Risca de luz uma esteira
Desde o norte até ao sul.*

*Mas que medonho e terrivel
Quando em meio d'estas scenas,
Do norte correm serenas
As brisas equinociaes,
E a terra oscilla abalada
Nos occultos fundamentos
E as serras têm movimentos
Pelas espinhas dorsaes !*

*A nossos pés abre a bocca
O abysmo em mil precipicios ;
Vacillam os edificios
Com um estranho pavor.
Gelado, acima das nuvens,
No fundo azul se desenha
O cone de uma montanha
Com pennachos de vapor.*

*Sopra ás vezes o cyclone
Como vento de ruina ;
O tronco annoso fulmina,
Arranca a funda raiz.
A chuva cae em torrentes,
O mar cresce na procella,
Quebra as vagas que encapella,
Fumando nos alcantis.*

Bate nos velhos penhascos
 Em furiosas investidas,
 E as rochas ennegrecidas
 Parecem, tristes, chorar.
 Qual Maelstrom faz rodopios,
 Derriba e inunda as plagas,
 De raiva espumam as vagas,
 De furia baqueia o mar.

A immensa nuvem cinzenta,
 Quando termina a procella,
 Cae sobre o mar e acastella,
 Ennovelando-se á luz,
 E ergue sobre o horisonte,
 Negro, immenso, inexoravel,
 O seu dorso formidavel
 De colossal avestruz.

Fayal — Açores.

A terra tão desolada,
 Do manto verde despida,
 Parece arquejar sem vida,
 Leviatham que naufragou.
 Contra os destroços nas praias
 O mar ainda brama aos roncós;
 Erguem os braços os troncos
 Que a tempestade arrancou.

O sol, emfim, apparece
 A caminho do occidente;
 Glorioso, alto, indifferente,
 Passa do espaço atravez.
 Como d'antes illumina
 Os prostrados esqueletos.
 Que lucta escura de insectos
 A seus luminosos pés!

M. JOAQUIM DIAS.

Na frente leste da ilha do Fayal, patria e residencia do poeta, e á distancia de duas leguas maritimas, ergue-se em forma conica, a ilha do Pico, uma pujante manifestação da Natureza cujo ponto culminante attinge cerca de 2:000 metros, coberto de neve, regularmente nove mezes no anno. Ao norte do canal que corre entre estas duas ilhas, desdobra-se a ilha de S. Jorge. Mais ao norte avista-se o relévo superior da ilha Graciosa. E lá mais ao largo ainda, para nordeste, entrevesse uma mancha cinzenta: é a ilha Terceira.

Este panorama, observado do alto do Monte da Espalamaca (Fayal), tem suggerido, pela sua belleza e amplitude, as exclamações de muitos viajantes, fixadas em «Impressões» e «Chronicas de Viagens», taes como as do Principe Jeronymo Bonaparte, redigidas por Roger de Beauvoir, as do chimico Fouquet, e outros.

Este illustre homem de sciencia, após esta viagem, ficou-se no Fayal, para tentar nos dias seguintes a ascensão da ilha do Pico. Assim fez. E elle que tão viva e pittorescamente descreve a viagem no grupo central do archipelago, realisada aquella ascensão em duas etapas, e esperando lá do cume o nascer do sol que lhe illuminasse o panorama do conjuncto, diz: «Renuncio neste lance a transmitir ao leitor a impressão que recebi: não saberia fazel-o.»

A jornada maritima entre estas cinco ilhas, abordando-se a todas, pelo vapor da carreira insulana, sahindo da Terceira ao raiar da aurora (no dia 11 de cada mez, ordinariamente), desaparecendo umas gradualmente á nossa vista, pela ré do navio, enquanto outras se vão formando e claramente definindo pela prôa ou por qualquer dos flancos, é um encanto, um extasi que se mantem de sol a sol.

O nosso amigo Bernardo do Amaral, açoriano, actualmente consul portuguez em New-Port, e que por alguns annos navegou como official da esquadra inglesa, disse-nos que, viagem de semelhante belleza, apenas se lhe offerecera uma na sua vida maritima: a que foi passada entre as ilhas Jonias.

Recommendamos a viagem no archipelago açoriano aos nossos «touristes».

(Nota do amigo do auctor a quem a poesia é offerecida.)

A escola do lar



A pressa d'alcançar o diploma lyceal recorre-se a meios muito variados. Entre esses achamos o do *estudo por atacado*. O regulamento lyceal de 1895 dispunha que os alumnos do ensino particular fossem inscritos nos estabelecimentos publicos, de anno em anno, afim de evitar esse *estudo por atacado*. Semelhante disposição não existe, que eu saiba, em nenhum outro país. Os que combateram a reforma daquelle anno ignoravam esse facto negativo, como ignoravam muitos outros que lhe podiam ter servido d'arma. A obrigação d'inscrever assim os alumnos do ensino particular resultava, como outras disposições do citado regulamento, sem duvida, de se considerarem os nossos costumes, os nossos bellos costumes, apesar do mesmo ter sido accusado de lhes não dar attenção. O decreto de 29 de agosto de 1905 permittiu que os alumnos do ensino particular se apresentassem aos diversos exames nos lyceus, mediante certas declarações que podem muito bem não representar a verdade. Logo que o decreto foi publicado, surgiram annuncios de *preparadores* que se propunham habilitar num anno para o exame da 1.^a parte do curso geral (correspondente a 3 annos do lyceu), ou para os dois exames do mesmo curso (5 annos do lyceu) e até para os tres exames de saída (correspondentes aos 7 annos do lyceu). Os individuos habilitados com um *curso secundario estrangeiro* ou *qualquer curso especial* podem fazer os tres exames numa mesma epoca de exames, segundo o citado decreto. Noutros paises podem os alumnos estranhos aos lyceus e estabelecimentos analogos não officiaes fazer um exame final de curso, nos institutos do Estado, um

só; mas por certo nenhum buscará com um estudo por atacado obter o respectivo diploma. Entre nós ninguem condemnou a industria dos referidos preparadores como capaz de produzir um excesso de trabalho ruinoso; ao contrario foram elogiados como competentes por quem combatera a reforma de 1895 como productora de *surmenage*.

Antes de 1895 houve meninos que fazendo exames por diversos lyceus do continente e ilhas adjacentes chegaram aos quatorze e até aos treze annos de idade com todos os *preparatorios* feitos para entrarem nas escolas superiores.

Bastam esses factos para patentear a olhos que saibam ver o estado, entre nós, das ideias e dos actos no que respeita a educação. Regateia-se miseravelmente o tempo indispensavel para o desenvolvimento mental dos que aspiram aos mais altos postos no trabalho social. No espaço de 35 annos os governos conseguiram apenas elevar o prazo official dos estudos secundarios de 5 a 7 annos (normalmente dos 10 aos 17 d'idade completos). Em geral, nos paises cultos esse prazo é de 8 ou 9 annos — não termina antes dos dezoito ou dezanove d'idade. Fóra da nossa peninsula, nada se encontra em qualquer nação culta como o que no dominio do ensino secundario se passa entre nós, apesar das queixas que lá surgem sobre o papel educativo da familia.

Deve notar-se ainda que contribue para o resultado referido a opinião corrente, desfavoravel ás escolas, aos professores, ao ensino. De collaboração com os motivos já examinados, essa opinião produz larga barreira entre a familia e a escola, apresentando aquella, em geral, o professor como inimigo nato dos seus alumnos, surgindo dessa op-

posição por vezes singulares conflictos, sobretudo nos exames, o temido escolho. Ha já mais de um quarto de seculo, um professor muito conhecido, de curso superior, e ministro do Estado, depois d'essa epoca, perguntou num exame de physica e chimica, no lyceu de Lisboa, a um examinando «o que era barrella» e «por que causa sobe a limonada no tubo de cavallinho». O rapazinho não soube responder e como ficasse reprovado, provavelmente porque o seu saber não era maior noutros pontos da materia do exame, foi o alludido examinador ridicularizado nalguns periodicos e o pae do examinando veiu a vias do facto com elle. Esse pae era um publicista, orador e deputado conhecido. Em palestras defendi então, com certa restricção, o meu collega examinador. Era evidente que se tivessemos um ensino bem organizado, as perguntas condemnadas eram perfeitamente legitimas e as respostas facilimas, como applicação de conhecimentos elementarissimos. Mas dado o modo como geralmente se teem ensinado nos lyceus os principios de physica e de chimica, as perguntas transmittidas eram realmente da maior transcendencia para o saber e intellecto do alumno.

Uma outra causa, e essa importantissima, do phenomeno que estudo é o facto de se verem muitos e muitos individuos com ligeirissima carga de saber, se alguma teem, treparem aos mais altos cargos, alcançarem haveres por diversos processos, gozarem de larga influencia e consideração, emquanto outros que, como diz o povo, queimavam e queimam as pestanas a estudar, vivem por vezes em más condições, ou fruem apenas magros vencimentos, e não alcançam importancia. Triumpham os charlatães; emquanto o verdadeiro merito que se recusa a empregar a seu favor aquella famosa *art of puffing* (arte do trombeteio), tão bem descrita por Macaulay, fica ignorado, postergado. Entre nós, sobretudo, tiveram sempre a palma os charlatães. O illustre Correia de Serra, por exemplo, escrevia em 1806, de Paris, a Brotero, dizendo-lhe que este havia de ser «posposto a todos os charlatães grandes e pequenos» e aconselhando-o a que, depois de jubilado, fosse para aquella capital «gozar da estimação dos verdadeiros sabios». Hoje as condições não se modificaram na essencia, antes se agravaram, pela facilidade

com que se arranja um jornalista benevolo que apregoa um sabio de valor muito dubio.

A justiça é a mais rara planta da nossa flora e a compaixão pelos imbecis é ao contrario grande. As familias por isso perguntam: «Para que trabalhar a valer?»

Os rapazes (e as meninas tambem), salvas excepções raras, reflectem as tendencias das familias. Os economistas applicaram á acção humana o *principio do menor esforço*, que Maupertuis descobrira no dominio da mecanica e os nossos rapazes justificam os economistas nesse ponto.

Domina toda essa acção negativa da familia, pelo que respeita á impulsão dos filhos para os estudos estabelecidos pelo Estado como condição para as carreiras superiores e ainda para outras mais modestas, a falta de comprehensão das condições complexas da sociedade moderna. Nas condições primitivas ou ainda mais ou menos relativamente simples da sociedade, a familia preencheu o seu papel educativo de modo efficaz: assim na sociedade homerica, na sociedade romana antes da introducção do ensino á grega, na idade media, quando não havia escolas ou estas eram raras e apenas os poetas e os sacerdotes collaboravam com a familia nas funções educativas. Com o desenvolvimento da cultura na Grecia, a escola vem occupar um papel considerabilissimo ao lado, ou melhor acima da familia; Roma imita-a e a importancia educativa da familia decae, para se tornar mais intensa, de novo, com a decadencia da velha cultura na idade media. O renascimento produz outra vez o phenomeno inverso, de cada vez mais profundo, ao passo que a cultura moderna, em que se fundem os elementos das phases anteriores, se desenvolve com acquisições novas, em todas as direcções.

Com o desenvolvimento da cultura produz-se a divisão de cada vez maior do trabalho social, e nessa floresta densa, *rerum silva magna*, como Cicero diz da cultura do seu tempo, os individuos tendem a ver só a arvore a que se arrimam. Ministran a todos, em doses mais ou menos fortes, os elementos fundamentaes da nossa cultura presente constitue a *questão do ensino geral*, em que se ha de enxertar o especial, profissional, e de que as familias não querem saber, em regra, e em que os sabios mesmos estão muito longe de chegar a accordo.

Segundo um conceito da educação que não pôde ser approvedo, porque nelle se toma a parte pelo todo, á familia incumbiria educar e á escola ensinar ou instruir (póde-se distinguir uma coisa da outra, de certos aspectos). Mas a verdade é que, como já fazia no seculo XVIII o nosso pedagogista Antonio Nunes Ribeiro Sanches, não separo (com a maioria dos pedagogistas recentes) os dois momentos: como a escola, a familia, dentro de certos limites, deve collaborar em todos os aspectos da educação, sobre tudo exercer o seu papel de renovadora das gerações, em todos os sentidos, na epoca pre-escolar. Sendo impossivel a realisação dum plano como o de Döring, não devendo até de modo nenhum achar desejavel que tal renovação das gerações pela familia seja puramente physiologica, em toda a politica da educação deve incluir-se como um dos principaes fins que a familia seja educadora e educadora á altura dos tempos.

Comenius e Pestalozzi viram na familia a forma original (*Urform*) de toda a educação. Para Herbart «a educação é negocio da familia: parte desta e volta em grande parte a esta.» Na educação vejo a obra de tres agentes: a familia, a escola e a sociedade geral. Se os tres não trabalham para o fim commum, de modo harmonico, a educação está destruida.

Presentemente, pôde dizer-se, o que se considera como a cellula do organismo social, a familia, exerce, pelo lado da educação, influencia que deve considerar-se anti-social, porque não só contraria intensamente a aquisição, da parte dos seus filhos, dos elementos fundamentaes da cultura necessarios para o normal exercicio das funções sociaes, para a verdadeira dignidade humana, mas nem sequer lhes ministra uma base proficua d'educação pre-escolar, ultimo ponto a que consagrarei algumas palavras.

Ha, sem duvida, em o nosso país, (como noutros) um rudimento de educação familiar, tradicionalista em parte, em parte resultante de influencias modernas. Um ponto que nelle salta aos olhos é que a antiga disciplina, por vezes demasiado severa da parte dos paes, cedeu o logar a um carinho que confina, a cada passo, á relaxação, nas familias abastadas ou simplesmente remediadas, e alterna não raro com a brutalidade, nas familias populares. Na vida agricola

ainda os filhos aprendem e se formam, geralmente, na escola dos paes. As povoações pequenas estão um pouco mais livres dalgumas das influencias deleterias numerosas que actuaem na educação dos centros mais populosos, sem que nos seja permittido sonhar com virtudes idyllicas nos camponios, cujo horizonte mental é muito estreito e cuja feição egoistica, interesseira, rotineira, é conhecida em toda a parte, embora com pequenas variantes, como mostram os retratos litterarios, por vezes um tanto carregados, como em *Le paysan* de Balzac. Na balança do nosso atraso nacional pesam muito os 60 0/0 da população rural, em que dóa aos physiocratas de erudição barata, e pesa tanto mais quanto a educação dos centros urbanos não lhes oppõe energias efficazes.

A' educação popular da familia operaria trouxe a principal ruina a substituição da industria domestica e officinal pela fabril e por outras occupações fóra de casa, que absorvem o dia inteiro ao pae e muitas vezes á mãe. Aquella industria era, como o campo, uma escola para os filhos, onde estes adquiriam bom numero de conhecimentos e aptidões e se adaptavam ao trabalho moralizador. Não se esqueça, todavia, que esse trabalho se fazia muitas vezes em más condições hygienicas, por causa da estreiteza dos locais, mal limpos, mal arejados, mal illuminados e da falta de regulamentação d'horas, inconveniente, que, aliás, as novas condições estão muito longe de terem suprimido. Durante mais ou menos longo tempo tem os filhos dos operarios a guarda, muitas vezes nociva, da creche, os cuidados dos irmãozitos mais velhos, com o perigo de accidentes funestos, e depois a escola da rua.

Nas familias abastadas ou apenas remediadas, o quadro não diverge na essencia, com a differença de que além é simplesmente deploravel, pelas más condições dos paes, e aqui chama seria condemnação. Os empregos, as funções publicas, negocios varios, a politica, o que se chama a politica, os clubs, impõem aos paes de cada vez mais intensamente a vida exterior, ausencia prolongada da casa; as visitas, os passeios, as compras nas lojas, os cuidados do vestuario, em parte já as profissões, produzem para as mães os mesmos resultados; accrescem para os dois conjuges os espectaculos, os simples

salsifrés, as *soirées*, os bailes, diversões hoje muito frequentes, sobretudo nas grandes cidades, e lá se vae o tempo necessario para a educação dos filhos. Se estes acompanham os paes nos passeios, aos espectaculos, ás villegiaturas, pouco ou nada lucram, porque não recebem explicações, ensino simples de momento sobre os objectos novos que se lhes antolham, nem sequer a sua attenção é atrahida para esses objectos, nem se aproveitam ensejos para impressiva instituição moral. E' assim que tenho verificado que muitas creanças de mais de nove annos de idade, as quaes, com suas familias, deram o passeio de Lisboa á bahia de Cascaes não ficaram sabendo *de visu* onde é a Foz do Tejo, onde o Cabo de Espichel, onde a Arrabida, onde a Ponta de Santa Martha, a orientação daquella bahia, etc., comquanto tivessem aprendido de cór na sua *Chorographia* escolar que o Tejo se lança no Oceano entre as Torres de S. Julião da Barra e do Bugio: em geral julgam que o Tejo chega a Cascaes, ideia que já tenho visto reproduzida em lettra redonda, como tambem a de que o Doiro tem a sua foz no Porto de Leixões. Doutro lado, mais de um pae me tem confessado que as conversações de familia são muitas vezes proprias para perverter a prole que os escuta. A educação moral no lar está ao nivel da do intellecto. Não falemos da esthetica.

Com relação ás meninas, resolve-se em geral, o *problema educativo*, na familia abastada, arranjando uma *instutrice*, uma *Fräulein*, uma *miss*, que não seja cara ou até uma simples *bonne*, creaturas por via de regra infelizes, de educação escassa, ás vezes de proceder moral irreprehensivel, outras guias perigosas, de cujo passado não se inquire. Quando a menina murmura algumas phrases em francês, ou inglês (o que é superior), estropia ao piano alguma valsa, tango ou fado, faz algum bordado, põe colorido num desenho decalcado, está feita a educação. Ha tambem para as meninas collegios especiaes, de diversos generos, alguns muito louvados, mas que pela maior parte estão a pedir um Dickens que exponha ao mundo a especie de pedagogia alli reinante.

Tenho ouvido falar de paes que, tendo na propria casa, educadores assalariados, em aposentos especiaes, para os seus filhos,

não veem estes durante muitos dias: que peso isto de ter filhos!

Nietzsche escreveu: «Qual o homem que poderá julgar-se com direito a ser pae?» e ainda: «Qual o filho que não tenha o direito de chorar por seus paes?» isto é, por ter taes progenitores (progenitores abaixo da sua missão). Essas palavras equivalem a dizer que a maior responsabilidade dum homem perante a sociedade resulta do facto de ser pae.

O grande educacionista Amos Comenius (1592-1671), que Michelet chamou o Copernico da pedagogia, denominou os institutos de educação, na sua ordem ascendente:

1. A *escola materna* (*schola materno gremio*), a escola em que a mãe é a mestra, a educadora, com a collaboração do pae e dos outros membros da familia; onde a creança com a educação physica e moral acomodada, recebe as primeiras noções de todas as sciencias em fôrma intuitiva, até aos seis annos completos;

2. A *escola vernacula* ou da lingua materna, que corresponde á nossa escola primaria, e em que a creança entra chegada áquella idade;

3. A *escola latina*, que corresponde á nossa secundaria, e em que se recebem as creanças saídas da anterior, com 12 annos de idade;

4. A *academia*, que corresponde á nossa universidade, e em que entram os adolescentes ao terminarem, aos 18 annos de idade, os estudos da escola latina, e cujo curso se estende até aos 24 annos.

A insufficiencia da educação familiar levou Friedrich Fröbel (1762-1852), inspirado talvez por uma ideia de Platão, a criar o jardim da infancia, em que as creanças fossem educadas dos 3 aos 6 annos d'idade, sem receberem ainda educação propriamente escolar. Doutro lado surgiram, especialmente na França, institutos com fim analogo, mas com character mais ou menos escolar, incluindo por isso no programma o ensino da leitura e escrita, o qual tem sido julgado inconveniente antes dos 6 ou até dos 7 ou 8 annos d'idade. Essas escolas usurpam o nome de *escolas maternas*. Por isso é que, para evitar confusões, dei a estas paginas o titulo de *escola do lar*, que no meu espirito corresponde á *escola materna* de Comenius.

Ainda quando os jardins da infancia e as

escolas maternas fóra do lar correspondessem aos intuitos de seus fundadores, ficariam entregues ao trabalho exclusivo da escola do lar pelo menos os tres primeiros annos da vida, tres annos de extrema importancia para o futuro, e ficaria a essa escola, cujo trabalho não cessa aos seis annos, mas deve prolongar-se até á idade juvenil, pelo menos, a collaboração com a escola primaria, secundaria e talvez a superior.

No vasto edificio da educação, a escola do lar constitue realmente o alicerce e os cunhaes: se ella falta, se suas pedras se

Lisboa, 10 de março de 1909.

desfazem ou tombam, o edificio reduzir-se-ha a uma triste ruina.

E' pois necessario restituir á familia a capacidade educativa e restitui-la de modo que fique á altura do nosso tempo. Deve ser esse um dos artigos de todo o programma de educação nacional; a realização desse objectivo não póde ser um phenomeno social isolado, mas liga-se intimamente á solução dos outros varios aspectos do problema educativo. Ha excepções ás praticas descritas: busque-se multiplicá-las, aperfeiçoá-las e torná-las a regra e modelo.

F. ADOLPHO COELHO.

Ao RIBATEJO

Filhos de Portugal, nossos irmãos,
São d'entre nós os mais desventurados,
De desespero e dôr torcem as mãos,
Levantam para o céu inuteis brados;
O céu não os escuta e a Terra vasta,
Que é a mãe dos maiores desgraçados,
Não é mãe para elles: é madrastra.

A' Terra poderosa não bastava
Vencê-los sempre em luctas incruentas,
A' sua missão áspera faltava
Condenná-los ás dôres mais violentas,
Dôres como as de Reggio e de Messina,
E num fragôr maior que o das tormentas
Cavar-lhes a miseria, o luto, a ruina!

Da Terra essa missão 'stá consummada;
Compete-nos a nós cumprir a nossa.
Não afrouxemos pois nesta cruzada
Que é santa porque as almas alvoroça.
A esses derrotados pela Dôr
Vingue-os a piedade, a minha, a vossa,
Salve-os a expansão do nosso amor.

Lisboa, maio, 1909.

Jayme Victor.



Alfredo de Andrade



merecida homenagem que se prestou em Italia a este nosso compatriota e á qual se associaram alguns portuguezes, amantes da Arte e da fama do nosso nome, no estrangeiro, poz naturalmente em fóco aquelle distinctissimo cultor do Bello. A sua biographia já está feita: apenas lembraremos aos nossos leitores que Alfredo de Andrade, pintor paisagista de larga envergadura, recebeu da Academia de Genova, em 1869, o honroso encargo de dirigir a Escola Superior da Arte Decorativa, creando o novo typo das escolas de arte industrial, ainda subsistente em toda a Italia. Annos depois, bem apetrechado com solidos estudos da historia da arte antiga, ligou o seu nome á reconstrucção do burgo e castello feudal do seculo xv, que foi o grande ponto attractivo da exposição de Turim e que tem sido, e continuará a ser, a admiração dos forasteiros que ali affluem para apreciar essa notavel lição de historia ao vivo. Desde então o governo italiano aproveitou a alta competencia do nosso compatriota entregando-lhe a conservação dos monumentos regionaes do noroeste da Italia desde Turim até Pavia. O seu nome fez parte de todas as commissões relativas á arte; honrarias e distincções lhe cahiram aos pés, chegando a cidade de Turim a conferir-lhe o diploma de cidadão honorario, honra que outras cidades igualmente lhe attribuiram

A reconstrucção do burgo e castello medievo nas margens do rio Pó, tem de notavel sobretudo que desde o edificio até o mais insignificante utensilio do recheio, ali figurante, presidiu sempre o maximo escrupulo na representação dos incidentes constitutivos da vida social da época. Nada se pediu á phantasia: tudo obedece á realidade. O mais simples emblema, a cadeira pobre ou rica, o engenho de alçar pontes levadiças, a composição pela pintura de qualquer episodio burguez, adscrevem-se ao rigor do logar e da occasião. O travejamento das casas, os frisos a fresco, os escudos existentes aqui e ali, obedecem ao mesmo criterio; o cepo, a cadeia de ferro, o instrumento de tortura que ali se nos deparam, não duvidemos de que sejam copias fieis dos similares medievaes, como não haja duvidas sobre a exactidão das reproduções no tocante a roupas brancas, a bordados e estofos, ás alfaias e baixelas. De maneira que uma vez no recinto do burgo, podemos suppor que um milagre de alteração das leis do mundo nos levou, em carne e osso, uns poucos de seculos atraz, a um quadro social da idade-média: para a illusão ser completa, com effeito, ali se nos exhibem homens e mulheres com as vestimentas da época.

Superiormente a isto, paira a consoladora idéa de que ainda se não perderam as tradições do nosso passado brilhante, quando vimos portuguezes ensinando nas universidades da Hespanha, da França, da Italia, alguns com justificada reputação de sabios

em correspondencia ou contacto com as sumidades intellectuaes do tempo. Alfredo de Andrade tem professado em escolas italianas; é uma auctoridade ouvida e acatada, em tudo quanto respeita á Arte, do norte a sul da peninsula italica; os municipios consideram-no um cidadão nascido e educado ao sópro do ideal greco-romano de que a Italia é a mais gloriosa herdeira. Nós algum sangue recebemos d'essa mãe robustissima e não fomos por isso dos ultimos a sentir

repassem-se-nos de dôr todas as fibras do nosso ser, quando ha pouco uma tremenda catastrophe trouxe a desolação e o luto a incontaveis familias. Esqueçamos um momento a enorme dôr que trespassou a alma de quantos sabem soffrer as desventuras alheias, para pensarmos na homenagem que se vae prestar a um compatriota nosso, honra do nosso paiz, e honra da Italia que o conta como um dos mais dignos e extremados cultores da sua Arte.

BEL-CHIOR.



O defunto

**Jaz estendido no caixão funéreo
O cadaver do misero operario.
Na vida, caminhando incerto e vario,
De tabernas fugia, grave e sério.**

**Era um temente a Deus, e no mysterio
Dos bosques se aprazia, solitario.
Hontem, morreu, e envôlto no sudario,
Vai emfim repousar no cemiterio.**

**Fóra, chovia, e o sibilar dos ventos,
A voz d'um môcho que nas trevas pia,
A ais se uniam, sepulcraes acentos;**

**Em contorsões, a viuva se carpia,
E em meio d'esses tragicos lamentos,
Sómente a alma do defunto ria.**

JOÃO PENHA.



UMA VISTA DO ROCIO

Uma viagem á volta do Rocio

O meu amigo Alvaro Silva, ficára de me apresentar aquella noite em casa de madame C***, de quem os jornaes diziam maravilhas, sobre a maneira clara e positiva, como esta senhora predizia o futuro de quem a consultava a tal respeito.

Não admira portanto que eu sentisse uma certa anciedade em me defrontar com a celebre vidente, não porque cresse em taes maravilhas, mas simplesmente por experimentar sensações, se as sentisse.

Combinára estar com elle ás nove horas á esquina da rua do Carmo, cá em baixo, do lado da rua do Principe.

Puxei pelo relógio e vi que eram apenas oito.

— Bem!... disse eu com os meus botões, tenho tempo de dar por ahi uma volta pelo Rocio.

Dito e feito.

Accendi um cigarro e comecei a andar lentamente, a passo de patrulha da municipal, nariz apleado ao norte e bordejando pelo lado occidental, vendo as montras e admirando os que passavam.

O Rocio a esta hora da noite é um verdadeiro formigueiro, principalmente por este lado, que é o que vae mais directamente dar á Avenida, e Estação do caminho de ferro.

Gente de todas as classes se cruza de baixo para cima e de cima para baixo, n'um continuo vae-vem. Mulheres e homens de todas as categorias, desde o aristocrata até ao vendedor, desde a operaria até á *cocôte*, tudo se empurra, tudo se acotovella, tudo quer passar e tudo passa, fazendo zig-zags pela rua fóra.

Junto á montra da *Rouparia Alves*, installada á esquina da Rua do Principe, na casa onde outr'ora esteve o deposito de ma-

chinas do Beirão, dois homens escolhiam gravatas através do vidro da montra, achando umas escuras de mais, outras claras de menos, e seguiram depois por ali adiante, discutindo côres e gostos que só elles tinham.

A' transparencia do grande vidro, via-se realmente enorme sortimento de gravatas de todos os feitios, punhos brancos e de côres, camisas, collarinhos de altura desconforme, parecendo feitos para muralhar um castello e não para o pescoço d'um homem; piugas, e mais objectos de vestuario masculino, tudo em profusão, bem disposto, como a convidar, como que a attrahir a gente.

Fui andando.

Mais adiante, na escada ao lado da antiga *Chapelaria Julio Cesar dos Santos*, raparigas costureiras esperavam que as companheiras sahissem, e emquanto as mães se entretinham na má lingua umas com as outras, discutiam estas, coisas que a *mestra* tinha feito ou dito sobre o trabalho d'aquelle dia.

Duas das raparigas que estavam fóra da porta, encostadas á hobreira, cochichavam em voz baixa, e riam sorrateiramente, d'um sujeito que passava todo lamecha, a endireitar-se muito, a fazer-se rapaz á força, apezar dos annos lh'o não consentirem, e as pernas se recuzarem, desejosas de descanso.

— Olha que ainda está muito bem conservado!... dizia uma tendo frouxos de riso na voz.

— Com *sorvado* é que tu queres dizer. Não vês como é *maduro*?...

Riram então muito, e foram chamar as outras, puxando-lhes pelas capas, para verem o *janota*.

— Então?!... Vamos, filha, que são horas!... berrou uma velhota que até ali não tinha tido pressa. Ainda tenho de fazer a ceia a teu pae!...

— Espere um bocadinho, mãe, deixe vêr se a *Etelvina* vem para baixo! Vamos todas juntas.

As duas que estavam fóra da porta, acotovellaram-se quando um rapaz, bem posto, passou por pé d'ellas e as comprimimentou.

— Conheces?

— Ora!... disse a interpellada, bem me importa a mim!...

— Pois sim, sim!... Não é com essas!...

Deixei-as dialogar á vontade e segui o meu passeio.

Pela porta estreita da *Monaco* entravam homens a comprar tabaco, procurando jornaes estrangeiros, romances, folhetos, etc.; um desejava o *Petit Journal*, outro o *Times*, aquelle um jornal hespanhol, este o numero tantos dos *Serões*. Indagavam onde se assignavam, onde era a redacção, quanto custavam, coisas a que o donó da casa, o nosso amigo Cruz, respondia attenciosamente sem se apoquentar, sem se enfadar nunca, com aquella sua bondade caracteristica, que tanto tem captivado todos os que com elle lidam.

A' porta do estabelecimento via-se o costumado cavaco de litteratos e jornalistas, falando sempre mal do ultimo livro de Fulano, que estava cheio de galicismos crivado de erros grammaticaes; do artigo de fundo de Sicrano, aspero como todos os demonios, uma espada desembainhada contra o governo... que assim não é que se fazia politica, diziam.

Um poeta distincto, de grande cabelleira a sahir-lhe por baixo das ábas do côco, e delgadinho como uma fasquia de casquinha. lia a outro uns linguados d'almaço, sua ultima producção que breve viria á luz da publicidade, e pedia ao amigo a sua opinião franca, sincera, que dissesse, que diabo!...

— Está bom, palavra de honra!...

— Ha aqui um verso... não sei se reparaste... não gosto da *tonica*... tem pouca *cadencia*... queres vêr?...

Fugi.

Sentia já os cabellos em pé ainda antes de o ouvir declamar.

Sob a *marquise* da *Succursal do Seculo*, uma multidão enorme lia as ultimas noticias de maior sensação, no mostruario de fundo azul escuro, em que as letras brancas realçavam, dando a impressão de caracteres feitos a giz sobre lousa.

Lá dentro porém, aquella luz branca dos globos electricos, punha uns tons pallidos de luar, na *maquette* do monumento ao grande poeta João de Deus, collocada ao centro da casa, para todos poderem admirar o bello trabalho do distincto esculptor Moreira Rato, cujo valor artistico é de ha muito conhecido.

Dos frequentadores, uns liam o *Supplemento* e paginas do *Seculo* expostas nas vitrines, a cuja luz bem distribuida se podia analysar como se fosse dia, todos aquelles impressos.

Outros admiravam as photographias e quadros em leilão a favor dos famintos do Douro, enquanto o empregado da casa, muito atarefado, muito solícito, tomava apontamentos e dava informações dos varios assumptos sob que o interrogavam.

Pelas paredes, pintadas a meias-tintas, viam-se os mappas de Africa, Portugal, Angola, etc. que davam á casa um tom elegante e chic.

Mais adiante, a *Rouparia Azevedo*, toda inundada de luz, chamava a attenção dos

Militares e paisanos entre os quaes se viam dois ou três medicos mais em evidencia, discutiam coisas dos seus mysteres.

Um major da Municipal com os seus galões doirados a luzir muito e o kepi posto na nuca, commentava os ultimos acontecimentos. Dois outros, formando grupo á parte, discutiam balistica e tatica militar, pondo em relevo os exercicios da Escola pratica de Torres Novas e o campeonato do cavallo de guerra.



COSTUREIRAS A CAMINHO DE CASA

que passavam, embora fossem despreoccupados, tal é a maneira caprichosa como a casa, de um luxo quasi oriental, convida a entrar e a fazer compras, por pequenas que sejam.

Dei dois passos. Senti então crescer-me a agua na bócca, e puz-me a mastigar em sêcco, ao vêr a montra da *Antiga pastelaria Carvalho*.

Fructas crystallizadas, que a luz electrica fazia scintillar, acamadas em cartonagens phantasticas, punham tons brilhantes em todo aquelle conjuncto de goloseimas. Tive desejos de ser caixeiro da casa para me poder saciar á vontade.

A' porta da botica dos *Azevedos*, a scena era outra.

Os caturras medicos, combinavam entre si a melhor maneira de dar cabo da humanidade, e achavam que Charcot, Pasteur e outros eram uns pataratas, e que estavam a perder tempo inventando coisas para curar o genero humano.

— Estar cá com *bacilos*, e... o diabo!...

— Se a humanidade se cura... dizia um, é uma *seccura* para nós!...

Os outros riram do trocadilho.

Proximo da *Joalheria Lory*, quasi á esquina da Calçada do Carmo, duas mulheres e uma criança espetavam as cabeças pelo vidro da montra em riscos de o partirem, admirando com olhos cubiçosos os addresses de brilhantes expostos em estojos

de velludo de côres diversas, que lantejola-
vam á luz viva das pêras electricas.

Ao atravessar para o lado da *Tabacaria Neves*, o cego que costuma fazer paragem n'este local sobraçando uma quantidade enorme de jornaes, deu-me um encontrão que me fez pizar, sem querer, um pobre gallego, o qual levando a mão ao sacco, me mimoseou com um:

— *Boxê parece que num bê!!...*

Fiquei na duvida se era comigo se com o cego que falava, e fui seguindo.

plumas brancas, que lhe dava um aspecto de pelle-vermelha.

Do lado direito, uma guitarra em fôrma de lyra, toda cheia de embutidos a madreperola e madeiras differentes, chamava a attenção dos amadores que analysavam a pericia e paciencia do artista executor do instrumento, ao fundo do qual se via a etiqueta do fabricante em grandes letras pretas no meio de vinhetas caprichosas.

Mulheres bonitas, de fatos espantosos e grandes chapéos da ultima moda, passa-



LENDO AS NOTICIAS DA TERRA

Na entrada da tabacaria e montra do *Neves*, era tanta a gente que quasi impedia o transito.

Collados ao grande vidro de crystal, uns poucos de individuos passavam em revista as photographias e bilhetes postaes espalhados caprichosamente pelo interior da vitrine, onde se destacavam no primeiro plano os retratos do rei e principe mortos, do infante D. Affonso, D. Amelia, D. Luiz, D. Maria Pia, juntamente com João Franco, etc., e ao centro, de envolta com caixas de charutos caros e pacotes de tabaco arrebetados, o retrato a oleo, de El-rei D. Manuel, já vestido com o seu uniforme de generalissimo, com o seu capacete de grande cocar de

vam dengosas, saracoteando as ancas, mostrando, umas o que eram e não pareciam, outras o que pareciam e não eram.

Mais adiante, no *Passo da Graça* armado em bengaleiro, viam-se algumas bengalas baratas, alinhadas e encostadas á porta que estava fechada, enquanto rapazes e homens gritavam desesperados aos ouvidos de quem passava:

— A tostão e a dois tostões, cá estão bengalas baratas!

No momento em que um d'elles me metia pelos olhos uma das taes bengalas, passou perto de mim uma rapariga bem vestida, de fato leve e provocador, grande chapéo preto, *boa* de pennas brancas posta

a trainel pelo meio das costas, e que me disse em voz baixa:

— Bôa noite, visinho!

— Bôa noite, voltei eu agradecido, e ficando parado a scismar quem seria.

— Visinho?! Aquella cara não me é estranha, não... mas... espera!... Querem vêr que é... que é!... Ora que não me lembra o nome... Ah!... já sei!... a Sophia, a filha do tisico. Coitada!... Onde veio parar!... Era de esperar!...

Lembrei-me então de todo o seu passado, de toda a sua infancia, de quando ella andava a brincar pela rua da Cruz de Soure, com as outras pequenas da sua idade...

Conheci muito bem o pae.

A mãe, via-a uma vez unica. Quando sahiu de casa n'um caixão para o cemiterio dos Prazeres.

Morreu tisica, cheia de privações, de miseria...

Tanto luctou para matar a fome, que afinal a fome a matou a ella...

No dia em que sahia o caixão... parece que ainda estou vendo a pequenita agarrada a elle, sem deixar que os moços o levassem, a chorar pela sua querida mãe, que muito a estimava...

O pae, esse era vendedor ambulante de fructas baratas, nesperas, figos, uvas... e quando não havia nada d'isto, lá ía com umas couvesitas ou umas alfaces meladas, a arrastar-se, já minado pela doença...

A pequena ficou para ali, na rua, ao Deus dará, ás sôpas d'uma... ao caldo d'outra...

Foi crescendo... crescendo...

D'ali a poucos mezes de ter morrido a mãe, deu entrada o pae no hospital, e um dia, quando foram para o visitar, já estava enterrado!

Era de esperar!

E a pequena a crescer... a crescer... a desenvolver-se... a fazer-se mulher... e bonita...

Sem ter ninguem que olhasse por ella, e com tanta gente a olhar para ella...

Era de esperar!

.....

Adiante...

Sigâmos o nosso passeio:

Entre a porta do *Estacio* e o *Café do Gelo*, a esturdia estudantada da Polytechnica e Escola do Exercito discutia, cantava, asso-

biava, fazia um barulho ensurdecedor, despreoccupada da vida, e só pensando em dar cabo das mezadas paternas.

A' porta do *Mattos Moreira* e esquina correspondente, pequenas floristas cavaqueavam com os estudantes, tendo phrases garotas e rindo do que elles lhes diziam, emquanto alguns varinos apregoavam o *Correio da Noite* e a *Illustração do Seculo*, com gritos de pôr os cabellos em pé.

Atravessei para defronte, direito ao Theatro de D. Maria, mas quando o fiz, não reparei no carro electrico que ía para a Avenida, e ao fugir-lhe, por pouco não fiquei debaixo d'um automovel que me atirou para cima d'uma bicyclette, á qual escapando, me fez roçar pela trazeira d'um trem e dançando um *kake-walke*, fui esbarrar com o *cruzador* do amendoim que *fumava*... satisfeito por me vêr n'esta dança.

Esperando os carros, em frente do Theatro, o povo agglomerava-se e corria ávido a arranjar logar n'aquelle que lhe convinha, empurrando-se, atropelando-se, d'uma fórma malcreada e bruta, sem nenhuma consideração nem respeito, olhando apenas á sua conveniencia.

A frente do theatro com as suas seis columnas jonicas, dava-me idéa d'um templo pagão da antiga Roma, emquanto o Gil Vicente, de pé, posto lá em cima no vertice do angulo, fazia equilibrios para não cahir cá a baixo e partir a cabeça a algum paciente que estivesse á espera de carro para... *Santo Amaro*...

Ao recanto da escadaria, n'uma immobillidade de estatua, um homem de oculos pretos, e de mão estendida, esperava que lhe dessem esmola, segundo se deprehendia da taboleta negra com grandes letras brancas que trazia pendente do pescoço, em que se lia: JA VI, AGORA NÃO VEJO. Dei-lhe um cobre e passei adiante atravessando para o lado orientai.

A' esquina, a montra da *Chapelaria Azevedo Rua*, repleta de chapéos de todos os feitios e tamanhos, convidava o transeunte a entrar e comprar.

Entre elles porém, havia uns de côres berrantes, — amarellos, rôxos, verdes, etc., — todos de *aba-tela* e maiores do que a roda de um carro de bois, que pareciam expostos e dispostos a *armar desordens* mesmo dentro da montra, mas o policia, parado á

esquina, sorria ao olhar para elles e a dizer lá comsigo:

— Não ha novidade!... A gente cá está...

Dois passos mais, e quasi tive de vir apanhar o meio da rua para passar sem ficar... como hei de dizer?... sem ficar *sub-fazendado*, debaixo das enormes pilhas de peças de panno de todas as côres e feitios, chitas, rendas... eu sei... coisas expostas pelas lojas do *Povo*, *Guimarães*, etc., que tomam bem, bem... metade do passeio, apesar de largo.

Nos *Grandes Armazens do Rocio*, cheios

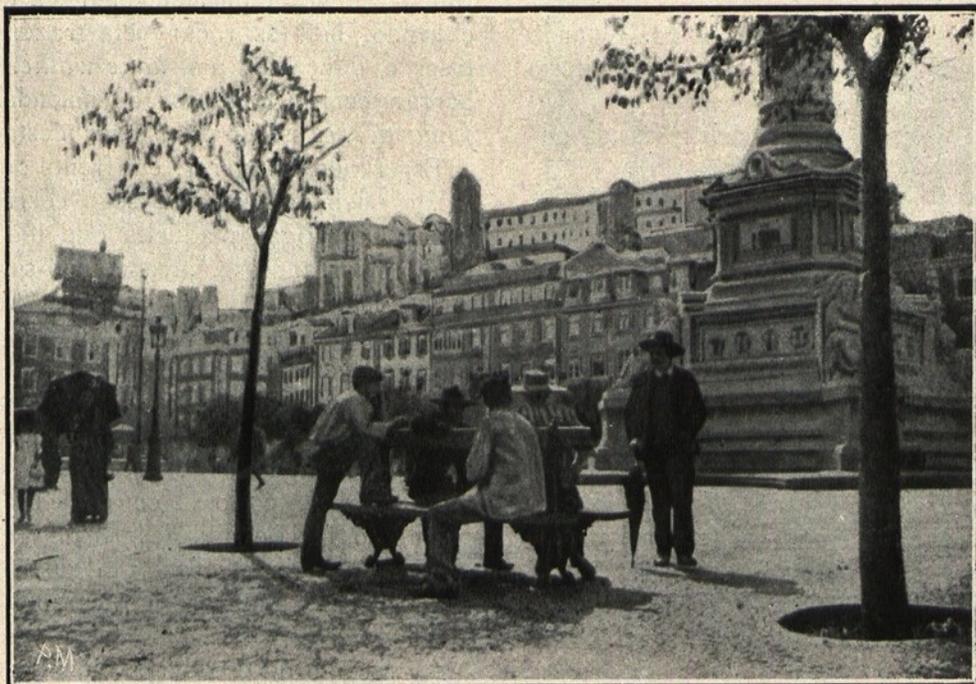
lembrar que ainda não tinha jantado. Mas o meu amigo não podia tardar, e... depois falaríamos.

Paradas á esquina da rua Augusta umas vinte pessoas esperavam carros electricos que as conduzisse. Uma velhota, que não sabia ler, perguntava azafamadamente ao guarda-freio d'um carro que ia para o Conde Barão:

— Vae para o *Campo Grande*?

— Vae para o Campo de Manobras!... respondeu aquelle, troçando. Quer vir?

Todos riram da chalaça e a velhota coitada, continuaria a esperar o electrico para



FREQUENTADORES DO ROCIO

de fazendas até ao tecto e a todo o comprimento da casa, que atravessa o quarteirão até á rua de S. Domingos, gente de diferentes classes fazia compras e sahia sobraçando embrulhos bem empacotados.

Depois parei um bocado á esquina da rua do Amparo, e fui vêr a loja de *ferragens do Thiago* cujas montras cheias de fechos e escudetes de feitios caprichosos, mostram quanto aquella arte está desenvolvida e o bom gosto do dono da casa, no fornecimento que faz todos os annos.

Quando passei perto dos *Dois Irmãos Unidos*, veiu lá de dentro um cheiro agradável de comida bem cozinhada, fazendo-me

o *Campo Grande* pela rua Augusta, se um individuo lhe não tivesse ensinado onde devia esperar o carro para aquelle sitio.

Estava agora ao sul da praça.

As montras da *Gravataria e rouparia Pimentel & Rosado*, todas brilhantes e enfeitadas de setins e sedas de phantasia para *plastrons*, desafiava a curiosidade dos que passavam, e que admiravam a grande variedade de gravatas, meias, piugas, ligas, botões de punho, etc., etc., que se viam expostos.

A' entrada da porta, uma estatueta representando uma odalisca com o seu diadema de sequins a enfeitar-lhe a cabeça, e fato de

côres berrantes, apoiando as mãos a uma delicada mezinha de madeira escura, parece aguardar, sorrindo, os que entram, e a gente sente-se transportado, ao entrar n'aquella loja, a um d'esses contos das *Mil e uma noites*, tal é a profusão de luzes e a maneira caprichosa e artistica como tudo aquillo está disposto.

Dois passos andados, cheguei então á *Tendinha*, á celebrada *Tendinha* do afamado vinho de Collares, ponto de reunião de toureiros e aficionados de todas as *estações do*

des do Batalha, do Mourisca, dos Robertos, dos Peixinhos pae e filho, em que a velha praça do Campo de Sant'Anna vinha a baixo com gente, e isto comparado com as tardes de hoje... Como tudo estava mudado!

— E' uma desgraça para a arte; dizem elles comovidos, a arte está morta!...

Desde a *Tendinha* até á esquina da rua do Ouro, todo aquelle quarteirão parece deserto, sem luz, sem vida.

Só uma casa se destaca das outras n'este bocado de rua.



ESPERANDO O ELECTRICO A' ESQUINA DA RUA AUGUSTA

anno, onde só se discutem, touros, cavallos e... mulheres.

Individuos de cara rapada, muito esca-nhoadada, conversam animadamente com cocheiros de praça, de maneira que se a gente dirige a palavra a algum, acontece confundir-se; julga estar falando com um *diestro* e afinal sae-lhe um cocheiro, ou fala com um cocheiro e sae-lhe um *diestro*.

Mas é n'aquella pequenina casa que se formam *carteis*, se delineiam corridas, se combinam vindas de *espadas*, se trata de tudo que diga respeito á arte de Fuentes.

Toureiros da velha guarda ali se reúnem a contar feitos e tardes do seu tempo, tardes de gloria que não voltam, aquellas tar-

E' a casa *Pontes & Martins* cujo bom fornecimento de fazendas para senhoras e crianças chama concorrência selecta áquelle estabelecimento.

E, a não ser esta, ha uma ou outra loja de modas que a maior parte das vezes não illumina as montras para não gastar gaz, e faz com que todo aquelle pedaço passe despercebido. E' talvez o ponto mais triste da praça do Rocio.

Parei um instante e depois de accender outro cigarro, puz-me a sonhar com aquelle Rocio d'outros tempos, aquelle Rocio onde a Inquisição levantava as suas fogueiras para imolar as victimas d'uma crença que não era a sua, mas que não seria talvez peor.

E via passar, ante os meus olhos bem abertos n'esta occasião, via passar como phantasmas, essas pobres victimas, sacrificadas ao fanatismo d'uma religião antagonica d'aquella prégada pelo Nazareno, que tanto ambicionava que nos «amássemos uns aos outros como irmãos» e que «não fizéssemos a outrem aquillo que não desejavamos que nos fizessem!»

Que doutrina tão sublime e tão adulterrada foi!

Se fosse possível resuscitar alguém d'esses tempos de horrivel memoria, como esse alguém não sentiria differença ao comparar o Rocio de então com o de hoje!

Este Rocio que tem sido o theatro onde se tem representado tanto drama, tanta tragedia, e onde tem corrido tanto sangue e perdido tanta vida!

Mas não vale a pena estar agora com philosophias recordando tempos idos, e continuemos o nosso passeio.

Do outro lado, porém, na esquina da rua do Ouro, a *Tabacaria Costa*, com a sua montra bem illuminada, repleta de bilhetes postaes illustrados e photographias diversas, obriga o povo a perder meia hora a vêr as collecções, e não raro é impellido pelo desejo de possuir um ou outro postal, a entrar e comprar, para mandar a um

amigo ausente, ou mesmo para guardar como recordação.

Não se vá imaginar agora, que é nosso intuito fazer reclamo a esta ou aquella casa, mas verdade é, e bem sabida, que quem deseja a photographia d'um actor ou de qualquer celebridade, corre em primeiro logar a esta tabacaria, e quando ali não haja, raro é encontrar-se n'outra parte.

Estava eu tambem embasbacado vendo os bilhetes postaes expostos, quando senti baterem-me no hombro.

Voltei-me e vi o amigo Alvaro, por quem esperava.

— Ora, graças!... exclamei jubiloso.

— Parece-me que ainda não é tarde, voltou elle, mostrando-me o relógio; são oito e quarenta, ainda tenho vinte minutos a meu favor.

— Isso é verdade, mas estou aqui desde as oito, e se não fosse a *viagem* que fiz, tinha morrido de aborrecimento.

— Uma viagem?!...

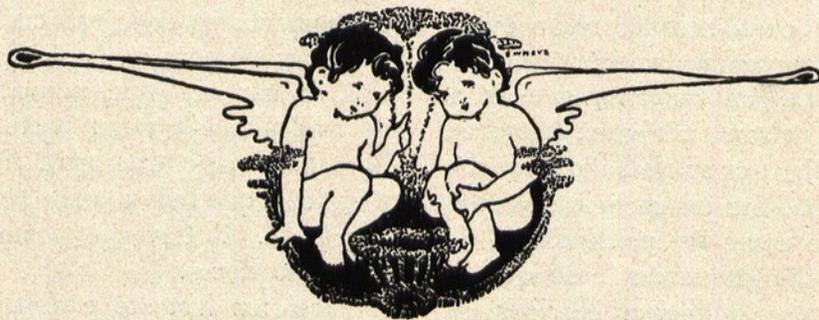
— Sim, uma viagem. E já ia em retirada para casa.

— Ora essa! E a nossa combinação?

— Sim, sim, bem sei! Tens de *vêr hoje uma bruxa comigo*... Pois vamos, porque quero saber se ella será capaz de adivinhar a minha *viagem á volta do Rocio*...

Photographias de Carlos Alberto.

RICARDO DE SOUZA.





SONETO D'AMOR

De ramo em ramo, como um passarinho
Que aprende a voar com tímidos receios,
Porque das outras aves os gorgeios
Ha muito o tentam a fugir do ninho,

E procurando o sol, como um céguinho
Que ouve, mas não vê, os males alheios,
Procuram os meus beijos os teus seios
E o meu destino segue o teu caminho.

Os teus braços me prendem e, cativo,
A' sombra do teu corpo enfim me aquieto ;
Procuro e não encontro o coração !

E como um passarinho fugitivo
Vou dar com elle palpitante, inquieto,
A tremer, a tremer na tua mão.

O amor dos homens

Vendo correr as nuvens que o sol doira,
Ao pé do mar, que é um verde lago quieto,
Da ultima andorinha, Gerty, a loira,
Segue no azul do céu o vôo inquieto,

Colhe conchas na praia e as enthesoira
Com grácil modo e infantil aspêto,
Beija-me, e em seus beijos sobredoira
De todo o nosso amor o claro afêto.

Mas eis que me repelle e em choro diz :
— O amor dos homens é um alegre bando
D'aves d'arribação, todas rivaes,

De céu em céu, de país em país,
De coração em coração voando,
Como a andorinha que não volta mais !

Pedroso Rodrigues



Os bastidores do nihilismo

Historia de um assassino, contada segundo os jornaes
e a narrativa pessoal do seu secretario, Mr. Bruce Ingersoll

POR

MAX PEMBERTON

XXXIII

PAULINA EMMUDECE

Tencionava ir ter logo com Blondel e communicar-lhe estas espantosas novas, mas o creado Edward não foi capaz de o descobrir nem teve mais noticias d'elle. Na verdade, o facto de que estávamos cercados era conhecido até dos creados mais humildes, e deixara-os como paralisados pelo medo. O que mais os impressionava, creio eu, era o isolamento do amo. Na sua ausencia os homens contavam historias de phantasmas. Preveniram-me que era arriscado passear no parque mesmo em pleno dia. Se eu duvidava do fundamento da affirmativa, não podia deixar de crer na honestidade das suas apprehensões.

E, para falar a verdade, não me sentia com coragem para me apresentar de novo ante Mr. Cavanagh. Isto não significava tanto falta de coragem como a comprehensão que no presente momento elle não podia fazer nada a meu favor. O homem que luta com os banidos de muitas nações nunca deve dormir. Jehan Cavanagh dormia desde que viu o filho doente. E havia presumpções que seriam os outros quem pagariam as differenças, e principalmente a minha adorada Paulina.

Affligiram-me muitos dias de dúvida e de perplexidade na minha vida, mas nunca tive um dia como aquelle. Era de uma belleza que me apoquentava. O sol dardejava os seus raios a prumo sobre o parque, o lago mantinha-se immovel como uma placa de chumbo, pelo arvoredado perpassava uma brisa suave. Em casa tudo parecia dormir; dir-se-hia que os bosques estavam tão desertos como no tempo da conquista. E o peor ainda, é que, segundo as mais sinistras hypotheses, estavam cheios de doudos do Oriente, . . . que nas bouças e vallados se occultavam phisionomias lúgubres, vedetas do caos, e que seria a Inglaterra e não Baku o theatro do espantoso drama prestes a representar-se. Esta probabilidade só a admittia com reluctancia. Havia como uma sombra de consolação em pensar que a verdade brilharia, que qualquer attentado anarchista seria reprimido a tempo, que não era a primeira vez que as predestinadas victimas se tinham subtrahido á sua sorte.

Era uma triste reflexão, mas nem o momento nem as circumstancias me suggeriam outra melhor. Jantei no meu quarto ás oito horas e esperei ahi que me trouxessem noticias de Blondel. A's dez o creado Edward participou-me que «Monsieur» partira para Londres, e que não declarara quando voltava.

— E o menino Ion, Edward? O medico voltou?

— Voltou ás dez.

— Como o encontrou?

— A mesma coisa. O patrão está muito mal.

— Quererá elle falar commigo, Edward?

— Não recebe ninguem até que a crise do filho se resolva a favor ou contra.

A declaração era clara, não havia dúvida, e, na verdade, descobrira já que o mellíflu creado não proferia senão as palavras absolutamente necessarias e sem elevar o seu tom de voz. A sua declaração franca confirmava a minha convicção, que não seria sensato diligenciar ver Mr. Cavanagh, pelo menos n'essa noite. Todas as minhas anciedades tinham de durar até o dia seguinte. Ficara desapontado com a participação que Prospero Blondel se retirara, nem eu o podia censurar por tomar essa resolução. Tomara as precauções que entendera, suspeita que se radicara em mim quando o grande projector electrico do observatorio subitamente illuminou todo o parque e mostrou os relvados transmittindo-lhe uma belleza inexcedivel. Os meus olhos encontravam agora alguma coisa para se distrahir. Conservava-me ali muito bem assentado junto da janella fumando o meu cachimbo e meditando nos segredos que a matta occultava tão perto de mim. Que pachorrentos elles eram! Que ridiculo o nosso medo se me afigurava rebuscando tudo, pesquisando a erva orvalhada, prateando as arvores com a luz electrica, pondo-nos de atalaia como se estivessemos em pleno sertão, espiando tudo e vendo em tudo misterios. Esse projector que Jehan Cavanagh collocara em Waterbeach devia ter ido para ali por uma noite como aquella. Previra elle, ao guerrear os banidos da humanidade, que poderia um dia ter que luctar contra o mundo, envergonhar-se de chamar em seu auxilio as mesmas leis que desprezara, punido pelo mesmo Deus que julga tanto os accusados como os accusadores? Todos estes pensamentos me acudiam n'essa noite. Que forte não fôra, que habilidade não demonstrara no momento do combate, e hoje vivia afflicto n'aquella noite silenciosa, attento a qualquer grito de angustia do filho, ansioso pela ameaça do dia seguinte! Fôra o ultimo a sentir medo na tragedia que se

desenrolava. Se o filho morresse Jehan Cavanagh tornar-se-hia um assassino.

Narrei que a luz perscrutava os sitios mais occultos do parque, e que esta vigilancia se prolongou pela noite adiante. Pela minha parte tão depressa pensava em me ir deitar, como em passear, como em partir para Londres. A corrente de sustos que subia e descia no meu coração, amargurado com o pesar de ter trazido Paulina para Inglaterra, alternava-se com o affecto que eu dedicava ao dono da casa, com a recordação das horas que passei em Antuerpia e em Madrid, com a lembrança do meu primeiro encontro com Paulina na sua cellula em Bruges. Tudo isto relampejava no meu cerebro, tirando-me toda a energia para qualquer resolução.

Deliberei procurar Jehan Cavanagh e solicitar-lhe a liberdade de Paulina em nome do meu amor. Era uma resolução energica tiral-a de casa ao romper do dia, e, arriscando tudo, quer os riscos do parque, quer os perigos remotos de Londres, dirigir-me direito a casa de lady Elgood e aguardar ali que o universo nos julgasse. A' medida que a noite decorria e o silencio se tornava mais profundo principiei a acreditar que tambem eu ali estava preso, que nunca conseguiria escapar-me da escravidão d'esta casa, que morreria servo de uma louca e dos seus pesadêlos. Este ultimo pensamento enchia-me o espirito com exclusão de quaesquer outros. Esta obsessão não me largou até que o projector electrico se apagou de subito e que se sumiram de todo os reflexos prateados espalhados pelo parque e relva.

Dormiria a gente do Observatorio? Parecia. Esperei durante muito tempo á janella e fumei umas poucas de cachimbadas antes do projector tornar a surgir. Foi então que percebi que a luz fôra dirigida para a banda norte da casa, para o lado do telheiro das embarcações onde eu descobrira o creado Robiniof. O caso em si não significava muito. Quem trabalhava com o projector costumava por vezes proceder assim, fazendo incidir os feixes luminosos durante alguns minutos sobre um objecto distante. A manobra passar-me-hia despercebida e teria olhado para outra parte se um subito relampago do projector não tivesse varrido de novo o parque, e posto em foco, com assombrosa nitidez o vulto de um homem, que se arrastava pela

orla da muralha sobranceira ao lago e caminhava de rojo em direcção da esquina occidental dos aposentos de Paulina.

Já descrevi que a muralha se erguia quasi a prumo da agua nas proximidades do jardim existente na ilha. A orla por onde o desconhecido deslisava offerecia apenas o espaço preciso para o homem pôr os pés e as mãos. Se não era sonho o que via, o intruso, corria por alli fóra com uma agilidade e rapidez que me surprehendia. Esta visão durou um segundo, mas foi o bastante. Todas as obsessões de ha pouco me assaltaram de novo. Havia ali um homem, um assassinio evidentemente, que atravessara o rio para matar Ion Cavanagh. Só um milagre o poderia salvar. Um instante depois precipitava-me para aquelle ponto, tropeçando em tudo, desnortado, Ao ouvido segredava-me

uma voz que dizia. «Louco! Foi uma visão nada mais. Vae-te deitar e ri dos teus receios!»

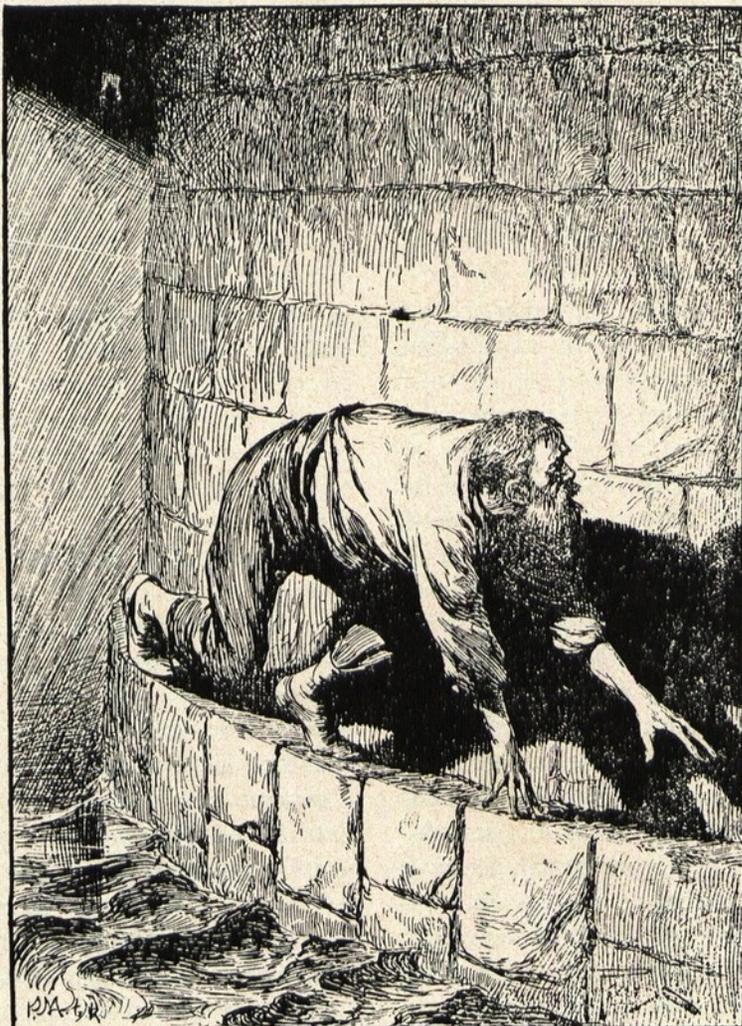
Todos sabem com que hesitação se alarma uma familia que dorme a somno sólto. O somno é uma coisa quasi sagrada. Passamos perto de quem dorme, calados, com passo cauteloso, com uma mordança nos labios. Mesmo nos instantes de medo reprimimos os gritos. E não ha duvida que as exclamações

abafadas que ouvimos nos melodramas são verdadeiras, humanas. Apenas me achei fóra do quarto, assaltaram-me milhares de perplexidades. Seria uma illusão? Vira eu realmente um homem a rastejar pela orla da muralha do lago ou fóra uma simples phantasia dos meus sentidos? O silencio respondia-me affirmativamente. Deslisei pela escadaria e não

ouvi sequer a respiração de ninguem. Ninguem se mexia; se alguém estava de vigia, não dei pela sua presença. Principiei então a tremer com frio. Era uma loucura a venturarme. Mas não me importava. O meu ouvido era excellente, se o perigo fosse grande voltaria immediatamente.

A curiosidade era mais forte que o temor. Para falar com franqueza achava este silencio pouco natural. A menos que não conside-

rasse Blondel e os seus homens traidores ou imbecis, a ausencia completa de sentinellas dava-me que scismar. Onde estavam as atalaias que vira hontem e que guardavam o quarto do doente? Fiz esta pergunta a mim proprio e dirigi-me, pelas escadas para a ala occidental. Tornei ahi a applicar o ouvido. Sobresaltou-me um som que eu não podia definir. Detive-me um instante, escutei e o som repetiu-se. Alguem conversava baixinho e um dos interlocutores era



...O VULTO DE UM HOMEM
QUE SE ARRASTAVA PELA ORLA DA MURALHA...

mulher. Lembrei-me que seria Madame Cavanagh ou qualquer das creadas. Mas não tive tempo para discutir commigo mesmo. Pensei n'outra coisa. Subi outro lanço das escadas. Aqui o ruido das vozes tornou-se mais distincto. Adeantei-me um pouco mais pelo corredor adeante e o ruido cessou completamente. N'esse mesmo instante a escada inundou-se de branca claridade projectada por uma grande lampada que surgiu no tecto. Olhei e encontrei-me, com grande surpresa minha, em presença de Jehan Cavanagh.

Vestia um comprido roupão de côr clara, com os cordões da cintura desatados. Na sua phisionomia reflectia-se uma expressão que eu nunca lhe vira. Revelava-se n'elle uma nova anciedade, até medo. E no entanto a sua apparencia era cheia de magestosa bondade. Pelo que dizia respeito aos meus actos não tinha censuras a dirigir-me.

— Ingersoll! — bradou — faça favor de me acompanhar.

Não respondi. Cavanagh voltou-se e começou a andar apressadamente pelo corredor fóra em direcção da porta do quarto de Paulina. Era impossivel n'aquelle breve espaço conjecturar quaes eram as suas intenções ou lançar qualquer luz n'este estranho encontro. Acompanhei-o, mas seriamente apprehensivo. Tão apprehensivo que desejaria não tornar a passar tão maus momentos.

Que succedera a Paulina? Que voz ouviria eu. Era possivel que nos dispuzessemos a accusal-a de um crime que só a imaginação criava? Morrera a creança e chegara o momento crítico? Cada minuto representava para mim uma terrivel tortura e nem por toda a riqueza de Cavanagh eu consentiria em me conservar n'aquelle incerteza até o fim do dia. E estavamos no começo d'elle. Estas reflexões decuplicaram de intensidade, quando ambos escutamos á porta, sem que ninguém nol-a abrisse.

— Por amor de Deus diga-me a verdade! — exclamei eu por fim. — Que aconteceu? Que significa isto?

Cavanagh respondeu-me com toda a gentileza.

— Paulina salvou a vida de meu filho, Ingersoll. Esteve para perder a d'ella por causa da sua coragem. Espero que não lhe tenha succedido nada mau. Não ouve nada? Não ha nenhum movimento no quarto?

Escutei mas o meu coração batia tão clamorosamente que não lhe podia responder. Não chegava até nós nem um som, nem um murmurio.

— Está morta! — gritei, mas Cavanagh socegou-me collocando a sua mão sobre a minha.

— O melhor é arrombar a porta, Ingersoll. Vou chamar gente.

Levantou a voz e chamou em russo. Appareceram immediatamente tres dos creados com Fédoro á frente.

— Arrombem essa porta — ordenou Cavanagh.

Obedeceram sem demora e entramos de roldão. Não havia ninguem na primeira sala, que se debruçava sobre o jardim. Mas no quarto de dormir, que olha para o sul, encontramos Paulina sem dar accôrdo de si nos braços de Madame Cavanagh.

XXXIV

O MILAGRE

Ouvira dizer que não é facil recordar-mo-nos das pequenas coisas nos grandes acontecimentos da nossa vida. A minha experiencia affirma o contrario. A memoria reflecte-me com a maior fidelidade as horas de terrivel emoção que passei. Acodem-me as mais pequenas minudencias quando escrevo ou falo no assumpto, n'esse supremo acontecimento de Waterbeach, tão imprevisito, tão pasmoso na fórma como sobreveio.

Devo declarar antes de mais nada, que o quarto estava na maior desordem. Mesmo na sala as mesas e cadeiras estavam n'uma confusão que revelava o drama que ali se dera. As janellas achavam-se escancaradas em todos os aposentos. A luz, observei, brilhava com toda a intensidade e Madame Cavanagh estava completamente vestida. Paulina trazia um roupão branco, apertado na cintura por uma faixa do Oriente, mas o braço apresentava manchas de sangue e o hombro nodoas negras. Reparei em tudo isto de relance quando entrei com Mr. Cavanagh e a impressão que recebi foi a mais sinistra possivel.

Relatei que entráramos na sala juntos, mas Mr. Cavanagh ao penetrar no quarto afastou-se do meu lado e correu para sua mulher. Recordo-me como se fóra hoje do

olhar baço e triste, do rosto pallido da minha adorada Paulina. A minha intervenção impetuosa justificava-se pelo muito que esse espectáculo me impressionou. Julguei que Paulina estivesse morta e os segundos pareceram-me seculos emquanto não adquirir a certeza do contrario.

— Catharina! Porque está aqui, Catharina?

Mr. Cavanagh dirigia-se á pobre senhora que se encontrava a seus pés. Ella respondeu-lhe n'aquella voz doce que eu já ouvira no jardim.

— Houve aqui uma grande desgraça. Jehan. Mande chamar o dr. Hanson, faça favor.

M. Cavanagh não respondeu. Ficou meio absorto, olhando para sua mulher como se estivesse sonhando. Quando recuperou o uso da fala ordenou para Fédoro:

— Mande a Kenton Park immediatamente; Frederico que vá.

— Muito bem, muito bem — acrescento madame Cavanagh — Robiniof que o acompanhe. Será mais seguro.

Mr. Cavanagh tornou a olhar para a esposa como assombrado.

— Concorde Catharina, será mais seguro. Robiniof que vá tambem.

Era pasmoso ouvil-o confirmar o que dissera a pobre senhora. Acreditei no milagre que já me surprehendera no jardim, de manhan. O anáthema da loucura já não pesava sobre a casa. Fosse o que fosse que tivesse acontecido n'aquelle dia restituira a razão a Madame Cavanagh. Foi o que comprehendí, mas um tanto vagamente, como um homem que vê ante si uma felicidade em que não acredita. Vi rosarem-se as faces encovadas de Jehan Cavanagh, respirou mais desoprimido, os olhos resplandeceram-lhe subitamente como se n'elles se accendesse a luz de uma grande esperança. Foi só então que me lembrei de Paulina, que reagiu contra mim mesmo e corri para o lado d'ella.

— Ponha-lhe a mão sobre o coração — aconselhou-me Cavanagh.

Obedeci e informei-o que ainda vivia.

— Está desmaiada — adduziu; — talvez tenha o braço quebrado. Mas é muito nova, Ingersoll, salvál-a-hemos. Com a ajuda de Deus não ha-de ser nada, salvál-a-hemos para si, Ingersoll.

E' do que me lembra da extraordinaria

conjuntura. Categorias como eram essas palavras, não respondi a nenhuma. Observava-me a pertinaz crença havia muito tempo de que Paulina morreria n'esta casa.

Nem mesmo ouvindo a sua voz me renderia á evidencia. Mas tive que me render. Por fim Paulina abriu os olhos e olhou em redor. Eu ajoelhei e beijei-a. Pareceu-me, não sei porquê, que era a ultima vez que a beijava.

— Por favor, Ingersoll — rogou ella, tão baixinho que quasi não a ouvia — por favor não me toque no braço.

Que poderia eu responder a uma súplica daquella natureza? Procedi como qualquer outro procederia. Desejava possuir uma eloquencia inspirada para lhe communicar tudo quanto eu pensava e sentia, e acabei por não lhe dizer nada. Quando chegou o doutor Hanson, encontrou-nos a nós, a madame Cavanagh e a mim, ao lado de Paulina, e a Mr. Cavanagh passeando ainda pelo quarto, dominado pela surpresa que o avassallara e que era o milagre d'aquella noite. O medico não era homem que se espantasse com coisa nenhuma, tantos mysterios e segredos conhecia de Waterbeach e de quem nelle residia.

Deixámol-o no cumprimento da sua missão, eu e Mr. Cavanagh, ao passo que Madame Cavanagh chamava uma das creadas para a ajudar. Dirigi-me para a sala proxima onde ambos diligenciávamos occultar a impaciencia fingindo interessar-nos pelo que acontecia para além das janellas. Ninguem se enganava com esse fingimento — a futilidade da conversação trahia o facto — mas cada um de nós principiou a narrar historias, como o faria Paulina se se encontrasse ali.

— O acontecimento relata-se em poucas palavras — disse Mr. Cavanagh após uma digressão sobre coisas triviaes. — Um homem qualquer tentou escalar a janella, Paulina assomou-se nesse momento e repeliu-o. Que succedeu a esse homem, Ingersoll? E' capaz de adivinhar?

Receava fazel-o e confessei-lh'o com franqueza. Nem sequer lhe quiz perguntar como é que Madame Cavanagh entrara no quarto. Soubera que Mr. Cavanagh mandara afrouxar a vigilancia que as condições mentaes da pobre senhora exigiam. Um cavalheiresco sentimento de delicadeza pelo

passado fazia com que lhe repugnassem essas precauções, e a sua nobre conducta fôra generosamente recompensada. Eis o motivo porque hesitei em lhe responder. E enquanto essa indecisão durava levou-me elle até a janella aberta e pediu-me que o informasse do que via d'ali:

— Olhe acolá para o lago, Ingersoll, — disse-me; — que vê além?

— Vejo homens no lado de lá com lanternas — respondi.

— Não ha ali um barco?

— Não vejo nenhum.

— Lembro-me agora que o mandei guardar. Sabe porque aquelles homens estão ali, Ingersoll?

— Conjecturo.

— E' o nosso velho amigo Dubarrac em carne e osso. Veio aqui para matar o meu filho, Ingersoll. E a sua protegida... mas não devo por ora falar em semelhante incidente... é cedo de mais, Ingersoll. O caso é tão momentoso para si como para mim... é estupendo!

Mr. Cavanagh calou-se abruptamente e fechou a janella. Não podia adivinhar a intenção que o obrigou a emmudecer tão de subito e tambem não lhe fiz nenhuma observação a tal respeito. Toda a minha esperança residia para além da porta que se fechara sobre nós. Não podia occultar essa impressão nem mesmo de Mr. Cavanagh, e quando sua mulher appareceu, implorei-lhe pelo amor de Deus que me dissesse a verdade.

— Vive ainda? — perguntei-lhe.

A sua mão cahiu sobre a minha como se fôra a pétala de uma rosa, o seu coração de mulher manifestou-se então, e respondeu-me:

— Não lhe podia trazer melhores noticias, Mr. Ingersoll.

Em seguida voltando-se para o marido disse-lhe:

— Jehan, leva-me onde está meu filho.

Tapei a cara com as mãos. não me atrevia a olhar para os dois. O anjo da suprema reconciliação bafejava-os com o seu halito. Jehan Cavanagh encarou-me e comprehendeu o meu escrupulo.

A felicidade renascia para ambos. Mr. Cavanagh podia confiar o pêsso dos seus desgostos áquelle coração que tanto o amava. O dia seguinte illuminou um espectáculo da mais legitima ventura

XXXV

A MEMORIA DE JEHAN CAVANAGH

Foi dez dias depois de seu filho estar livre de perigo que Madame Cavanagh, encontrando-me na grande bibliotheca de Waterbeach, me contou pela primeira vez o que realmente succedera em Baku.

E' natural que eu não me esqueça de nenhuma das circunstancias de uma tão imprevista narrativa, e para mim, por muitos motivos, terrivel. A' medida que o tempo caminhava cada vez se radicava mais no meu espirito a convicção de que essa formosa dama ou faria ou destruiria a minha felicidade, que o meu futuro estava nas suas mãos. De modo que quando ella me dirigiu a palavra fiquei altamente commovido. Approximava-se a hora solenne. Ao almoço, quando toda a gente se levantara. Madame Cavanagh pediu-me para a acompanhar á bibliotheca e declarou-me que ali conversariamos ácerca de Paulina. Encaminhei-me para lá tendo a certeza que tinha um segredo para me revelar. Pode imaginar-se do meu estado de espirito quando, da revelação feita, dependia ou a minha ventura ou o aniquilamento dos meus sonhos.

Principiarei por contar que a antiga fabula da hora sinistra não fôra acreditada em Waterbeach. Aquella noite milagrosa, que arrancara o véo dos olhos de Jehan Cavanagh, trouxera lhe tambem a certeza que seu filho não morreria. Não posso dar uma explicação racional da fé que de mim se apossou, mas parece-me que ella penetrara na minha alma no momento em que os dois esposos renasceram um para o outro. Nada depois m'a afugentou. O sol já principiara a brilhar para elles. Era eu o unico que ficava envólto na sombra da duvida em que o misterio me mergulhara.

Nunca mais se falara em attentado nem em coisa semelhante em Waterbeach. A morte de Dubarrac, que cahira da janella de Paulina sobre as pedras do eirado, e o completo restabelecimento de Mr. Cavanagh, o que lhe permittiu voltar a desempenhar o seu antigo papel, abriu-nos os bosques e permittiu que andássemos por onde queriamos. Um jury equitativo proferiu um veridictum absolutorio e a imprensa bem encaminhada descreveu a emergencia

como um caso curioso de tentativa de roubo á mão armada, com a agravante da casa ter estado cercada durante muitos dias, e que essa audaciosa tentativa fôra frustrada pela coragem de uma mulher. Lêmos as noticias e rimo-nos d'ellas. Sabia-nos bem cavalgar pelos campos fôra e respirar o ar puro, e comprehende-se que, fosse o que fosse que houvesse de nos acontecer, o palacio do Fen tornara-se inexpugnável.

Escrevera isto ántes do inolvidável dia em que me encontrei com Madame Cavanagh na bibliotheca, e que ahi aguardei, como um accusado a sua sentença, a narrativa que ella se dignou fazer-me. Embora mulher formosissima, a sua demorada enfermidade não passara sem deixar vestigios; mas havia principalmente nas suas maneiras uma timidez, um acanhamento que parecia exprimir: «Existe alguma coisa na minha vida de que eu nada sei, que os outros sabem, mas que receiam contar-me». Este modo caracterisava a sua attitude tanto para mim como para seu marido, cuja dedicação por ella não se póde traduzir por palavras. Todos nós críamos que essa apprehensão havia de desaparecer, e quando me achei deante d'ella na bibliotheca nessa momentosa manhan, observei que a confiança em si mesmô voltara.

— Mr. Ingersoll — principiou ella, convidando-me a acompanhál-a ao vão de uma ampla janella — sabe porque eu lhe pedi para vir aqui esta manhan?

— Para falar ácerca de Paulina, Madame Cavanagh.

Assentiu com uma inclinação de cabeça e lançou um olhar para o sitio onde a encantadora menina convalescia numa cadeira de vime sob as vistas carinhosas do proprio Jehan Cavanagh.

— E' verdade, para falar de Paulina. Não deve ser surpresa para si, Mr. Ingersoll. . . Ha uns poucos de dias que eu pergunto a mim mesmo porque não tinha já falado. . .

— Fui eu quem primeiro o solicitou — declarei — no dia que me encontrei com Madame Cavanagh no jardim.

— Sabia que tinha empenho n'isso, principalmente depois d'aquella terrível noite. Deve ter pensado muito ácerca d'esses acontecimentos. . . comprehendo muito bem a sua anciedade. . . mas socegue que não

occorreu nada que fosse do meu dever não lh'o relatar.

Fitei-a com uma pergunta anciosa no olhar.

— E' senhora e hade contar-me tudo, porque amou.

Suspirou e voltou a cara. Um raio de sol coou-se obliquamente através da janella e incidiu sobre a sua cabeça. Se eu não a conhecesse tão bem diria que era uma rapariga nova. Esta impressão de juventude restituiu-me a coragem que as suas palavras me tinham tirado. Não podia acreditar que ouviria dos seus labios uma sentença que me roubasse n'um instante toda a recente esperança que a entrevista me inspirara.

— E' mulher — repeti — e hade ser bondosa. Preciso conhecer a historia de Paulina. . . não posso viver sem a conhecer.

Quedou-se silenciosa durante um momento e em seguida virou o rosto para mim. Do jardim subiu até nós o echo de uma gargalhada juvenil. Ouvi a voz de Paulina, e em seguida a voz do filho de Madame Cavanagh.

— Ouça — exclamou ella subitamente, volvendo-se para mim e collocando a sua mão na minha — se fosse amigo de um homem e soubesse qualquer coisa que lhe roubasse a felicidade, contava-lh'a ou guardava segredo, Mr. Ingersoll? Sou eu quem lhe faço a pergunta. . . uma mulher. Guardava segredo ou revelava-o?

Era impossível equivocar-me ácerca da gravidade d'estas palavras. Acudiu-me de subito á memoria que talvez Paulina tivesse sido accusada para poupar outra pessoa. Seria essa pessoa o proprio Jehan Cavanagh? Justos céos! Que pensamento!

— Guardava segredo ou revelava-o, Mr. Ingersoll?

Apertei a cabeça com as mãos e occultei o rosto durante alguns minutos. Depois disse:

— Conforme as circumstancias; conforme a pessoa a quem o revelasse e conforme o alcance dessa revelação.

— Era essa opinião que eu desejava ouvir — respondeu Madame Cavanagh.

— Deixe-me pensar — atalhei; — ha conjunturas em que o silencio se impõe. Em que só a consciencia é bom juiz, em que a comprehensão nítida do dever obedece a principios immutáveis do fóro íntimo.

Madame Cavanagh ouvia attenta e confirmava cada palavra com uma leve inclinação de cabeça.

— Não devem haver mais dias tristes n'esta vida, Mr. Ingersoll.

— Não os haverá nunca mais se os factos se passaram como eu penso.

— E se a realidade contrariar essa esperança? — proseguiu ella. — O senhor tornou-se para meu marido como um filho. Disse-m'o elle. E se não conseguirmos justificar Paulina a seus olhos? . . .

— Eu pretendo principalmente que Paulina se justifique aos meus, Madame Cavanagh. Mas deixe-me declarar-lhe que nunca acreditei na sua criminalidade. Assaltaram-me maus pensamentos em Bruges e envergonho-me d'elles; mas mereço desculpa, provocou-os uma confissão, a da propria Paulina, que se apresentava como criminosa.

— Confessou que seu irmão George não podia ser accusado?

— Seu irmão?

— O que se casou com Adriana Renaudier em Odessa.

Não podia responder uma palavra a tal respeito. Madame Cavanagh proseguiu socegradamente:

— Paulina tem nuito sangue francês nas veias. A sua familia foi sempre considerada em Baku como franceza. Seu irmão casou-se com uma senhora d'essa nacionalidade. Sobreveio depois o tumulto. Lembro-me muito bem dessa noite de terror e de soffrimento. A turba estava doida. Os poços de petroleo ardião. Mataram alguns desditosos á porta de minha casa. Uma das minhas creadas foi assassinada quasi nos meus braços. Os Mavieffs tornaram-se suspeitos a toda a gente. Facilmente se acreditou que Francis Cavanagh, meu sogro, fôra morto com um tiro por um delles. . . .

— Ao passo que? . . . balbuciei eu, com os labios tão sêccos que com difficuldade pronunciei essas palavras.

— Ao passo que foi elle que se matou a si proprio, Mr. Ingersoll.

Deviam ter decorrido cinco minutos antes de eu recuperar o uzo da fala. Não podia transmittir á minha interlocutora o que sentia. . . . mas tambem não se tornava mister. As supremas alegrias da nossa vida são com frequencia fructo das coisas mais

simples. Fizera milhares de conjecturas sobre a verdade da historia de Baku e nenhuma d'ellas tocara sequer as raias desta possibilidade. A presente conversa descerrara as cortinas do misterio, um braço gigantesco correra-as de lés a lés.

— Deu um tiro em si mesmo! — bradei porfim — e sabia isso, Madame Cavanagh?

— Sube-o ha dez dias quando Robiniof chegou aqui vindo de Bruges.

— Não me quer contar todos os pormenores?

— Vou contar-lhos. . . devo-lhe essa attenção. Francis Cavanagh amava Adriana, mulher de George. Se isto se tivesse espalhado depois da sua morte, o boato ser-lhe-hia prejudicial. . . suspeitariam com certeza d'ella ou fariam com que se suspeitasse.

— Comprehendo tudo — declarei — e esta rapariga mentiu, a principio para salvar a vida de sua cunhada; depois, para seguir os dictames da sua vaidade; e por ultimo. . . sim chegamos ao final, Madame Cavanagh. . . para que seu marido não soubesse toda a verdade.

A affectuosa senhora não encarara o caso por esse ponto de vista, mas eu apanhei-o immediatamente. Oh, como tudo se explicava tão singelamente! Esse tal Francis Cavanagh, um razoavel libertino, fôra ameaçado da revelação da sua aleivosia pela mulher a quem deshonorara; Paulina receou que accusassem a cunhada e mentiu a toda a gente. Não me relatara em Bruges que Jehan Cavanagh fôra uma especie de pae para ella? Não precisava d'outro argumento; podia deitar a correr de alegria e gritar com toda a força dos meus pulmões: «Está innocente! Está innocente!»

— Madame Cavanagh — declarei eu n'um impulso — guardarei este segredo até que os seus labios me concedam a liberdade de falar.

Estacou e estendeu-me ambas as mãos.

Cumpri a promessa como me comprometti. . . até o dia em que o proprio Jehan Cavanagh me ordenou que escrevesse tudo.

Disse que fôra elle o proprio quem me ordenou para eu escrever toda a historia, mas muitas coisas tinham acontecido antes. Devia talvez mencionar primeiro os bellos e socegados dias que se seguiram em Waterbeach ao acontecimento; as manhans de outono cheias

de sol, as noites dormidas de um somno, a paz que reinava em toda a casa levavam a acreditar que tudo fôra um pesadêlo. Paulina recuperara a graça e vivacidade de outr'ora e insistia que não a poupássemos. Ainda trazia o braço ao peito e havia momentos que apesar do sol intenso as suas faces não se rosavam, mas até isto se foi modificando com o rodar dos dias. Um dia com grande surpresa minha Mr. Cavanagh participou-me que eu ia partir para o sul.

— Embarque no meu yacht — disse-me — e vá a Argel, a Tunis e depois ao Egypto, Ingersoll. Não se esqueça que ella nasceu no Oriente. Um inverno passado neste paiz seria uma penitencia que não tem direito a impôr-lhe. Escrevi para Greenwood e a embarcação estará prompta dentro de uma semana. Escusado será dizer-lhe que pode ir onde quizer. Tenho aqui uma carta do nosso amigo Blondel, que está agora em S. Petersburgo.

Não podia ler a carta escripta em russo, mas conjecturei facilmente qual era o seu conteúdo. Descobri que Jehan Cavanagh tambem tinha um segredo... adivinhara-o havia dias. A injustiça da sua louca accusação apoquentava-o e amargurava-lhe o espirito. Acabou, porém, por afugentar essas idéas. Fôra uma mulher quem lhe trouxera a remissão dos seus erros.

— E Mr. Cavanagh? — perguntei-lhe voltando-me para elle.

— Vou fazer uma excursão pelas montanhas, Ingersoll — respondeu-me com um ligeiro sorriso — vou ao Canadá. Nunca se lembrou que estes horizontes por aqui são acanhados? Preciso de ir até as montanhas e estudar de novo um pouco o mundo. Mas escreva-me a miude, Ingersoll... dê-me noticias de sua mulher.

Supponho que me mostrei um tanto enleado ao ouvir estas palavras, mas logo elle começou a falar d'outros assumptos.

— O rei Canuto quiz monopolisar o mar, Ingersoll — disse elle — mas apesar de tudo os homens fizeram o que quizeram. Construíram quebra-mares e portos; reclamam agora a terra para a semear. O que nin-

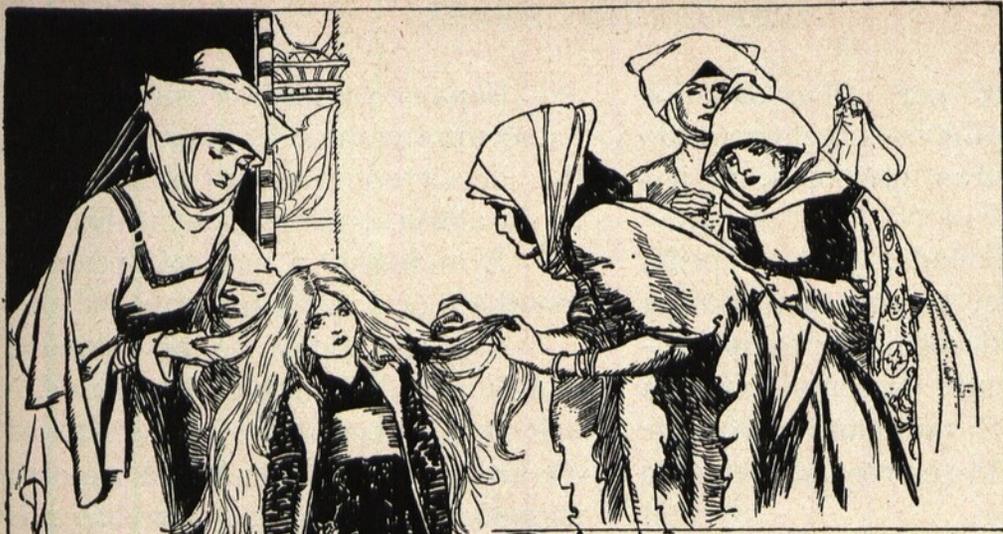
guem é capaz de conseguir é entravar a grande onda humana do progresso, é obstar que chegue á meta. Aqui tambem ha um mar onde se desencadeiam as tempestades. Os navios hão-de naufragar e os homens e as mulheres hão perecer inexoravelmente. E' uma inundaçào terrivel e quem esquecer a verdade perecerá arrebatado por ella. Convenço-me de que a liberdade humana precisa alguma vez ter como agente a loucura dos homens. Nenhum homem que navega n'esse mar tem direito a pensar apenas no seu fragil barco e destruir os outros para que possa viver. Foi isso que fiz até agora. Creio que usurpei poderes que a minha consciencia não me podia dar, e procedi mal. A lei pertence ao legislador. A sociedade que não se pode proteger a si mesmo... nenhum homem a pode salvar... ninguem por seu moto proprio. O senhor comprehendeu isto desde o principio... os seus artigos e discussões sobre a sanção individual tinham razão de ser, Ingersoll. Agradeço-lhe tudo quanto fez, tudo quanto me disse... principalmente as suas palavras de Madrid. E' n'isso que reside o perigo... no instincto sanguinario, na tendencia para a barbaria. Salvou-me d'esse abismo e lembrar-me-hei d'isso emquanto viva.

Respondi evasivamente, e, na verdade era confissão que não exigia resposta. O dedo de Deus escrevera um livro para Jehan Cavagh e escrevera-o de modo que todo o mundo o pudesse ler. Nada tinha a retorquir-lhe senão afirmar-lhe que diligenciara cumprir o meu dever e que sentia por elle profundissima estima. Mas tudo isto era sabido e não valia a pena insistir em semelhante coisa.

Recordo-me que passeávamos a cavallo quando se realizou esta conversa, e que n'esse momento avistámos o palacio e que se nos depararam duas pessoas que esperavam por nós no eirado. Estava ali a porta do nosso paraíso, e, sem trocarmos mais palavra, apressamos o passo dos cavallos n'essa direcção. Era meio dia, lembro-me, e o sol chegava ao zenith.

(Fim.)

Traducção do inglez de EDUARDO DE NORONHA.



Historia

PARA

Creanças

O Cabello da
Princeza

Rosabella

(Conclusão)

A princeza quiz acompanhá-los mas não pôde, tão pesado era o trambolho que lhe pendia da cabeça.

— Que fazer? perguntou o rei.

O primeiro ministro encostou á testa a ponta do dedo pollegar da mão direita, pensou muito e disse:

— Deve-se cortar o cabelo da princeza.

— Que maravilhosa idéa! exclamaram todos, com excepção do chanceler, que nunca achava bom o que fazia ou dizia o collega, e do cozinheiro-mór, que estava distraído, pensando que o assado, que tinha deixado no forno, podia estar feito em esturro, e que o pagem tinha já tempo e retempo de haver mandado o tal doce á pá do bucho.

Vae então a rainha mandou chamar a sua costureira-mór, e o rei o seu alfaiate-mór, e ordenaram-lhe que trouxessem immediatamente todas as tesouras que tivessem á sua disposição.

E ambos trouxeram as tesouras que arranjaram e começaram logo a cortar o cabelo da princeza. Cortaram, cortaram, até se cansarem; também se empregaram em cortar quantas pessoas foram apparecendo e as que o rei e a rainha mandaram chamar á sua presença. Por fim as tesouras ficaram todas estragadas, mas o cabelo não parou de crescer.

Desesperado, o rei mandou comprar todas as tesouras que houvesse no seu reino, e ordenou que viessem ao palacio todos os cabelleiros da capital e arredores. Cortaram os cabelleiros, cortaram as cuvilheiras, cortaram os pagens, cortaram todas as pessoas que havia no paço, e o cabelo da princeza não parou de crescer, de crescer!

E quanto mais o cortavam, mais depressa elle crescia, mais engrossava. E até de noite crescia, quando Rosabella estava a dormir, e então cobria o travesseiro, e descia, ás on-

das côr de ouro, por ambos os lados da cama e espalhava-se pelo sobrado feito de madeiras preciosas. E pesava tanto!...

Rosabella, coitada, já não podia passear, e nem mesmo sentada ou deitada se sentia bem. Foi emmagrecendo, e perdendo as côres, ajoujada pelo cabelo. E também peorou de genio, tornando-se verdadeiramente insupportavel.

O que ninguem sabia era o que se havia de fazer com o cabelo cortado á princeza.

O chancellor imaginou vendel-o para cabelleiras e crescentes, aos cabelleiros do reino, mas nenhum d'estes quiz comprar cabelo que tinha sido enfeitado por um corvo magico.

Tentaram então queimal-o, mas por mais lenha que lhe puzessem por baixo, o cabelo não ardia.

Dentro em pouco não havia canto nem recanto do palacio que não estivesse atulhado de caixões, caixas, caixotes e cestas cheias com o cabelo da princeza.

E o cabelo de Rosabella ia crescendo sempre, crescendo cada vez mais.

O rei e a rainha andavam mortos de desgosto; os pagens não podiam já comsigo, por causa da trabalhadeira de andarem escada abaixo, escada acima, acarretando cestas de cabelo; o erario regio achava-se exausto com a despeza feita para a compra das tesouras, e o primeiro, ministro deante de tantas difficuldes, já estava, com pasmo geral, decidido a pedir a demissão.

Mas n'um bello dia o cozinheiro-mór ouviu um dos bichos da cozinha real dizer a outro:

— Capaz de remediar esta desgraça ha só uma pessoa. E' uma certa mulher de virtude que vive na serra, ao pé da aldeia, onde está a minha avó.

— E onde está a tua avó? perguntou-lhe o cozinheiro-mór.

— Está na aldeia ao pé da serra onde vive a tal mulher de virtude.

E o cozinheiro-mór disse isto ao chancellor, e o chancellor disse-o ao primeiro ministro, e o primeiro ministro disse-o ao rei.

Vae o rei mandou chamar o bicho da cozinha e perguntou-lhe a maneira de encontrar a mulher de virtude.

— Saberá Vossa Magestade, respondeu o bicho de cozinha, que, diz minha avó, sômente uma creança é que pode enconral-a.

— Tragam á minha presença o mais moço dos meus pagens! disse o rei.

O primeiro ministro e o chancellor desataram a rir quando viram entrar o pequeno, entendendo que era disparatado poder uma creança saber uma coisa que elles, tão sabios, ignoravam.

— Podes levar-me a casa da tal mulher de virtude? perguntou o rei ao pagemzito.

— Saberá Vossa Magestade que sim.

— Então vamos!

— Antes d'isso, objectou o bicho de cozinha, tem Vossa Magestade que despir o seu fato de côrte e tirar da cabeça a sua corôa de oiro fino. Dizia a minha avó que só encontrará a mulher de virtude quem a fôr procurar com a humildade e simplicidade que tem as creanças.

O rei seguiu o conselho do bicho de cozinha, o que fez rir ainda mais o primeiro ministro e o chancellor.

E depois de dizer adeus á rainha, poz-se a caminho, levando o pagemzito a seu lado.

Toda a gente veiu ás portas ver o rei atravessar a cidade, só com aquelle companheiro, a pé e vestido pobrementemente.

E assim foram andando leguas e leguas, passaram rios e subiram montanhas, aonde poucos tinham chegado até então, pois, conforme dissera o serviçal do paço, eram as creanças o melhor guia para aquelles logares.

E' que além moravam as fadas e os sonhos, e a porta d'essa mansão encantada sómente se abria a quem fosse limpo de coração.

*
* * *

Volveram-se mezes e mezes. E o cabello da princeza tinha continuado a crescer e crescia cada vez mais depressa.

A rainha andava na maior afflicção, porque tanto o primeiro ministro como o chanceller lhe diziam que o rei talvez não tornasse.

Rosabella ia de dia para dia peorando de genio, e o bicho de cozinha, desterrado pelo primeiro ministro, tinha ido ter com a avó, para a choupana onde a velha morava no meio da matta. Em todo o reino já não havia uma só tesoura que cortasse.

A rainha ia todos os dias á torre mais alta do palacio, e deitava os olhos para a estrada, por onde tinham ido o rei e o pagemzito, até que chegou um dia em que avistou muito longe uma nuvensinha de poeira. Attentou melhor e descobriu

dois homens, que vinham andando muito devagar. Conheceu que eram o rei e o pagem. Correu para o andar nobre e chamou pelo primeiro ministro, pelo chanceller e pelas cuvilheiras, e sahiu de corrida a encontrar-se com o marido.

— Então? Achaste a mulher de virtude? perguntou-lhe de longe.

O rei poz-se muito serio e respondeu:

— Achei, sim, minha amada esposa, mas, receio-o bem, não devemos ter a menor esperança. A mulher de virtude disse-me que não ha nada capaz de desfazer o feitiço de que Rosabella está padecendo, a não ser que ella forme um desejo pelo bem de outra pessoa.

A pobre da rainha rompeu em soluços, dizendo:

— Então está tudo perdido! A nossa filha vae-se tornando, de dia para dia, peor para todos.

Toda a gente da côrte olhou uma para a outra, com cara desconsoladas, e o pagemzito, que tinha ido com o rei, murmurou atravez de um bocejo:

— Quem me dera voltar para o reino das fadas e dos sonhos!

A princeza, vendo as caras de toda a gente, bateu fortemente com os pés no chão e gritou:

— Ninguem tem nada com o meu cabelo! Quem me dera que elle crescesse tanto que chegasse a cobrir todo o palacio!

E o cabelo cresceu ainda mais, e mais ainda cresceu o mau humor de Rosabella. Ninguem já se lhe aproximava, com medo dos seus repententes.

Uma vez, estando sósinha a uma janella, com o farto cabelo espa-

lhado em volta de si e descendo pelas muralhas do palacio, viu uma coisa muito triste.

Era de inverno e sobre o palacio, a cidade e as montanhas distantes havia uma alva mortalha de neve. Todas as manhãs a rainha, que tinha muito bom coração, distribuia pão e caldo a muitos homens, mulheres e creanças que enchiam o pateo do palacio.

Rosabella baixou os olhos para os pobresinhos e viu-os com o fato em frangalhos e os rostos mais brancos do que mortalha de neve. E com os olhos da princeza encontravam-se os das pobres creancinhas, algumas ainda ao collo das mães, mas já padecendo fome, tanta fome!...

Uma das rapariguinhas, talvez a mais fraca de todas, estava a tremer de frio, aconchegando a si o fatinho esburacado. Viu a princeza, fitou n'ella os olhos grandes e azues e sorriu-lhe com meiguice.

Ha que tempos ninguem lhe mostrava alegria!

Rosabella ficou pasmada e sentiu de repente no peito um estremecimento agradável, e um calor suave. Ao mesmo tempo, quasi sem ter consciencia do que dizia, exclamou:

— Quem me dera que o meu cabello se tornasse em roupa muito quente, para vestir aquella pequenita e todo esse povo!

Ouviu-se um grande barulho, e appareceu o corvo magico. Fez tres medidas a Rosabella, á rainha e ás cuvilheiras, que acabavam de chegar e disse:

*Vae findar o mal, princeza,
Que padecias ha tanto.
Alegra-te com presteza,
Acabou-se o triste encanto.*

Fez outras medidas á rainha, á princeza e ás cuvilheiras e fugiu pela janella, desaparecendo no ar como fumo. Ao mesmo tempo cahiu no collo da rainha uma coisa que luzia muito. Era o pente de ouro, que, tornado em passaro doirado, tinha desaparecido pelos ares.

Ainda mais para admirar foi que todos os caixões, caixas, caixotes e açafates, onde estava guardado o cabello de Rosabella, appareceram cheios, por encanto, de boa roupa para os homens, mulheres e creanças que tiritavam de frio no pateo do palacio. E a princeza desceu logo até elles, pela escadaria de marmore, e distribuiu tudo com as suas proprias mãos.

Quando se lhe approximou a rapariguinha de olhos azues, Rosabella pediu ao rei que a deixasse ficar no palacio, para sua companheira de brinquedos. Como a desgraçadinha já não tinha pae nem mãe, o desejo da princeza pode ser satisfeito.

E houve d'ali por deante muita alegria no paço, onde todos principiaram a dar-se bem uns com os outros, á excepção do primeiro ministro e do chanceller.

Rosabella curou-se do mau genio porque era muito moça ainda; mas os dois, que já estavam bastante avançados em annos, não se curaram da inveja, que os roía lá por dentro.

NEURASTHENICOS, *fatigados*
— por excessos de trabalhos —
mentaes — **DEBILITADOS**, *por*
esforços phisicos e muscula-
— *res, curam-se com a* —

Somatose

em pó ou liquida —————
————— *(dôce ou secca)*
————— **Vende-se** —————
nas **pharmacias e drogarias**



Senhoras em evidencia

Litteratura

D. Maria O'Neill, é o nome d'uma distincta senhora que tem hoje um lugar de destaque nas letras do nosso paiz.



MARIA O'NEILL

Como poetisa deu-nos, ainda não ha muito, no seu livro intitulado *Nimbus*, uma alta documentação do seu bello talento de mulher-artista.

J. de Sousa Monteiro e Bullhão Pato prestaram-lhe gentilmente as mais affectivas homenagens da sua admiração e da sua justiça nos prefacios que servem de portico aos *Nimbus*. Como prosadora a sua

obra dispersa no jornalismo, affirma-a uma trabalhadora incansavel, muito correcta, d'uma elegancia e simplicidade encantadoras.

São d'esta illustre senhora os seguintes primorosos versos que a seguir publicamos:

Resoluções

*Posso!... quero! e não vou. Vergada ao soffrimento
Que ora se abate ao pranto, ou d'alto em raiva espuma
Pareço um choupo nú que em vão sacode o vento
Embora lhe arrancasse as folhas uma a uma!*

*Posso, quero, e... não vou. Que a vida se consuma
Neste vae-vem de dôr, semelhante ao tormento
D'avesita que em vida um ser cruel despluma
Deixando-a sem abrigo ao corpo friorento.*

*Posso! Que viver morta é bem peor que o nada
E na morte completa... ainda tenho fé...
Quero! não verei mais a sua face amada...*

*Eu sinto força em mim para morrer de pé.
Não vou! Se junto d'elle a vida é desolada
Se d'elle me afastar... nem vida ao menos é.*

Arte applicada

D. Maria Moniz Tavares, é uma bella artista na accepção mais levantada do termo. Os seus trabalhos de pintura applicada, de lavôres, de modas, de tudo



D. MARIA E. ESTEVES COSTA MONIZ TAVARES

quanto são prendas de senhoras, são verdadeiros prodigios. Apresentou lindos e perfeitos especimens na exposiçã) iniciada pela illustre professora a Ex.^{ma} Sr.^a D. Luiza de Sousa.

Pedagogia

D. Maria Monteiro de Sousa Costa, é uma das mais consideradas professoras de Lisboa. Proprietaria e directora do Collegio de Nossa Senhora das Dôres, estabelecimento modelo no seu genero, o er.sino significa para a illustre pedagoga um santo apostolado. Oriunda de uma familia nobilissima, filha de um official superior do exercito miguelista, neta de um antigo ministro da marinha do rei prescripto e sobrinha do patriarcha de Lisboa D. Patricio, que baptizou el-rei



D. MARIA DA CONCEIÇÃO MONTEIRO DE SOUSA COSTA

D. Pedro V e D. Luiz, conserva intactas as severas tradições da sua extirpe. As suas discipulas adoram-na, os que a conhecem de perto veneram-na.

Musica

Viscondessa de Faria Pinho. — Destaca-se no nosso meio elegante pela sua distincção e pelo seu temperamento artistico.

Procurando exteriorisar as finas sensibilidades da sua alma de artista, a senhora viscondessa de Faria Pinho tem encontrado na musica, essa forma deliciosa.

Sem alarde, para gozo intimo do seu espirito, a illustre titular, sempre que a sua delicada saude lhe permite, tem produzido innumer.s trabalhos musicaes, alguns já apreciados do publico, outros ainda ineditos, todos attestando sempre a sua inspiração e o seu talento.

Comprovando as nossas palavras damos hoje e m o titulo — *Poema d'Amor*, uma deliciosa composição que devemos e agradecemos á gentileza da inspirada maestrina.

Alexandre Rey Collaço. — Pianista distinctissimo e professor dos mais illustres é tambem um compositor de largo fôego.

Discipulo de verdadeiras celebridades europeias, não

levou muito tempo sem que creasse uma reputação fulgurante. Embora nascesse para além das fronteiras é hoje tão portuguez como o mais patriotico filho de Portugal.

Não ha ninguem em Lisboa que o não tenha ouvido



e por consequencia applaudido com o entusiasmo que a sua maneira de interpretar e executar merece. O seu *Fado* é uma das paginas mais sentidas e delicadas da nossa musica. Sente-se n'elle toda a vibração da alma popular.

Litteratura estrangeira



MAARTEN MAATENS

Insigne romancista hollandês, que está produzindo com as suas obras uma verdadeira revolução na litteratura.

Dr. Affonso Penna

O telegrapho, no seu inexoravel laconismo, surpreendeu e enlutou todo o povo portuguez com a noticia da morte do Dr. Affonso Penna.

O Conselheiro Dr. Affonso Augusto Moreira Penna, Presidente da Republica do Brazil, nasceu em Minas Geraes a 30 de novembro de 1847. Bacharelou-se em direito pela Faculdade de S. Paulo em 1870, e quatro annos depois foi eleito deputado provincial e renovada a eleição em 1878.

Em attenção aos serviços prestados na Assembléa Provincial, foi o Dr. Affonso Penna, eleito deputado federal successivamente até 1889.

Serviu como Ministro da Guerra em 1882, passando no anno seguinte a gerir a pasta da Agricultura.

Em 1885, foi chamado pelo conselheiro Sarai-va para exercer as funcções de Ministro da Justiça, sendo-lhe conferida a gloria de referendar a lei de 28 de setembro, que declarou libertos os escravos maiores de sessenta annos.

Proclamada a Republica, foi eleito á Constituinte mineira, e em 20 de janeiro de 1892, os suffragios dos seus amigos o elevaram ao cargo de Presidente de Minas. Coube-lhe n'esso posto a gloriosa tarefa de transferir a capital do seu Estado para Bello Horizonte. Findo o seu governo foi nomeado pelo Dr. Prudente de Moraes, Director Presidente do Banco do Brazil, cargo que exerceu até 1898.

Fallecendo o Dr. Sylviano Brandão, que havia sido eleito Vice-Presidente da Republica a 1 de março de 1902, foram os votos dos brazileiros recahir no digno

Dr. Affonso Penna para o cargo vago, e a 31 de março d'este anno, nova prova de confiança lhe deram os seus patricios elegendo-o para o alto posto de Presidente da Republica no periodo que se iniciou em 15 de novembro passado, e que findará em igual dia de 1910.

Um violento ataque de *gripe*, complicado com outros padecimentos, abreviou mais rapidamente a sua morte, fallecendo ás 2 horas e meia da tarde do dia 14 do mez de junho proximo passado.

A administração dos *Serões*, lamenta profundamente o triste acontecimento que veio enlutar o povo brazileiro a que nos achamos ligados por profundos laços de sympathia e amizade.

Para assumir a presidencia da Republica, foi immediatamente investido d'aquelle elevado grau, o Sr. Dr. Nilo Peçanha, que actualmente exercia o cargo de presidente do senado.

*
* *

O Dr. Nilo Peçanha é um homem ainda muito novo, pouco mais conta de quarenta annos. Rasgadamente liberal tem sido, desde estudante, quando cursava a faculdade de direito no Recife, um activo propagandista das idéas democraticas. Orador fluente, jornalista, po-

litico de valor, discipulo e amigo de Quintino Bocayuva, foi desde o novo regimen eleito deputado pelo Rio de Janeiro, d'onde é natural, em successivas legislaturas, e mais tarde senador, tambem pelo Rio de Janeiro. A sua carreira parlamentar é fulgurantissima.

Desempenha as funcções de Presidente da Republica até 15 de novembro de 1910 data em que termina o quadriennio para que fôra eleito o Dr. Affonso Penna.



Industriaes do livro



MANOEL JOSÉ DA SILVA



FRANCISCO ALVES



M. A. TEIXEIRA



JUSTINO GUEDES

De todas as manifestações da industria, a que tem mais alta significação, a que prepondera n'um logar culminante, a que mais serviços tem prestado á humanidade, a que constitue o mais solido ponto de apoio para essa formidavel alavanca chamada progresso, é sem duvida nenhuma a industria do livro.

Os *Serões* publicando nas suas paginas os retratos de quatrô livreiros, todos elles modelos de honradez, de larga iniciativa litteraria, de probidade professional e individual, iniciam uma galeria dedicada

exclusivamente á industria e ao commercio de Portugal e do Brazil.

Manoel José da Silva, proprietario do *Anuario Commercial*, socio da livraria Ferreira, industrial e negociante, possui um coração bondosissimo, um espirito lucido e indomavel força de vontade. A sua acção na industria do livro tem sido enorme. Develhe o governo e o paiz valiosos serviços.

Francisco Alves, é o mais importante livreiro do Brazil. Estabelecido no Rio de Janeiro tem succur-

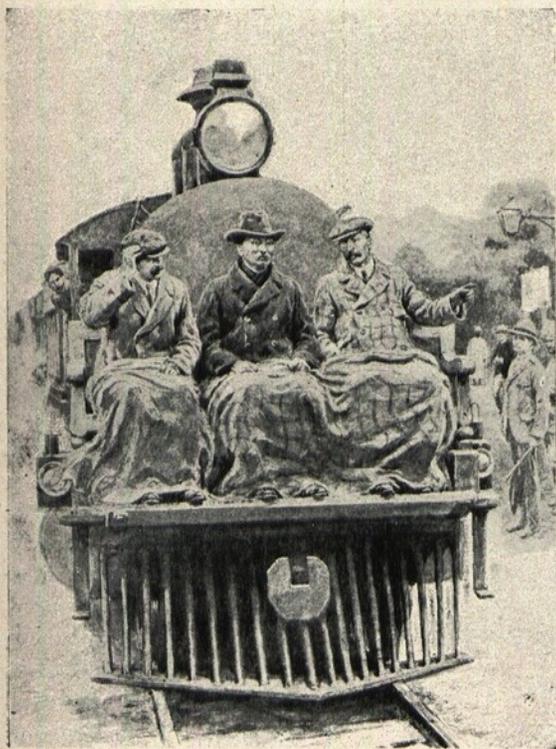
saes em varios estados da republica e nomeadamente em S. Paulo e Minas. Português, o seu patriotismo é lendario em terras de Santa Cruz, a sua intelligencia apregoadá, a sua honradez dogmatica. As publicações que tem editado dão-lhe prerogativas e honras de benemerito das letras.

M. A. Teixeira, socio gerente da *Livraria Classica Editora* ostenta uma vida de trabalho das mais dignas de respeito. Calmo, ponderado e ao mesmo tempo de uma audacia extraordinaria como editor, a litteratura portugueza e brazileira encontrou sempre n'elle um esteio firme, um protector desvelado.

Justino Guedes, gerente da *Editora*, antigo companheiro de David Corazzi, é um editor cheio de arrojo, um livreiro que comprehende a sua missão moderna, um caracter serio e digno. Da *Editora* teem sahido algumas das obras mais luxuosas publicadas em Portugal, a par das mais baratas, devido a iniciativa sua. Não se lhe pode fazer maior elogio.

O ex-presidente Roosevelt

Na sua recente viagem de Mombaça para Uganda, Mr. Roosevelt foi muita vez na acanteira da loco-



A CAMINHO DO INTERIOR DE AFRICA

motiva com o governador e o engenheiro da linha. Mr. Roosevelt mostrou-se encantado com as paizagens que viu. A sua primeira paragem foi em Kafiiti, onde se demorou quinze dias, hospedado na re-

sidencia de sir Alfredo Pease. Durante esse periodo caçou, entre outros animaes, seis leões.

Modas



UM VESTUARIO AFAMADO

Casaco comprido e vestido de seda côr de rosa recortado e abotoado sobre sottagem escura. Chapéo de fôrma nova coberto de seda e enfeitado com plumas escuras.

Em todos os casos nos quaes se deve favorecer o appetite, aumentar as forças, restabelecer o estado geral, nada melhor que a **SOMATOSE**.

Coimbra, nobre-cidade

Memorias de Vicente Pinheiro de Mello

O sr. Vicente Pinheiro de Mello não quiz abandonar para sempre a sua vida de estudante, sem documentar n'um volume primoroso, o que foi a sua travessia pela vida escolar da Universidade, onde concluiu distintamente a sua formação em direito. Antes de enveredar pelos caminhos agrestes da vida burocratica, antes que as impressões artisticas d'essa Allemanha romantica, em que iniciou a sua carreira diplomatica, apagassem de vez na alma a saudade que se evolava da sua capa negra, abandonada, o sr. Vicente Arnoso quiz dizer-nos o que sentiu e o que amou, com a simplicidade encantadora d'um artista sincero.

O livro d'este fino dilettante, ao passo que procura manter a tradição d'uma familia de litteratos e de fidalgos, traduz todo um mundo de saudades da vida d'essa Coimbra de amor e de encanto, de que nunca mais se esquecem os que uma vez a viveram. E' a manifestação natural d'um artista, a materialisação d'uma existencia de sonho, vivida com alma e sonhada com vida.

Essa pittoresca e poetica vida de Coimbra, uma das mais legitimas exteriorisações da apaixonada alma nacional, é ainda (e será por muito tempo) uma fonte inexgotavel de sentimento.

Antonio Feijó, o illustre diplomata, contava ha pouco, n'um diario de Lisboa, a sensação que n'elle causara a representação em Copenhague d'uma peça, que tinha por titulo *Ignex de Coimbra*, e em que se reproduzia um trecho da vida escolar da cidade do Mondego. Feijó confessa ter chorado! e na verdade ver reproduzir n'um paiz do norte essa vida de sentimento, que á a vida academica de Coimbra com o fado nostalgico e dolente, as tricanas, o Choupal, as capas soltas ao vento, todo aquelle scenario inapa-

gavel, deve ser uma vibrante impressão a um tempo dolorosa e apaixonada.!

Pois é um bello trecho d'essa despreocupada existencia, encerrada dentro dos [fugidios cinco annos d'uma formatura em direito, que o sr. Vicente Arnoso nos dá no lindo volume com que brindou a litteratura portugueza.

E depois tudo aquillo é contado tão singelamente, tão saudosamente, que tem ainda o duplo valor de ser ao mesmo tempo a manifestação d'uma alma que sabe sentir e chorar. Mesmo através da ironia de algumas das suas paginas se occulta um mar de lagrimas de saudades.

Prefacia o livro o alto poeta d'*O Pão e as Rosas*, Afonso Lopes Vieira. Tinha de ser. Ninguem como elle com mais direito, porque ninguem como este grande artista soube cantar, em versos de ouro, mais e melhor, o que é essa existencia saudosa da cidade do Mondego, a que a alma se prende para sempre n'uma recordação sem limites.

O prefacio é uma maravilha.

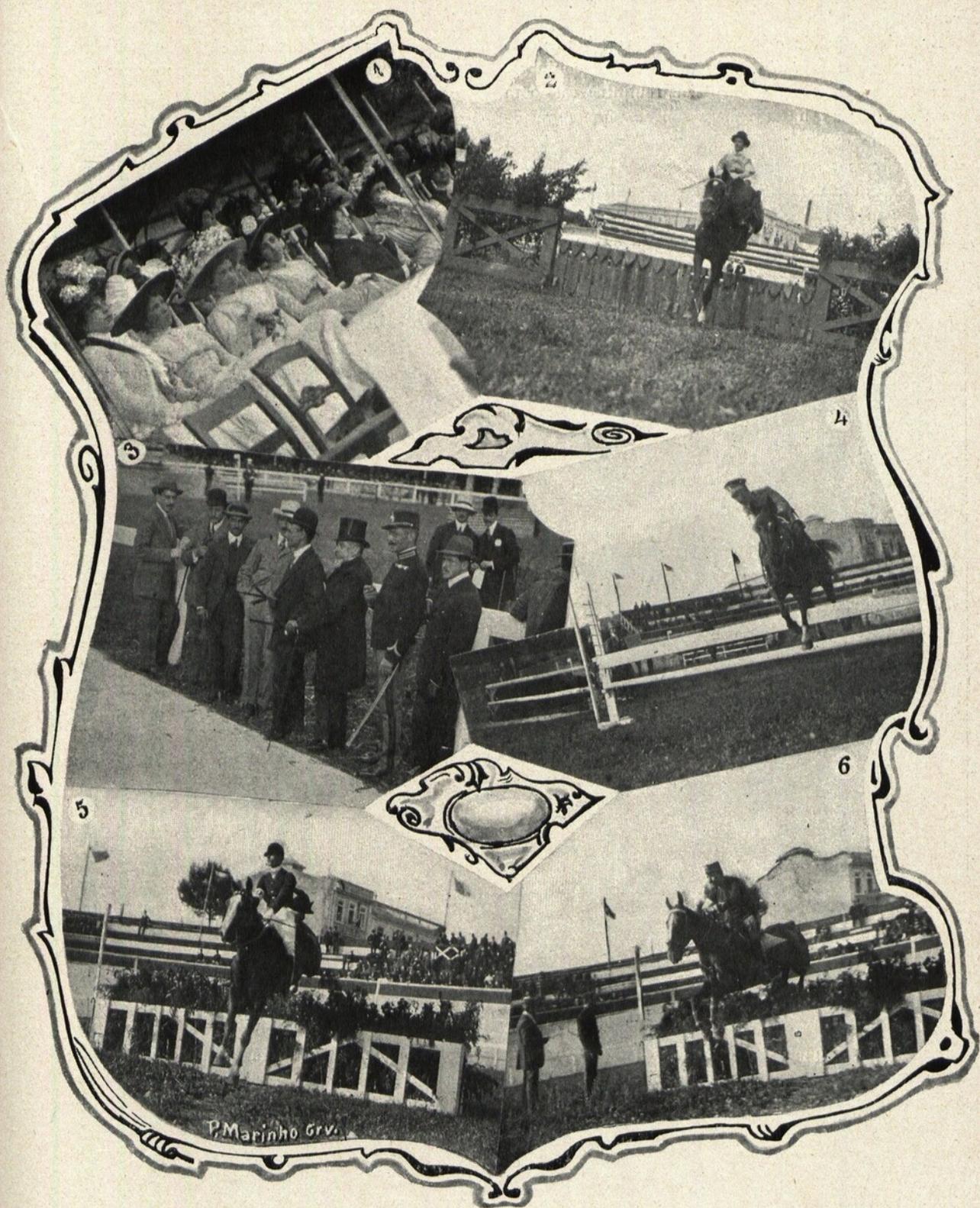
O concurso hippico no Velodromo

Entre as mais modernas manifestações da actividade nacional, poucas haverá que tenham alcançado exito tão feliz, como o concurso internacional de hippismo, ha pouco realisado no Velodromo de Palhavan. O *Turf-Club* conseguiu,

mercê dos esforços intelligentemente dirigidos de alguns dos seus socios mais prestantes, reunir um grupo primoroso de cavalleiros da peninsula e fazer admirar typos de cavallos das mais puras raças. Durante quatro dias, tantos durou o elegante certamen, a sociedade lisboeta, esta sociedade que dia a dia vae perdendo a sua fôrma primitiva e caracteristica de acanhamento, acamaradando no luxo, na elegancia e no bom gosto com o que de melhor nos dá a Europa culta, a sociedade lisboeta, diziamos, fez do historico par-



VICENTE ARNOSO



DIVERSOS ASPECTOS DO CONCURSO HIPICO

1. Na tribuna do Turf: D. Lyvia Street (Carnide), D. Maria de Sá Paes do Amaral (Alferrarede); D. Maria de Lencastre e Tavora (Abrantes); D. Azulina Valente (Taboeiro) e condessas de Carnide, Alferrarede e d'Arge — 2. A Sr.^a D. Maria Luiza Alves, 2.^o premio, discipula do Sr. Conde Fontalva. — 3. Os officiaes hespanhoes que tomaram parte no concurso, o official portuguez ás ordens capitão Domingos d'Oliveira, o addido militar hespanhol D. Raphael Apparici e o addido da legação de Hespanha D. Alberto d'Agullar. — 4. D. Gustavo Spencer vencedor do grande premio de Lisboa. — 5. O Sr. J. Piçarra, saltando. — 6. Um official portuguez n'um magnifico salto.

que de Palhavan o logar predilecto dos seus *rendez-vous*.

Era n'essa peleja constante de belleza, bom gosto e elegancia nas *toilettes* graciosas, no conjunto, iamos dizer artistico, das bellezas femininas, no bom tom, na nobreza, na atmosfera superior que se respirava. Como que parecia, ao entrarmos nas galerias do Velodromo, que tinhamos deixado longe, muito longe mesmo, essa Lisboa pacata e burgueza da Baixa, com o seu espirito estreito, a sua vida pequenina e calma, familiar e intima, sem nevroses, sem paixão. Alli havia a comprehensão nitida da vida,



A PRINCEZA D. LUIZA DE ORLÉANS E BOURBON PELO BRAÇO DE EL-REI

na dominação do homem sobre o animal, no imperio da força e do raciocinio, da belleza da forma e da belleza da força que como que recordava uma grande scena hellenica dos jogos pythicos. Era a alegria da vida na força, na belleza e na paixão!

*
* *

Reuniu pois, como dissemos, o concurso hippico a pleiade mais brilhante de cavalleiros da peninsula. Os concursos hippicos teem uma tradição honrosa no nosso paiz. Portugal, que não têm nunca typos de cavallo caracterisadamente nacionaes, distinguiu-se sempre na paixão com que se entregou aos certamens do hippismo. Mais d'um nome glorioso honrou Portugal nos certamens estrangeiros e a historia aponta-nos, entre outros, a figura elegante dos Marialvas — mestres sem igual na sciencia de dominar cavallos.

O clou do ultimo certamen consistiu na presença dos officiaes do exercito hespanhol e dos principes D. Carlos de Bourbon e D. Luiza de Orleans.

A Hespanha teve, pois, as honras da casa. O velho proloquio hespanhol, ainda ha bem poucos dias recordado por Blasco Ibañez, de que *quem recebe bem o faz como um fidalgo portuguez*, teve durante o concurso hippico completa e inilludivel applicação. Os officiaes hespanhoes foram cercados das maximas atenções e para que nada lhes faltasse, conseguiram obter os primeiros premios.

D. Gustavo Spencer, a quem foi conferido o primeiro premio de 600\$000 réis e um objecto d'arte, offerta de Sua Magestade a Rainha D. Amelia, é um cavalleiro distinctissimo, montando um esplendido cavallo typo irlandez *Exquis* fez um percurso rigo-rosamente legal sem uma falha, sem a queda d'um obstaculo, sem trepidações, com toda a serenidade. As ovações que recebeu devem encher-o de orgulho, muito mais do que as recompensas ganhas, recompensas valiosas mais pela origem do que pelo merito real. A cavallaria hespanhola ganhou com justiça as suas esporas de ouro.

A seguir, os officiaes de cavallaria portuguesa alcançaram com

honra e brio os premios immediatos. Evidentemente em Portugal o gosto pelo hippismo teem-se desenvolvido extraordinariamente, evidenciando-se mais uma vez n'estas provas os seus progressos.

Os officiaes hespanhoes foram consecutivamente obsequoados com festas, qual d'ellas a mais distincta. O banquete do *Turf*, o jantar do sr. conde de S. Luiz, a festa do Avenida Palace, em toda a parte em summa, o galanteador e cortez espirito da nossa terra se manifestou de maneira a fazer perdurar no espirito dos illustres officiaes, a impressão d'uma festa tão distincta.

Os dias de provas foram quatro.

No primeiro realisaram-se provas para officiaes e paisanos, tomando parte no torneio sómente cavalleiros portugueses.

El-Rei assistiu, tendo antes inaugurado a exposição de solípedes, annexa em uma parte do parque de Palhavan. No segundo dia, o mais concorrido e o



A CEIA OFFERECIDA PELO TURF CLUB N'UMA DAS SUAS SALAS AOS OFFICIAES HESPAÑHOES, PRESIDIDA PELO DR. MANOEL DE CASTRO GUIMARÃES

mais brilhante, tomaram parte os officiaes portuguezes e hespanhoes, obtendo o primeiro premio o official hespanhol D. Gustavo Spencer, e o premio immediato o official portuguez Silveira Ramos. No terceiro dia, apresentação de equipagens, apresentaram-se carruagens de luxo e de bom gosto entre as quaes se destacaram as de El-rei, que, por estar fóra do concurso, foi premiado apenas com menções honrosas. No quarto dia realisaram-se provas dos maximos obstaculos, em que tomaram parte apenas os cavalleiros portuguezes.

El-rei distribuiu n'esse dia os premios e encerrou a exposição de solipedes, onde se viam magnificos exemplares.

*
*
*

Como accentuamos no começo d'estas ligeiras considerações, o concurso foi uma demonstração das mais brilhantes da actividade nacional. O *Turf* pode pois marcar entre as suas datas gloriosas, mais esta *étape* de tão felizes resultados, não só pelo nosso orgulho de portuguezes, como ainda pelo progresso da industria nacional.

Esperamos que o certamen se repetirá. Como que n'elle encontrará a sociedade elegante de Lisboa um ponto de reunião, onde se exhibirão as mais lindas e graciosas *toilettes*, e se realizará, a par do torneio dos cavalleiros, á moda antiga, o torneio de belleza.

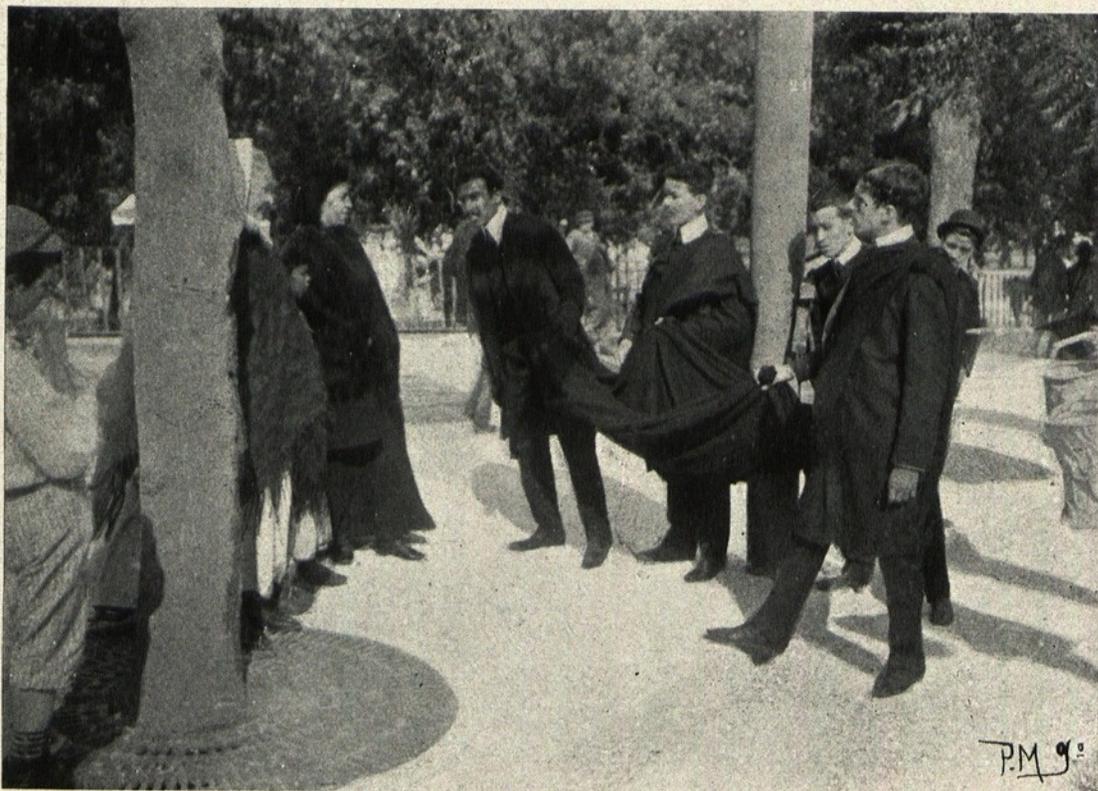
La noblesse oblige!

Excentricidade



M.^{elle} SUZANNE BERGERE DA OPERA COMICA DE PARIS

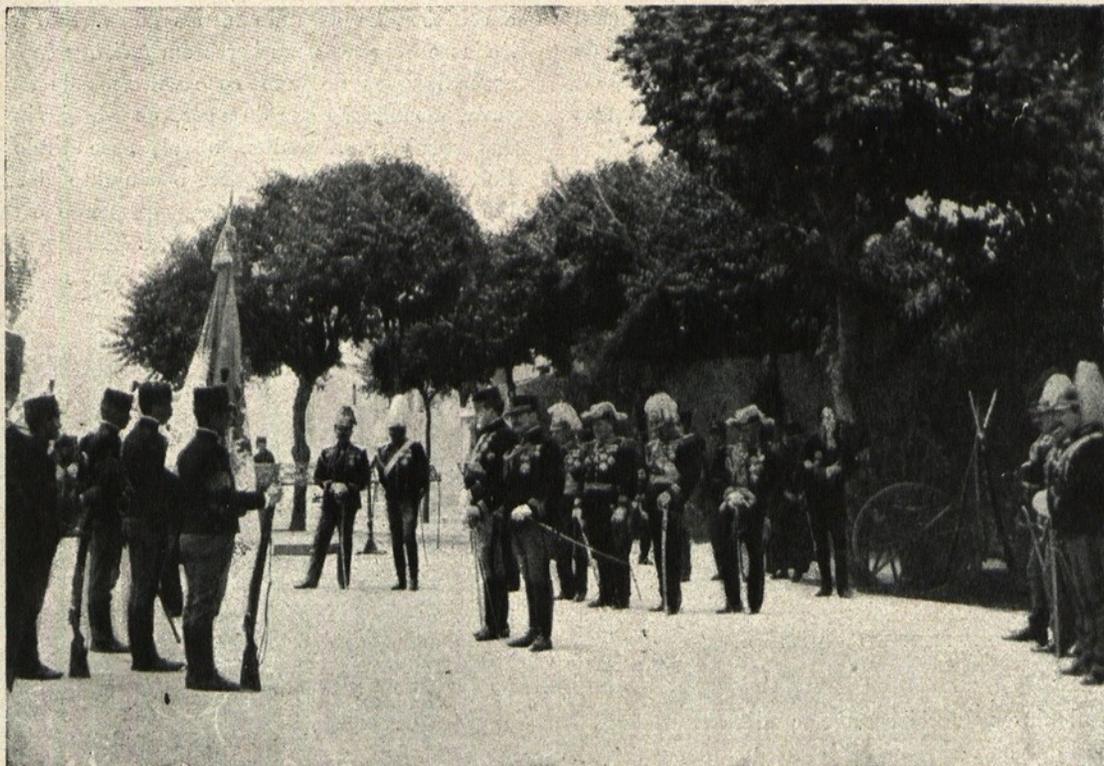
O vestuario com que passeia nas ruas de Paris

Abalos de terra

O BANDO PRECATORIO DOS ESTUDANTES

A cerimonia da primeira comunhão

COMMUNHÃO DE MENINAS EM S. LUIZ REI DE FRANÇA

Juramento de bandeiras

EL-REI NA PARADA DE CAÇADORES 5

Em principios do corrente mez de junho effectuou-se no quartel de caçadores 5 a benção da nova bandeira. Assistiram á cerimonia que se realizou com

toda a solemnidade, Sua Magestade El-Rei e o sr. infante D. Affonso, bem como o ministro da guerra, estado maior e officialidade.



EL-REI E O INFANTE D. AFFONSO ASSISTINDO AOS EXERCICIO GYMNASTICOS DAS PRAÇAS DE CAÇADORES 5

A batalha de flôres

Portugal é, evidentemente, um paiz de lindas flôres, que enchem e matizam os seus jardins, que, profusamente, se espalham por toda esta orla de terra beijada pelo oceano.

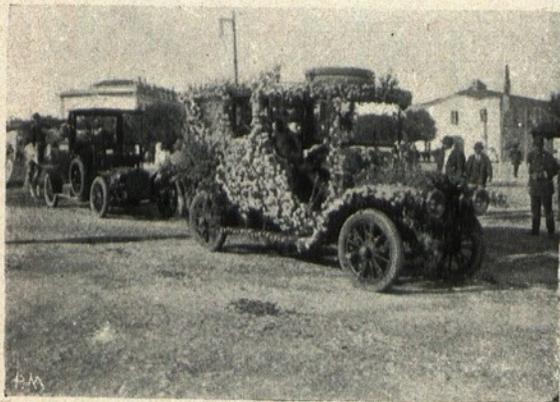
E, no entanto, quem uma vez haja assistido a uma



DESFILE DO CORTEJO

batalha de flôres em Lisboa, não acreditará que aqui vicejam os cravos vermelhos e provocantes, as camélias de pétalas de seda, as dhalias, as rosas, os myosotis, esse mundo infinito de côr e de fórma que nos encanta, fulgindo alegre n'um peito de mulher, ou perfumando o ambiente calmo d'um *boudoir* elegante.

Na verdade, em Portugal não ha batalhas de



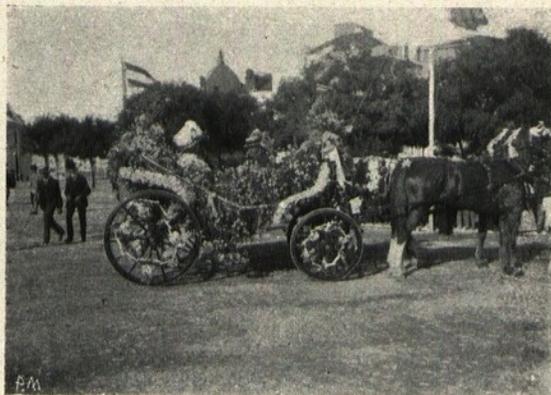
AUTOVEHICULO DO SR. JOSÉ MARIA MARQUES

Primeiro premio

flôres, se por tal se entende um combate distincto e entusiastico, em que a malicia e a galantaria se conjugam envoltas na nossa vivacidade peninsular, a que não falta alegria, calor e vida. Nas nossas batalhas de flôres as pétalas caem mais dolentes e frias que o mote lançado da bocca fresca d'uma freira, em noite de torneio poetico. Ha um misto de receio e de escrupulo, ainda mais aggravado pela pequenez do meio, onde todos se conhecem mais ou me-

nos e onde predomina em muitos o preconceito das castas.

E depois — coisa curiosa! — nas batalhas de flôres em Lisboa ha de tudo menos flôres. Não faltam as lindas e elegantes mulheres em *toilettes* caprichosas, as equipagens de luxo, os cavalleiros destemidos, o povo, a multidão que dá a côr, o bru-ha-ha incessante das reuniões animadas, o sol, esse lindo sol de Portugal, caindo forte sobre o conjunto, destacando-lhe as linhas, os contornos, aquecendo o sangue e illuminando a vida! Nada falta da *mise-en-scene* e do scenario. O que porém não existe, ou existe em



GARRUAGEM DO SR. CANDIDO SOTTOMAYOR

Segundo premio — Busto artistico da casa Julio Gomes Ferreira

proporções diminutas, são as flôres, flôres lançadas como que a medo, entre as pessoas amigas.

Comtudo é de justiça confessar-se que a ultima batalha de flôres realizada na Avenida da Liberdade, em beneficio dos sobreviventes da catastrophe da região ribatejana foi a mais interessante e animada d'entre as que se tem effectuado em Lisboa.

O dia estava esplendido e a concorrência ao local foi verdadeiramente extraordinaria, apesar do calor suffocante que fazia.



CARRO DOS BOMBEIROS MUNICIPAES

Primeiro premio — Açafate de prata offerecido por El-Rei

Alguns carros ornamentados com bom gosto, obtiveram premios, que haviam sido oferecidos por El-Rei, Sua Magestade a Rainha D. Amelia e Sua Alteza o Senhor Infante D. Affonso, que andou na Avenida, jogando, n'um carro com postilhões á italiana.

O producto da festa foi grande, contribuindo mais uma vez gentilmente, o povo de Lisboa, para minorar a sorte dos desgraçados do Ribatejo.

Theatros

No D. Amelia tivemos a Tina de Lorenzo, a proporcionar ao publico, que comprehende e ama o bom theatro, noites da mais requintada feição artistica.

o que de melhor existe em Hespanha, nos palcos de zarzuela apresentando no theatro da rua do Thezouro Velho, uma companhia distinctissima.

E todos sabem o que são as noites de zarzuela no theatro D. Amelia, com enchentes consecutivas e alegria a faltar, o que é um bem para esta terra de neurosthenicos.

Dos restantes theatros pouco ou nada ha a registrar. A casa de Garrett continúa em maré de pouca sorte. Após a rescisão do contracto com a empresa Menezes & Ferreira, veiu a Sociedade Artistica explorar o theatro Normal, representando algumas peças do velho repertorio, como por exemplo: *A Martyr*, de romantica memoria, mas essas velhas peças não possuíam o condão de arrastar o publico ao the-



THEATRO DA RUA DOS CONDES

A revista «O sol dos Navegantes». — Final do 2.º acto

N'um gesto gentil e nobre para com o nosso paiz, organisou Tina de Lorenzo um brilhante espectáculo em beneficio das victimas do Ribatejo, sendo immensamente festejada n'essa noite e associando-se a essas homenagens Sua Magestade El-Rei.

Tina despediu-se do seu querido publico de Lisboa com uma carta affectuosissima em todos os jornaes.

Mas, como se não bastasse essas noites de intima consolação espirital, o sr. visconde de S. Luiz de Braga, dá-nos mais uma vez o ensejo de admirarmos

tro de D. Maria, que continuou abandonado até ao seu encerramento.

Pelos restantes theatros nada se passou que mereça registo, começando o exodo das companhias para o Brazil, os artistas do Principe Real e Avenida, annunciando-se para breve a partida tambem da companhia do Gymnasio.

Entramos, pois, no periodo da calma, em que os theatros de Lisboa dão o logar ás praças de touros e aos theatrinhos da feira.

Um Nemrod de Africa

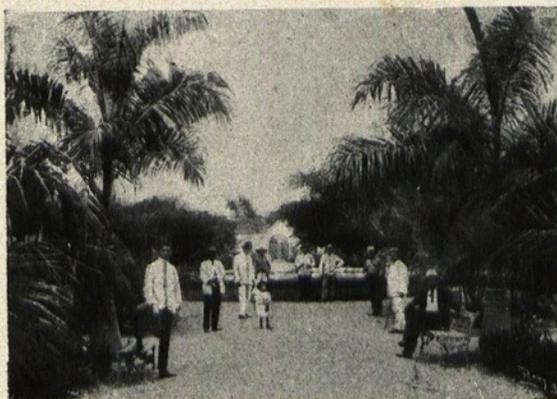


CARLOS LARSEN — NO MEIO DAS PELLAS DOS LEÕES
MORTOS POR ELLE

Carlos Larsen é dinamarquez, tem quarenta annos e ha dezasete que caça leões na Africa Oriental e Occidental, para os museus da Gran-Bretanha. Tem caçado mais de tresentos d'esses animaes com uma bravura e uma pericia verdadeiramente excepcionaes.

A sua coragem é proverbial entre os indigenas que teem por elle o mais profundo respeito e a mais entranhada veneração.

Seria um livro curioso o que esse novo Nemrod escrevesse relatando as suas aventuras, os lances ariscadissimos em que se tem encontrado.



BENGUELLA — UM TRECHO DO JARDIM BOTANICO

**FARINHA
LACTEA NESTLÉ**

Alimento completo para crianças e
pessoas edosas.



Musica
dos **Serões**

POEMA
D'AMOR

PHANTASIA PARA PIANNO

PELA

Viscondessa de Faria Pinho

Poema d'amor

Phantasia para piano

Pela Viscondessa de Faria Pinho

And.^{te}

PIANO *p*

Ped * *Ped* * *Ped* *

Ped * *Ped* * *Ped* * *Ped* *

Ped * *Ped* * *Ped* * *Ped* *

Ped * *Ped* *

f *crescendo*

p *rall.o*

First system of musical notation, featuring a treble and bass staff. The bass staff includes a *Ped* marking and an asterisk.

Second system of musical notation, featuring a treble and bass staff. The bass staff includes a *Ped* marking and an asterisk.

Third system of musical notation, featuring a treble and bass staff. The bass staff includes a *ppp* marking, a *cresc.* marking, and a *ten.* marking.

Fourth system of musical notation, featuring a treble and bass staff. The bass staff includes a *poco rit.* marking, a *ten.* marking, and a *a tempo* marking.

Fifth system of musical notation, featuring a treble and bass staff. The bass staff includes a *Ped* marking and an asterisk. The system is divided into two sections labeled *1.ª vez* and *2.ª vez*. The *2.ª vez* section includes a *rall.* marking.

AS GOTTAS CONCENTRADAS DE

FERRO BRAVAIS



São o mais eficaz
remedio contra

**DEBILIDADE, FALTA DE FORÇAS, ESGOTAMENTO
ANEMIA, CLOROSE, CORES PALLIDAS.**

Sem cheiro nem sabor o Ferro Bravais é recomendado por todos os Medicos do mundo
Não dá prisão de ventre. Não ennegrece os dentes. Dá em pouco tempo :

SAUDE - VIGOR - FORÇA - BELLEZA

Desconfiar das Imitações. — *Só se vende em Gottas e em Pilulas*

Em todas as Pharmacias ou Drogarias. **Deposito : 130, r. Lafayette, PARIS**

BAUME BENGUÉ

Cura Totalmente

RHEUMATISMO

~~~~~  
**GOTA**  
~~~~~

NEURALGIAS

D^r BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.



LOÇÃO DEQUEANT

**CABELLO
BARBA
PESTANAS
SOBRANCELHAS**

Unico producto scientifico apresentado na **Academia de Medicina de Paris** contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabelludo
L. DEQUEANT, Pharmacéutico, 38, Rue Clignancourt, Paris

Em LISBOA, 15, Rua dos Sapateiros, a quem deve-se dirigir para todas as informações gratuitas

A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGAL

Em LISBOA, Rua dos Sapateiros, 15, 1.º, direito,
a quem devem dirigir-se para todas as informações gratuitas.

CH. DENIS. — Agent exclusif pour les annonces étrangères, **128, Faubourg Poissonnière — PARIS.**

Grandes vantagens

Aos assignantes dos

SERÕES

BRINDE: Uma viagem a Paris

(Ida e volta em 1.^a classe, partida de Lisboa), em epocha á escolha do favorecido pela sorte, ou o seu equivalente em moeda corrente.

BONUS

Desejosa a administração dos "SERÕES" por reunir o maior numero de assignantes, em uma publicação de tanto interesse e unica no seu genero em Portugal — revista profusamente illustrada, com escolhida e esculpida collaboração, que se publica no primeiro de cada mez — e querendo facilitar aos nossos assignantes o poderem completar esta publicação desde o seu inicio, offerece — a todos que assignarem a revista "SERÕES" por periodo não inferior a um semestre —, o poderem adquirir qualquer volume publicado ou todos os dez, com um desconto de 50 0/0, ou seja cada volume (que corresponde a um semestre) 600 réis ou, ainda, 1\$000 réis, lindamente encadernado.

O preço da assignatura dos "SERÕES" é

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha.....	{ Anno.....	2\$200 réis
	{ Semestre ...	1\$200 »
	{ Trimestre...	600 »
Para o Brazil (Moeda fraca)	- Anno.....	12\$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro	- Anno.....	15 fr.

Pedidos á

Administração dos "SERÕES"

30, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30 — LISBOA

Telephone n.º 805

Mais vantagens aos nossos assignantes e compradores dos SERÕES

A todos os nossos assignantes e compradores dos SERÕES offerecemos o **Bonus de 10 %**, sobre o preço da venda, de um exemplar do **ANUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL**, edição 1909, para o que, bastará a apresentação d'este bilhete na administração do Anuario Commercial, Praça dos Restauradores, 30, (Palacio Foz).



AGUA CASTELLO

Minero-gazoza, lithinada natural

— DE —

— MOURA —

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.º

LISBOA

Gravuras dos SERÕES

Alugam-se quaesquer clichés publicados n'este Magazine.

Para tratar, na Administração dos SERÕES, Praça dos Restauradores, 30.

As nossas capas de luxo

Com o n.º 48, completou este bello magazine portuguez — **Serões** — o 8.º volume da 2.ª serie.

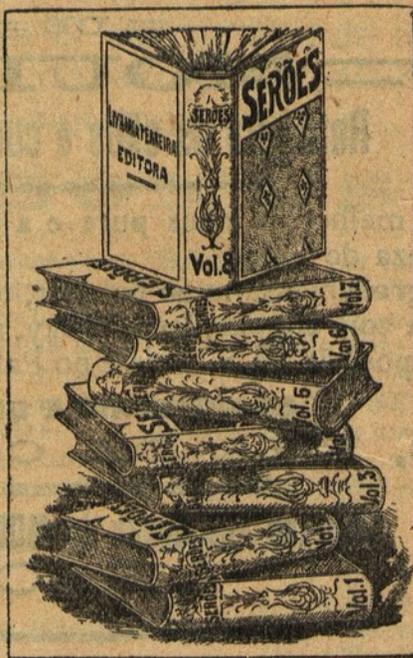
Os nossos estimaveis assignantes que desejarem utilizar-se das capas — de bello effeito em fundo de percalina vermelha a ouro e negro — pódem enviar-nos os 6 numeros para encadernar, juntamente com a importancia de 300 réis (custo da capa), 100 réis (de empaste) e 100 réis (de porte do correio), ou seja, tudo, **500 réis**, que dentro de cinco dias receberão o volume encadernado.

Os **Serões**, assim acabados, mais evidenciam ser a publicação, relativamente, mais barata que se faz entre nós.

1.ª Série

QUATRO VOLUMES

A 1\$200 réis cada



A 1\$200 réis cada

OTTO VOLUMES

2.ª Série

NOTA. — O maço a remetter-nos deverá ser embrulhado em papel consistente, atado com cordel forte, para que os numeros não sofram com o transporte. O pacote, devidamente estampilhado com sello de 80 réis, deve ser dirigido á

Administração dos SERÕES

Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA